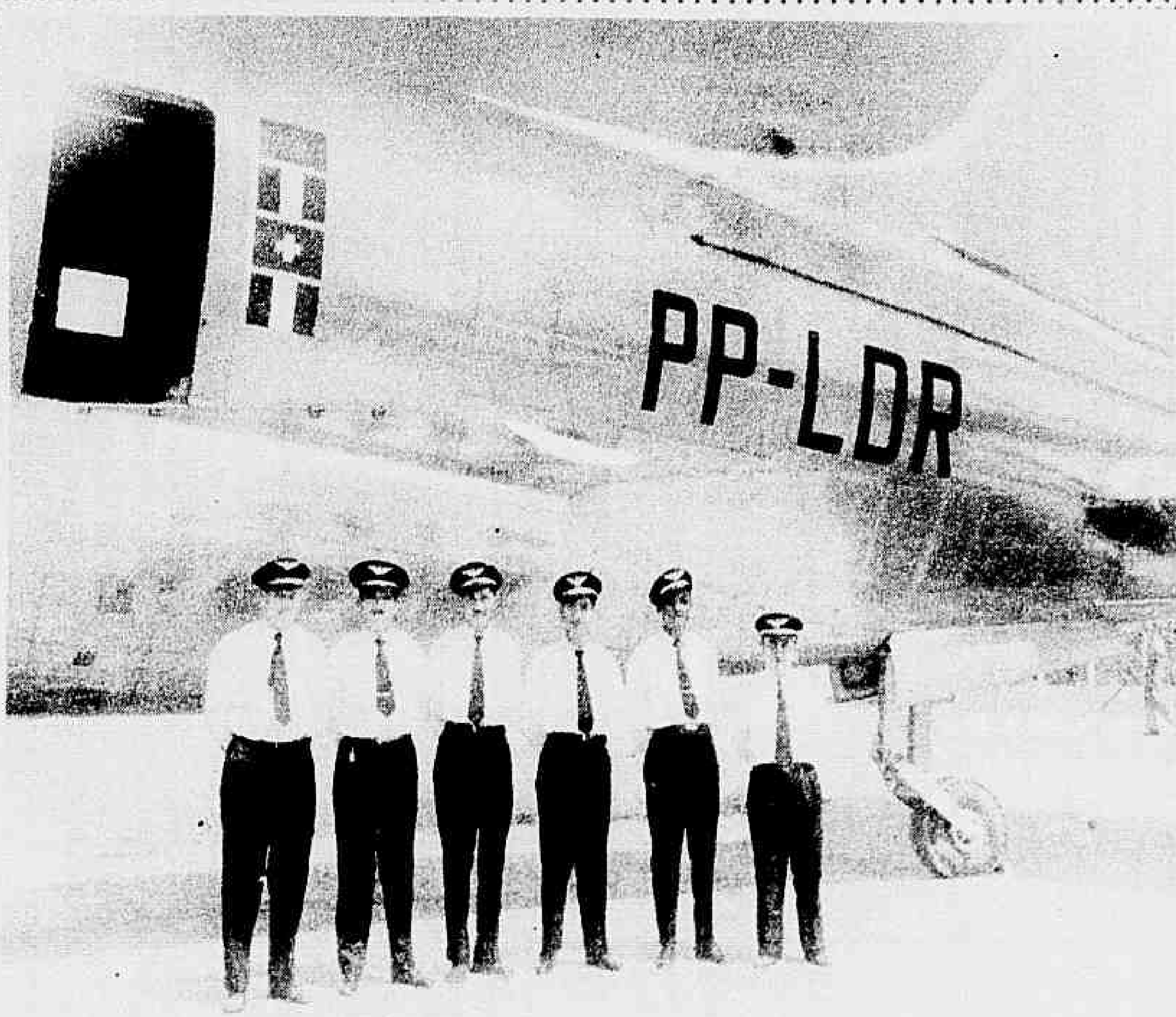
REVISTA DA SEMANA

N. 13 27-3-54 Cr$ 5,00 em todo o Brasil

QUEM ESTÁ MANDANDO NO BRASIL?



O LÓIDE AÉREO renova a sua frota



● Procedentes da Itália, aterraram no Aeroporto Santos Dumont, em 1º do corrente, mais duas aeronaves do tipo C-46, «CURTISS COMMAND» pertencentes ao LÓIDE AÉREO. Referidas aeronaves, que fazem parte de um grupo recentemente adquirido pela Emprêsa, tiveram como tripulantes os Comandantes: ROBERTO FRIETSCHER, MARIO GUILARDUCCI DO AMARAL, MARIO FRANQUEIRA SOARES e RENATO ESTÉVES PEDROSO; Rádio-operadores: RAUL LOPES DAS DORES e RICARDO GOMES DE NOVAIS; Mecânicos: FRANCISCO GAROTTA e DAVID MENDES DE OLIVEIRA, contando ainda com o Sr. Chefe do Departamento de Material: MANOEL GUERRA BORGES.

● Fica, assim, o LÓIDE AÉREO com suas possibilidades aumentadas para prosseguir no programa traçado de não medir esforços no sentido de servir sempre mais e melhor ao Brasil e aos brasileiros.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 13 ★ 27-3-1954

SUMÁRIO

Quem está mandando no Brasil? ... 4/7
O baile infantil do Municipal ... 10/12
As dez mais famosas cartas de Sobral Pinto ... 13/15
O carnaval da gurizada no Jóquei Clube ... 16/19
Entre mim e Noel só houve amizade e samba ... 20/21
Dona Dorotéia invadiu a praia ... 28/31
Em Paris é Primavera ... 32/33
A Grande Temporada Turfista ... 40/41
O carnaval dos inocentes ... 44/47
Sòmente Djalma não driblou a morte ... 50/53
Por êsse mundo de Deus ... 8/9
Semana Literária ... 24/25
Gente desgarrada ... 26/27
Conversa de mulher ... 36/37
Semana em revista ... 54/55
Champanhota ... 55
Último flash ... 58

Capa:
PRAIA
(Foto APLA)

- Redator-Chefe: **Joel Silveira**
- Assistente: **Hélio Abreu**
- Paginação: **Victor Tapajós**
- Desenhos: **Alberto Lima**
- Publicidade: **J. M. Costa Júnior, S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da **CIA. EDITÔRA AMERICANA.**

- Diretor: **Gratuliano Brito**
- Assistente: **Renato de Alencar**

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569
Publicidade: M. Gonçalves da Silva — Rua 15 de Novembro, 228, 5º andar, sala 517 — Tel.: 33-4811.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

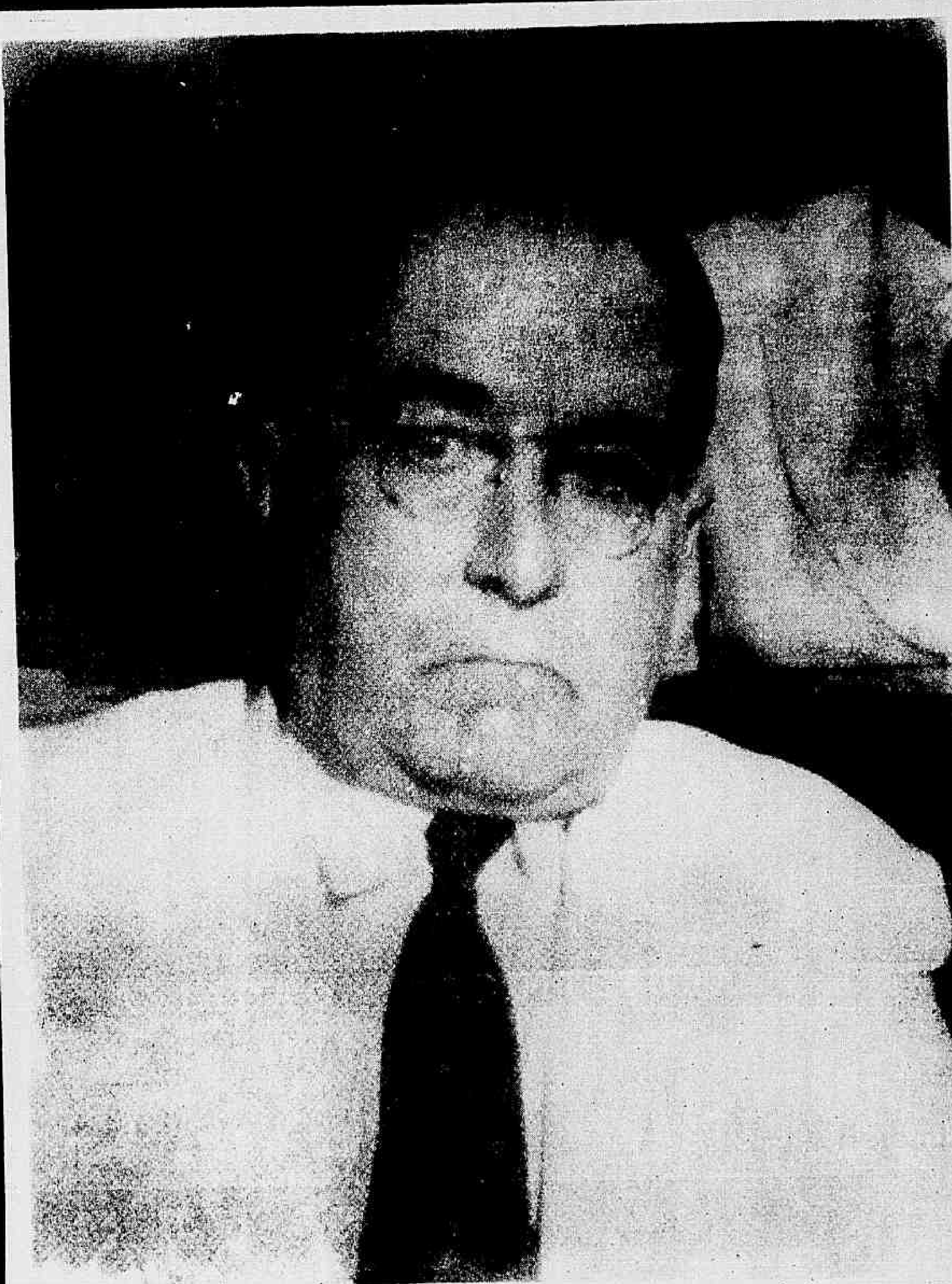
Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

CONFUSO E ATÔNITO PERGUNTA AFLITIVAMENTE O HOMEM DA RUA

Quem está mandando (de fato) no Brasil?



A LIDERANÇA NACIONAL SE DIVIDE ENTRE FÔRÇAS QUE NÃO SE HARMONIZAM E COMANDANTES QUE NÃO SE ENTENDEM ★ E O CATETE, DESPRESTIGIADO E CERCADO, É CADA VEZ MAIS UMA CASA DE SOMBRAS E SILÊNCIO.

Reportagem de JOEL SILVEIRA (nas páginas seguintes)



O PALÁCIO DA GUERRA: Cada janela acesa garante um artigo da Constituição.

QUEM ESTÁ MANDANDO DE FATO NO

A pergunta poderia ser desdobrada numa outra: quem, neste instante, teria fôrça e prestígio suficientes para estabelecer no país, **com o apoio do povo**, uma reforma do regime? Qual Partido? Que general? Qual homem de negócio? Que ministro? Qual líder? Nada. Ninguém. Nenhum.

Êstes últimos quatro anos agiram de maneira profunda junto à opinião pública, hoje irremediàvelmente marcada pela decepção e pela descrença. Renúncias, cambalachos, rendições, promessas que não se cumpriram, recuos, incoerências, injustiças e desacertos — tudo isso, agindo de forma desagregadora e negativa junto aos quadros dirigentes, acabou por reduzi-los, aos olhos do povo, às proporções de um bando de incapazes, de cúpidos, de incompetentes e oportunistas. Os problemas mais mínimos e imediatos não foram resolvidos; o povo não foi atendido em qualquer de suas reivindicações; multiplicaram-se os privilégios; a riqueza fácil frutifica, próspera, ao lado da pobreza que ficou mais pobre.

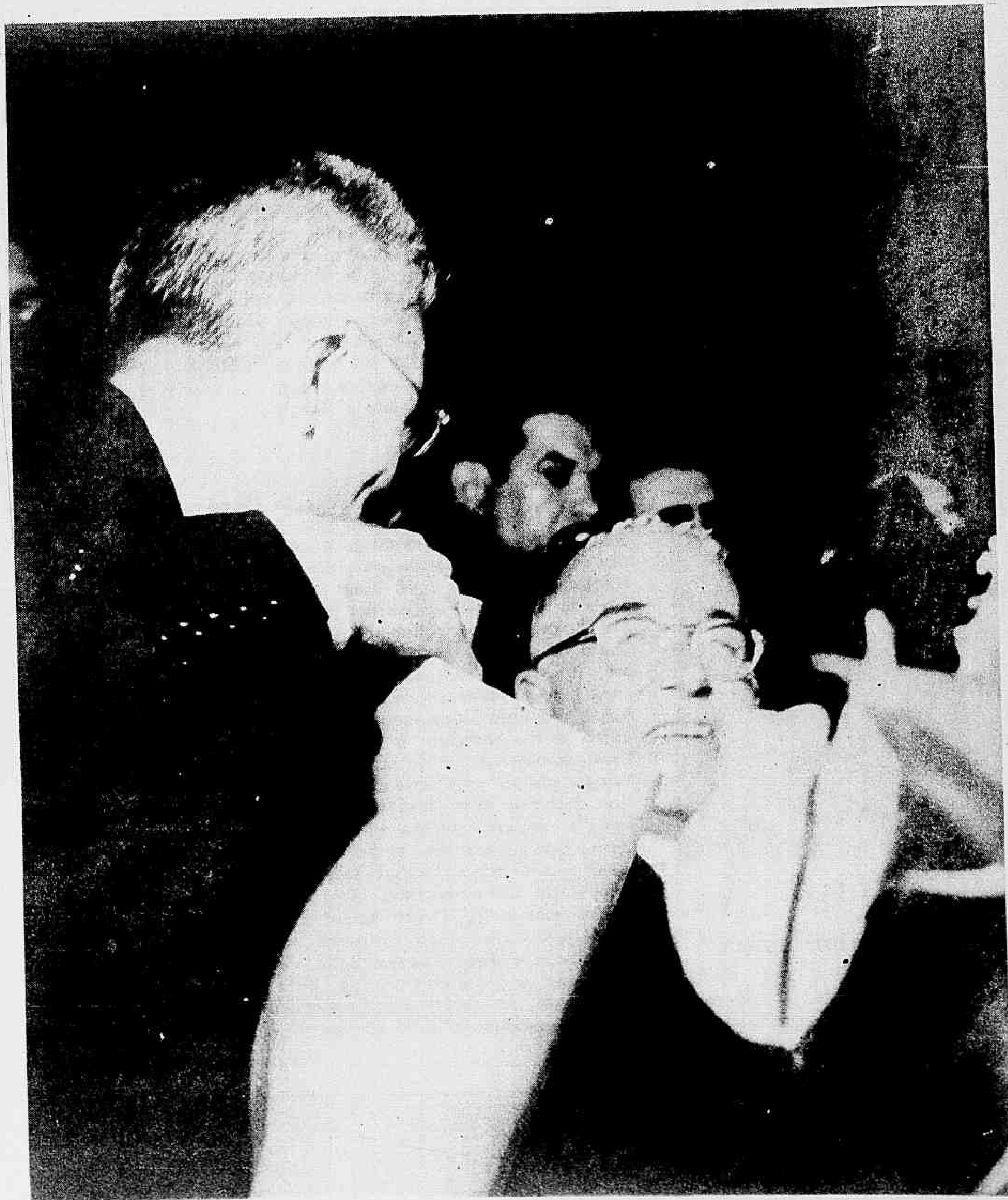
Despojadas da confiança pública, as classes dirigentes — Govêrno, partidos, líderes — estão sôltas no ar, sem lastro nem conteúdo. Ninguém manda mais de fato. O Poder, no Brasil, está dividido entre pequenas porções de pequenos chefes que se disputam, hostilizam-se e quase se entredevaram. Não há uma autoridade máxima, garantida e prestigiada pelo mecanismo constitucional. Há uma série sem conta de au-



VARGAS: Mágica às avessas ★ ARANHA: Antes, ás de ouro; agora, dois de paus ★ CLASSES PRODUTORAS: Levam a melhor na guerra contra o Estado ★ IGREJA: Mede, pesa e conta ★ EXÉRCITO: Não quer e não há de quem ser guarda pretoriana.

Reportagem de JOEL SILVEIRA

COSTUMA-SE perguntar qual o fator que mais contribuiu para o desgaste, em tão pouco tempo, dêste último govêrno de Getúlio Vargas. Seis meses após a sua posse, aquêle que recebera nas urnas perto de 4 milhões de votos, já não contava — a não ser numa escala mínima — com o apoio e a confiança do povo. E' que o mágico fracassara. Tôda a campanha eleitoral de Vargas, desde o instante em que êle deixou a pasmaceira de Itu até às vésperas do pleito, havia sido a peregrinação de um perdulário esbanjador de esperanças. Fôra prometido às massas carentes do país inteiro, o possível e o impossível. Armaram-se os mais irreais e mirabolantes programas de fartura e riqueza: iríamos ter carne a 6 cruzeiros o quilo; anunciou-se — dos rústicos e improvisados palanques, nos comícios do interior — que a especulação seria guerreada a ferro e a fogo; e afirmou-se, em tom solene de curandeiro ungido, que ninguém seria mais pobre e ninguém passaria mais fome. A posse do mágico foi uma festa da Esperança. Pulsaram os corações, à espera do grande Milagre — o Milagre imenso que deveria acontecer logo no dia seguinte. Não aconteceu. Os dias se sucederam, os meses, os anos — e viu-se então que da cartola do mágico risonho saía apenas uma porção de mágicas às avessas. A ilusão da carne a 6 cruzeiros transformou-se, por artes do Diabo, na realidade de uma carne, mais dura e amarga, a 24 cruzeiros o quilo. O mágico não tinha mais razão de ser. O público abandonou-o.



BRASIL?

que ... ses ... tão ... ém ... stá ... nos ... ase ... ná- ... mo, ... au-

toridades anãs, tôdas elas agindo num campo delimitado e se chocando, na sua ação, com a autoridade vizinha. Insegurança e desconfiança imperam na cúpola do Estado. O Catete virou uma casa fria, deserta, agourenta, residência compulsória de um governante eleito por milhões, num pleito memorável e a quem o exercício de um govêrno abúlico, medroso e incoerente acabou transformando no mais fraco e manietado de todos os nossos Presidentes da República.

ÊLES MANDAM NO CHEFE, MAS O CHEFE NÃO MANDA MAIS



ALZIRINHA:

Rusga, exílio e reassunção

● Ninguém jamais teve tanta influência junto a Vargas do que a sua filha Alzira. Durante muito tempo ela desempenhou, nos anos do Estado Novo, o papel de secretária particular do ditador. Corria, então, a seu respeito uma opinião controversa: dela dizia-se ter sido empolgada pelo fascismo, apoiando por conseguinte tôdas as artimanhas e os expedientes totalitários do «velho», até a data em que o Brasil entrou na guerra; outra corrente, no entanto, tinha-a na conta de uma democrata sincera a procurar, aflitivamente, evitar que o pai se comprometesse mais sèriamente na aventura de Hitler e Mussolini. Talvez Alzira não tenha sido (e não seja ainda) nem uma coisa nem outra, mas apenas uma moça de caráter versátil, viva e inteligente, a acompanhar, com o mesmo sorriso e a mesma intermitência, os vais e vens paternos. Há quem acredite, hoje, que a influência de Alzira Vargas junto ao «Patrão» (é assim que ela chama Varvas) já não seja tanto. Quando do caso «Última Hora», fala-se que um atrito mais sério entre o pai e a filha levou d. Alzira a «exilar-se» no seu palácio de Niterói, não aparecendo por muito tempo no Catete. Mas parece que as amenas relações entre pai e filha estão novamente restabelecidas; e Alzira Vargas do Amaral Peixoto volta a ser, na intimidade palaciana, a pessoa de maior influência junto a Getúlio.



LOURIVAL:

a manha discreta

● Lourival Fontes é de Riachão do Dantas, em Sergipe, um aglomerado de duzentas ou trezentas casas, quase tôdas de «sopapo», e onde o secretário da República será brevemente imortalizado numa praça que terá o seu nome. Lourival é de origem humilde, e criou-se e educou-se com a ajuda das famílias Cruz e Prado, suzeranos absolutos de Sergipe aos quais ainda hoje está ligado. Na sua adolescência, Lourival recebeu forte influência de Jackson Figueiredo, o que o levou a inclinar-se marcadamente, no terreno político, para a direita. Formou-se em Direito, fundou a revista «Hierarquia», na qual a doutrina fascista era saudada com entusiasmo, foi nomeado funcionário da Prefeitura, Getúlio mandou buscá-lo para o Departamento Nacional de Propaganda que, depois, seria o «Dip». A influência de Lourival junto a Vargas é um fato: Getúlio admira nêle o equilíbrio, a diplomacia manhosa, a discrição e o critério. Lourival Fontes é homem culto, escritor de recursos e um magnífico observador da política internacional. A sua conversão à democracia data de pouco tempo, mas, naturalmente para ressarcir o tempo perdido no culto ao totalitarismo, êle se entrega agora às idéias liberais com um amor que não admite limitações. Ùltimamente, o sonho de Lourival era ser governador de Sergipe, com o apoio de todos os partidos. Não foi possível. Parabéns a Lourival. Parabéns a Sergipe.



BEIJO:

E agora um ameno

● Há anos que Benjamim Vargas já não saca do revólver, numa buate ou num restaurante de luxo, e dispara para o ar ou contra alguém, num rompante do seu temperamento guasca. E possìvelmente não o fará mais. Dêle afirmam os mais íntimos que passou por uma completa transformação: é agora homem equilibrado, sensato, cheio de bom-senso e cuidados. E que, politicamente falando, está empenhado numa única cruzada: a de fazer todo o possível para que o mano conclua, sem maiores percalços e sem outro 29 de outubro, a sua última governança. Diàriamente, no fim da tarde, o coronel Benjamim Vargas chega ao Catete e, terminadas as audiências, fecha-se com Getúlio numa sala do palácio, para a conversa do dia que já se tornou famosa. Dizem que há um ano atrás, quando Getúlio quis fazer o sr. Danton Coelho chefe de Polícia, contra a vontade dos generais, foi o mano Benjamim que o dissuadiu a não tentar furar a onda... Preocupado em passar a limpo um passado de arrogância e destemperos, Beijo Vargas esforça-se, hoje, por mostrar-se, no trato com todos, ameno, educado e modesto. Assim agindo, já desfez inimizades feitas no calor do trabuco; e já conquistou amizades que pareciam impossíveis.

QUEM ESTÁ



ZENÓBIO

Ministro e delegado

● Getúlio tinha uma dívida grande para com o general Zenóbio da Costa. Foi o general que, intervindo no plano jurídico, prometeu garantir, com a sua valente espada, a posse de Getúlio, recém-eleito e ameaçado sèriamente pela tese da «maioria absoluta» desencadeada pelos que não se haviam conformado com a derrota. A dívida só foi paga no dia 19 de fevereiro último, e assim mesmo por fôrça de um «ultimatum» militar que não admitia mais evasivas e negaças. O repórter Carlos Castelo Branco já contou, a respeito, na sua coluna do «Diário Carioca», o seguinte episódio:

«Na noite de 19 de fevereiro, o general Cordeiro de Farias foi interpelar o sr. Getúlio Vargas sôbre a nomeação do general Zenóbio da Costa. Se o Presidente ia nomeá-lo ou não. A opinião das Fôrças Armadas era que o chefe do Govêrno não podia recuar dessa escolha.

— Quer dizer que eu não tenho liberdade de escolher os meus Ministros? — perguntou o sr. Getúlio Vargas.

— Claro que tem — respondeu o general. — Apenas entendemos que o senhor não tem o direito de assumir uma atitude subversiva.

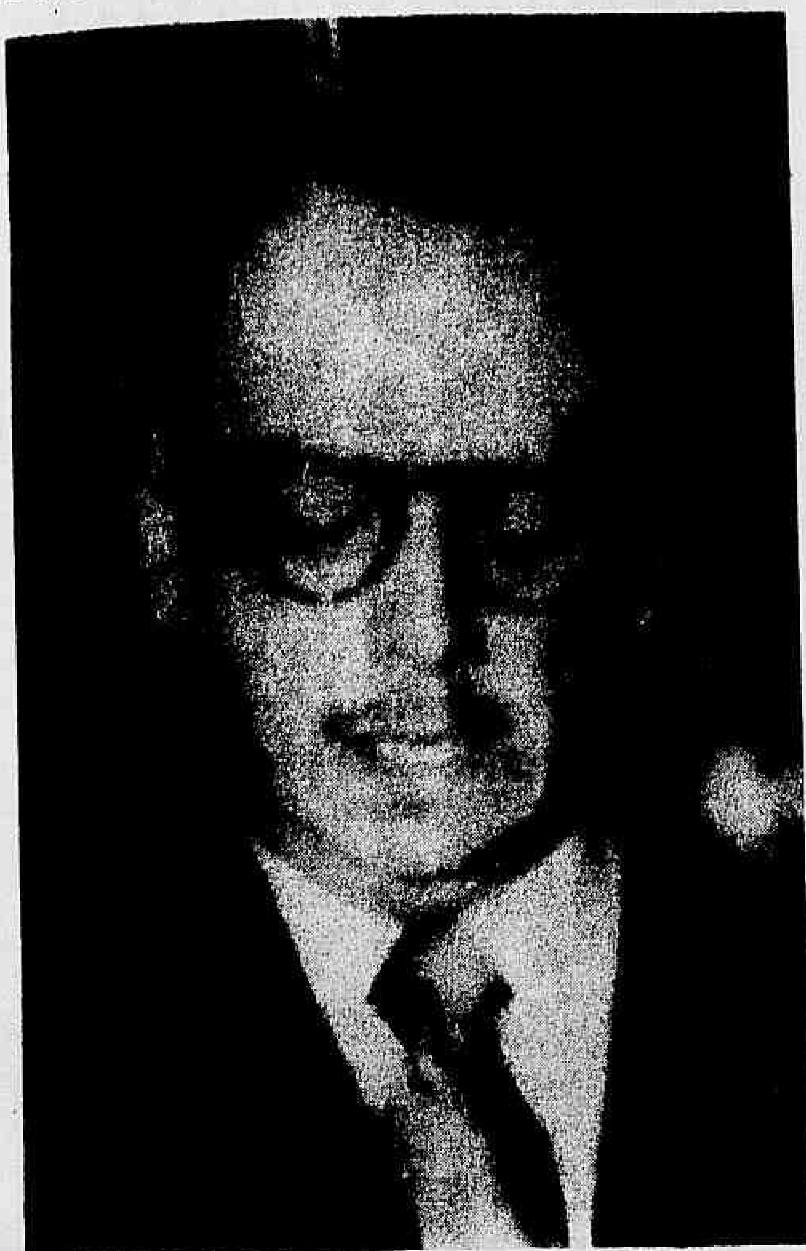
O general acrescentou que não estava ali para fazer imposições. Desejava apenas saber se o sr. Getúlio Vargas ia nomear o general Zenóbio ou não.

— Os meus generais querem saber a resposta. Quanto a mim — acrescentou — o que devo lhe dizer é que não gostaria de representar de novo o papel que me coube em 1945.

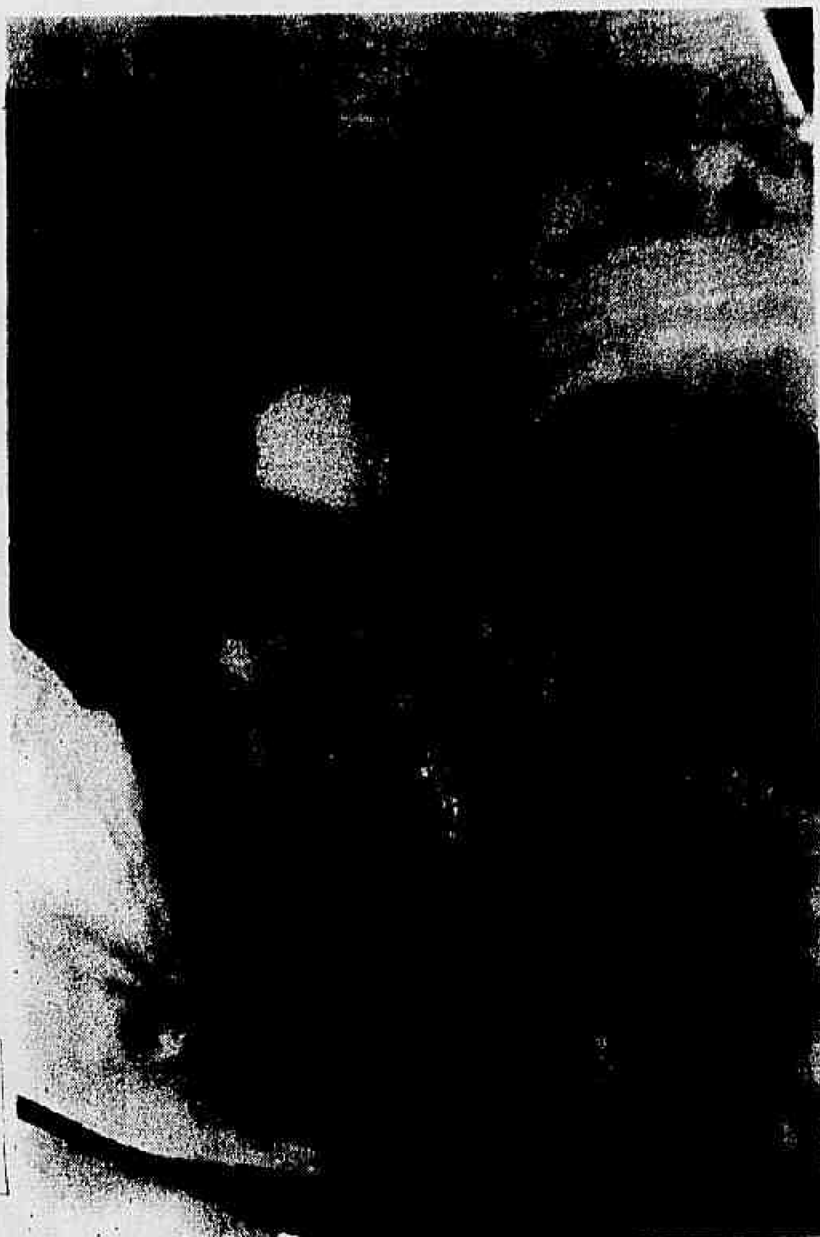
Ministro da Guerra, Zenóbio da Costa é fiador da unidade do Exército, o que não quer dizer seja êle a figura de mais prestígio das Classes Armadas. Um Canrobert Pereira da Costa ou um Mascarenhas de Morais representam mais, nesse sentido, do que o antigo comandante da infantaria da FEB.

Pessoalmente, o general Zenóbio é um homem emotivo, de muita bravura e de idéias pessoais. Tem o seu «brain-trust», que o acompanha há vinte anos e que foi com êle para a guerra. Praticou proesas (algumas sem necessidade e até inconvenientes) na campanha italiana, onde deixou fama de valente e um tanto rebelde (à maneira do general Patton) à rigidez dos planos militares. Muito político «golpista» ainda vê nêle o chefe militar ideal para «topar» um bochincho anti-constitucional ou comandar uma guarda pretoriana contra o regime.

MANDANDO (DE FATO) NO BRASIL?



COMERCIO



OS CARDEAIS



ARANHA:

Brigando por conta própria

● Mais ameaçadora se mostra a intervenção estatal, mais coesa e aguerrida se faz a corporação dos homens do comércio, agora sob o comando de um capitão moço, determinado e bravo: Brasílio Machado Neto. De tempos para cá, aquelas reuniões no Palácio da rua da Candelária viraram pugnas ardentes, nas quais a ação oficial é criticada em palavras duras e anatematizados todos os erros e descontroles de um govêrno semi-intervencionista e demagógico. Foi o Comércio (a Indústria passa por uma fase morna, por falta de um líder nacional) quem derrubou o ministro Jango Goulart; e será o Comércio quem, fatalmente, acabará anulando o pouco de ação e de poderes que ainda resta à «Cofap» do coronel Hélio Braga. Quando o ministro Aranha compareceu, há dias, a uma reunião na Confederação da rua da Candelária, teve que enfrentar uma sabatina verdadeiramente inquisitorial, sem formalidades nem inibições.

Assim harmônicamente disciplinadas, donas de uma só maneira de pensar, as classes conservadoras se mostram, na atualidade nacional, como uma fôrça ponderável que está disposta a ir para as eleições como quem vai para uma guerra — com a sua bandeira e os seus comandantes próprios. E os comícios já começaram: pelo menos duas vêzes por semana êles têm lugar lá entre os mármores italianos da Confederação da rua da Candelária. Nessas reuniões, ninguém tem piedade para com o govêrno. E já não se observa, nas manifestações dos homens do Comércio, aquela timidez antiga, aquela inibição diante dos poderes públicos. Hoje a ofensiva é crua, decidida, frontal, brava. Autoridades que lá vão, convocadas pelos líderes do palácio da Candelária, voltam com a pele ardendo, tal o furor da crítica. É a guerra.

Nenhuma batalha perdida

● Os cardeais d. Jaime Câmara (do Rio de Janeiro) e Carlos Carmelo da Costa (de São Paulo) comandam no Brasil, com inteligência e firmeza, o pensamento e a ação da Igreja Católica. (O outro cardeal brasileiro, d. Álvaro Augusto da Silva, da Bahia, tem uma influência pràticamente local). Entre os três, d. Carmelo é o mais ativo, o mais diligente e está mais dentro do seu tempo. Foi êle, em S. Paulo, um dos comandantes mais decididos da batalha contra a eleição do sr. Ademar de Barros ao govêrno estadual — uma batalha que tinha no sr. José Carlos de Macedo Soares um porta-voz brilhante e um executor fiel. Ademar foi eleito, mas d. Carmelo, quatro anos depois, acabou por ganhar a sua batalha, influindo junto ao governador paulista no sentido de que êsse fizesse do professor católico Lucas Nogueira Garcez o seu sucessor. Eleito, Lucas Garcez formou um secretariado de homens fiéis à Igreja e pollticamente conservadores — e sabe-se que foi d. Carmelo quem sugeriu ao governador recém-eleito os nomes do seu primeiro gabinete. Afirma-se também que d. Carmelo é quem influiu, mais do que Getúlio, junto a Garcez para que êste se desligasse definitivamente de Ademar de Barros.

Quanto ao cardeal d. Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro, sua influência manifesta-se através de vários grupos políticos e de elementos das classes conservadoras. A derrota sofrida por ocasião das últimas eleições, quando, através da Liga Eleitoral Católica (LEC) êle se colocou contra a candidatura Café Filho, representou para o cardeal Câmara uma amarga experiência, levando-o a reconsiderar a sua tática política. Significará isso, talvez, que, nas próximas eleições, a LEC não tomará frontalmente posição eleitoral.

A instrução 70 e uma lápide fria

● Naqueles dias em que o ministério de Vargas baixara a zero, começou-se a sussurrar que Osvaldo Aranha estava de posse de uma arma secreta que, posta em funcionamento, iria aplainar as dificuldades e debelar a crise. Empossado pela segunda vez no Ministério da Fazenda, Aranha cuidou de revelar o seu plano salvador. E veio a «Instrução 70». Prometia-se, através dela, acabar com a imoralíssima atmosfera de especulação criada pela «Cexim»; a venda de ágios, em que repousaria principalmente a nova política financeira, iria favorecer a agro-pecuária e o pagamento dos nossos atrasados no exterior. O dólar — após a inevitável alta dos primeiros dias — teria uma cotação estabilizada em têrmos razoáveis; e tudo isso, ao lado de risonhas anunciações menores, redundaria fatalmente na baixa do custo da vida. Êsse o estandarte, azul, ouro e côr-de-rosa, que Osvaldo Aranha desfraldou diante do país naquele 10 de outubro de 1953. «Quero apenas quatro meses para provar que estou certo».

Os quatro meses seriam assim uma espécie de túnel do outro lado do qual haveria de sair um Osvaldo Aranha vitorioso e, por conseguinte, dono de um enorme prestígio político que fatalmente o levaria à presidência da República; ou um Aranha fragorosamente vencido, após ter queimado a sua última chance. E é êsse Osvaldo Aranha, derrotado e amargo, que vemos aparecer agora, na bôca escura do túnel não de quatro, mas de seis meses. O dólar não desceu; a moeda desvaloriza-se naturalmente; a farândola dos preços é mais doida do que nunca; o crédito no exterior não é melhor do que era; a inflação não foi contida. E no baralho político, Aranha, ás de ouro, passa a ser dois de paus.



Por êsse Mundo de Deus

● Na foto ao lado, tirada em Paris, o poeta brasileiro Vinicius de Morais aparece conversando com Michel Simon, o famosíssimo «astro» do cinema francês e que agora se encontra em S. Paulo, como integrante da delegação do seu país ao Festival do Cinema que presentemente se realiza na capital paulista.

MADAME PORFÍRIO RUBI ROSA

BARBARA HUTTON é um dêsses tipos que os jornais franceses chamam de «filles de l'ennui»: milionárias que passeiam o seu tédio entre as duas margens do Atlântico. A nova mulher de Porfírio Rubirosa casou-se primeiramente, antes de ser maior de idade, com Alexis Adivani, tão «boudoir-boy» quanto o seu atual marido, príncipe da Geórgia, um pouco desprezado pelos outros nobres russos. Babs emagreceu vinte quilos. Morre-lhe o pai e herda vinte milhões de dólares. Na primeira grande festa dada pelo casal, no Hotel Ritz, de Paris, fazia parte como convidado justamente o segundo homem — Kurt Augwitz Reventlov — com quem ela casou um ano depois, no Reno. Êle lhe dá um filho, e ela se cansa das cenas que o marido lhe faz. Separação em 1938. Pausa para meditação. Quatro anos depois, chegava a hora de Cary Grant, que não foi, entretanto, levado à presença do juiz de paz. **Não quero mais casar-me,** disse ela. **Os homens são mais agradáveis quando nos fazem a côrte do que quando maridos.**

● Mas em 1947, pela terceira vez, Barbara se casava com um personagem cheio de consoantes: o príncipe Igor Troubetzkoii. Ela explicou: **«Quero um marido que seja um cavalheiro e capaz de muita ternura».** Quatro anos depois, o divórcio e uma declaração amarga: **Êle só queria o meu dinheiro; tenho necessidade de solidão e não quero mais casar-me.**

Falou-se por um momento em von Gramm, o campeão de tênis. A sociedade ficou cética: não por causa de Barbara Hutton, mas porque o campeão não era tido por um rapaz de pendores matrimoniais. De fato, o casamento não aconteceu, como diria um colunista social.

● Antes de casar-se com o sul-americano Porfírio, disse Barbara: **Minha posição não é fácil. Na América, quem herda uma grande fortuna é considerado um monstro. ' pior ainda para as mulheres. Se ela é mais rica do que a tuna é considerado um monstro. E' pior ainda veis fogem dela porque têm mêdo de ser acusados de amá-la por dinheiro.**

DORIAN GRAY EM MULHER

● Eis aqui Marlene Dietrich, a 30.000 dólares por semana, em um «night-club» de Las Vegas, como se nada houvesse acontecido desde a sua estréia artística em «O Anjo Azul». Sua neta conta atualmente três anos de idade.



PETER LORRE:

A HORA MAIS EXTRAORDINÁRIA DA MINHA VIDA



"Meu filme, "O Maldito", já passava há várias semanas em diversas cidades da Alemanha, quando recebi a seguinte carta, enviada de Dresde:

"Caro senhor Lorre: eu o vi no filme "O Maldito". Era aterrorizador. Sem cessar, em seguida, vejo o seu olhar a perseguir-me. O senhor me olha como se quisesse intimar-me, obrigar-me a cometer crimes, exatamente como no filme. Deixe de perseguir-me assim, porque o senhor será a primeira vítima".

Nada de assinatura ou endereço. Não fiz mais do que rir e joguei a carta na cêsta. Mas a história não tinha terminado: recebi logo em seguida uma segunda carta, depois uma outra. Por fim, não passava mais um dia que não encontrasse uma delas em minha correspondência.

O acaso quis que recebesse por essa época a visita de um dos meus bons amigos, Weneburg, chefe da brigada criminal de Berlim: o mesmo que nos havia dado conselhos para a filmagem.

Contei-lhe a história de meu extraordinário correspondente. Êle não levou o caso tão em brincadeira como eu, e pediu-me para entregar-lhe as cartas, com a intenção, disse êle, de fazê-las examinar por um grafólogo.

Pouco tempo depois, êle me chamava ao telefone e me recomendava prudência. O autor das cartas era um perigoso louco, e Weneburg estava decidido a fazer imediatamente o impossível para descobri-lo.

Já seria tarde demais? No dia seguinte à tarde, uma carta do desconhecido estava sôbre a minha mesa.

Prezado senhor Lorre: Basta. O senhor não aceitou o meu pedido. Seu olhar me persegue sempre. Deixei meu emprêgo, vendi tudo que possuía. Oito horas depois de ter recebido esta o senhor me verá surgir à sua frente, uma arma na mão. Sua morte finalmente porá um fim a meu suplício".

Olhei o relógio: 3.30. A carta tinha chegado pelo correio da manhã mas, como eu tinha saído muito cedo, só tomei conhecimento dela na volta. Sem dúvida, era tarde demais para chamar Weneburg; precisava pelo menos adverti-lo. Logo que me atendeu do outro lado do fio, prometeu acorrer imediatamentee.

Olhei novamento meu relógio: 3.35. O suor escorria-me pela fronte.

Quatro horas. Por um instante, fiquei sem respirar. Pareceu-me que o coração havia parado de bater. No mesmo segundo, a campainha tocou: êle lá estava, era êle!

Eu o sabia e não me arredava do lugar. Ouvi em seguida golpes de mão fechada sacudir a porta, em seguida uma espécie de estalido, como se alguém tentasse derrubá-la com os ombros.

No mesmo momento, adivinhei o rodar de um carro, passos rápidos sôbre a escada: era Weneburg e dois policiais. *In extremis*, fui salvo.



● Na foto ao lado, tirada em Paris, o poeta brasileiro Vinicius de Morais aparece conversando com Michel Simon, a famosíssimo «astro» do cinema francês e que agora se encontra em S. Paulo, como integrante da delegação do seu país ao Festival do Cinema que presentemente se realiza na capital paulista.

DISSERAM

● *Truman Capote, enfant terrible e jovem romancista americano: "Fizeram-me a reputação de diabólico. O modo pelo qual vive um casal, por exemplo, nunca me satisfaz. Gosto de modificá-lo segundo me convém. Quebro os lares. Digo ao marido que êle merece uma espôsa melhor; à mulher digo que ela não poderá nunca ser feliz com o homem com quem se casou. Depois que os separei, se me permitem isso, encontro para êles novos partidos. Dessa vez, porém, fico cioso das uniões dêles, porque o autor delas. Sei que isso pode parecer terrível, mas meus motivos são idealistas".* ● *Gene Tierney: "Há no mundo uma dúzia de homens com os quais podemos casar e ser felizes".* ● *Walt Disney: "As criaturas mais sedutoras que encontrei foram, o mais das vêzes, animais".*

Instantâneos

● **O ideal de uma noite** — Um grande jornal londrino posou a seguinte questão às leitoras: «Se você pudesse escolher um cavalheiro para uma noite, que homem em todo o mundo seria o seu eleito?» O duque de Edimburgo ganhou disparado em primeiro lugar. O ator inglês Dirk Bogard entrou em segundo. Gregory Peck, ator preferido da princesa Margaret, conseguiu um, relativamente, modesto quinto lugar. O gordo ex-rei Faruk, por incrível que pareça, ganhou alguns votos. Tiveram vozes também os «shá» da Pérsia e Naguib. E até mesmo o arcebispo de Cantuária, de 66 anos, teve um voto.

● **Honra ao mérito** — Hailé Selassié, imperador da Etiópia, criou uma nova comenda em seu país: a Ordem de Fidelidade Conjugal. Para ser cavaleiro da Ordem, são pedidos 25 anos de fidelidade; 40 anos, para ser oficial. Até agora, apenas cinco homens receberam a condecoração (o imperador, naturalmente, inclusive). A notícia não fala em mulheres. Parece que a ordem se reserva ao sexo forte.



Três futuras Rainhas do Carnaval, lá para o ano de 1980, quando olharão com imensa saudade a boa vidinha de brotos dêste 1954.

MUITA ALEGRIA E ANIMAÇÃO

NO BAILE INFANTIL DO MUNICIPAL



Com uma pose de verdadeira «Dama dos tempos dos Mosqueteiros», esta menina está bastante compenetrada de sua personalidade.



Esta interessante garotinha compareceu ao baile do Teatro Municipal ocultando-se atrás de uma verdadeira cascata de belíssimas flores.



José Carlos Ramos, com a fantasia de «Menestre», conquista o quatro prêmio; mas não se ouviu nenhuma balada à sua eleita.



Êste é o «Napoleão» Darlan Adib Hanch, que abiscoitou o oitavo lugar entre os mais bem fantasiados do animado baile do Municipal.



E a bonita garotinha, que, embora ainda não saiba marcar o passo do frevo, já sabe dizer «Deixa o Capela passar», muito se divertiu.



Com uma autêntica expressão de vate amoroso que vê sua Dulcinéia nos braços do rival, êste nobre do século XVI vai chorar.

O baile infantil do Municipal, na têrça-feira gorda, do carnaval de 1954, conseguiu ultrapassar tudo o que já registrara nos anos anteriores, atraindo imensa multidão de crianças e brotos (alguns já bem taludinhos, não?), transformando-se a nossa maior e mais luxuosa casa de espetáculos num mundo de sonhos e estonteante alegria. A Comissão Julgadora, no final das contas, teve grande dificuldade em classificar os concorrentes, tão belas eram as concepções de fantasias. Nesta reportagem damos os primeiros e segundos lugares para meninos e meninas.



E a rapaziada caiu em cheio na grossa farra carnavalesca de têrça-feira gorda lá no Municipal sambando até parar a cuíca

AL

«Me-
mas
leita.

NO BAILE INFANTIL DO MUNIC.





1º LUGAR — UM SONHO DO SÉCULO XVII (Ada Figueiredo)

2º LUGAR — BORBOLETA (Maria Aparecida Menezes Martins)

1º LUGAR — HENRIQUE VIII (Ricardo Aquim)

2º LUGAR — JÚLIO CÉSAR (Guilherme Guimarães)





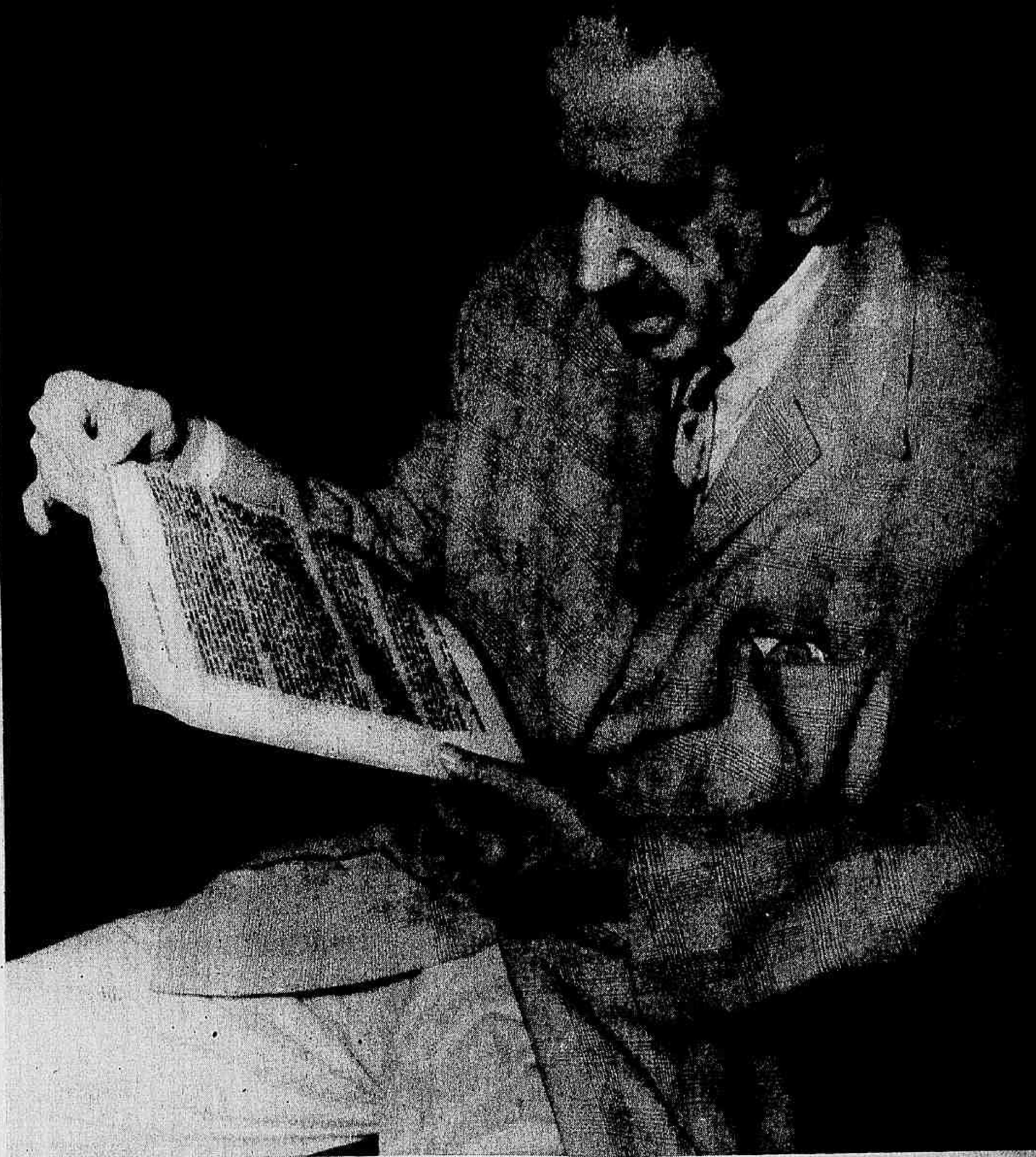
A CORAGEM DE DIZER A VERDADE NOS MOMENTOS MAIS DIFÍCEIS

Carta nº 1:

GETÚLIO VAI DAR O GOLPE!

Acreditando que manobras políticas prenunciavam um golpe de Estado, no dia 18 de outubro de 1937, Sobral Pinto escreveu ao Cardeal Dom Leme a seguinte carta:

"Como católico e como cidadão, venho bater, Eminência, às portas do meu Pastor, que soube cumprir com os demais irmãos do Episcopado a sua nobre missão da Fé contra o comunismo ateu já percebeu por certo o perigo que estar a ameaçar, iminente, os nossos destinos de Nação cristã. E' que caminhamos, Eminência, a passos largos para o esmagamento das Liberdades públicas varridas pelo tufão dos Messias que ora nos infelicitam. Não é só o comunismo que nos ameaça. Outro perigo e bem maior estar suspenso sôbre as nossas cabeças: o do Poder absoluto e incontrastável ao qual não deve ser estranho, a meu ver, o Integralismo que vive a pregar a doutrina do Estado totalitário, na ingênua suposição de que o sr. Getúlio Vargas ou as classes armadas vão governar para êles. (E o próprio entrevistado explica ao repórter: a carta foi divulgada durante o Estado de Guerra e o povo previu que realmente o golpe estava tramado. Houve o alertamento).



As 10 mais famosas cartas de SOBRAL PINTO

Reportagem de DELZO RENAULT

Fotos de ALBERTO FERREIRA

Em outubro de 37, o Brasil foi avisado de que Getúlio ia dar o golpe; e em março de 1940 a coragem de um advogado, que se apresentava como defensor do comunista Luís Carlos Prestes, emocionou o país inteiro.

A formação moral e religiosa de Sobral Pinto cimentou o caminho de luta bravia que tem marcado tôdas suas atitudes. Através da palavra escrita ou falada, o advogado mineiro corre sempre em defesa daqueles que têm sêde de Justiça. Fala quando julga necessário falar. Com sua pena de fogo escreve aquilo que julga ser a Verdade e a Justiça. Assim tem sido até hoje: Sobral é o advogado ex-ofício daqueles que estão indefesos.

Nascido em Barbacena no ano de 1893, Heraclito Sobral Pinto veio exercer a advocacia no Rio. Foi Procurador Criminal da República no govêrno de Artur Bernardes e dêste cargo demitiu-se no govêrno de Washington Luís. Mais tarde foi Procurador Geral do Distrito Federal. Desde então, tem recusado todos os convites que lhe foram feitos para ocupar cargos públicos: secretário da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, Juiz do Tribunal de Segurança Nacional e outras funções públicas. Na sua tranqüila residência, nas Laranjeiras, Sobral tem sido uma sentinela vigilante da Liberdade em tôda sua acepção. O advogado tem arquivadas mais de seiscentas cartas endereçadas às personalidades mais diversas do país. Nesta reportagem estão as dez mais famosas cartas de Sobral Pinto. Muitas ficaram sem resposta, mas, tôdas tiveram repercussão na comunidade brasileira. Do seu opulento e valioso arquivo, Sobral entregou à reportagem as dez cartas que vão estampadas nesta página, e que, na sua opinião, representaram papel preponderante na vida político-social do país nos últimos anos.



Em 1938 ou 39, nos mais turvos dias do Brasil, suas cartas relampejavam como chispas de fogo.

AS 10 MAIS FAMOSAS CARTAS DE SOBRAL PINTO

Carta nº 2:

LIBELO CONTRA BENEDITO VALADARES

No dia 6 de novembro de 1937, logo que o sr. Francisco Campos foi convidado para a pasta da Justiça, Sobral endereçou ao quase Ministro a seguinte carta:

"Não acha você que já é bastante esta depravação inominável que representa o govêrno de Minas nas mãos de um Benedito Valadares? E mais adiante: Ora, meu caro Campos, qual o maior responsável pela inversão total dos valores senão êsse mesmo Getúlio que merece, agora, tôdas as suas preferências, e que se utiliza do seu talento, do seu preparo e da sua experiência para lançar o país neste caos alucinante em que nos debatemos e do qual êle pensa poder tirar, à custa de mistificações sucessivas, uma fórmula que lhe permita perpetuar-se no Poder Supremo do país, que êle infelicita, com a sua ambição medíocre e seus propósitos corruptores.

Carta nº 3

O 10 de novembro demitiu o homem brasileiro de sua nobre qualidade de cidadão livre

Osvaldo Aranha regressa da América do Norte, é convidado para a pasta das Relações Exteriores e saúda Getúlio no dia 19 de abril de 1938. No dia 23 do mesmo mês, o advogado envia-lhe esta carta:

"O discurso que o senhor pronunciou a 19 do corrente, na assim chamada Hora do Brasil traz êste endereço: Meus patrícios. E', pois, nesta qualidade que ao senhor ora me dirijo. Não venho erguer protestos, e muito menos formular censuras. Aquêles seriam inúteis e êstes sem autoridade. Insignificante grão de areia no oceano imenso dos brasileiros, minha voz sumida e frágil se perderia, impotente, na estagnação alarmante das consciências dos nossos dirigentes. Possuídos agora mais do que nunca pelo Demônio do orgulho e do mando. Nada valho e nada posso. Mas, em compensação, nada quero, a não ser a grandeza real da minha Pátria, e a dignificação efetiva do Homem brasileiro, demitido pelo golpe de 10 de novembro de sua nobre qualidade de cidadão livre para ser lançado na torpe condição de escravo dos seus dirigentes".

Carta nº 4:

CAPANEMA É O ALVO

Em setembro de 1939, Capanema, Ministro da Educação, convoca a juventude brasileira para a primeira concentração após a instalação do Estado Novo. Sobral explica ao repórter que choveu copiosamente em tôda a cidade e, por isto, a manifestação não se realizou. No dia seguinte êle escreveu esta carta ao Ministro:

"Muito feliz, entretanto, foi o organizador dos festejos de ontem, quando reservou para o espetáculo de gala a representação da ópera "O Escravo". Esta é a grande figura nacional do instante que passa. Sem direitos, sem leis, sem tribunais e sem garantias, o cidadão brasileiro só para uma coisa tem liberdade: para beijar genuflexo e humilhado, a mão sagrada do feitor Supremo, que empenha, frio e sorridente, o chicote que, a seu bel-prazer, faz passear de quando em vez, no lombo desnudo que, sendo livre outrora passou a ser um simples objeto do poderoso Caudilho gaúcho".

Carta nº 5:

DEFESA DO PRESIDIÁRIO LUÍS CARLOS PRESTES

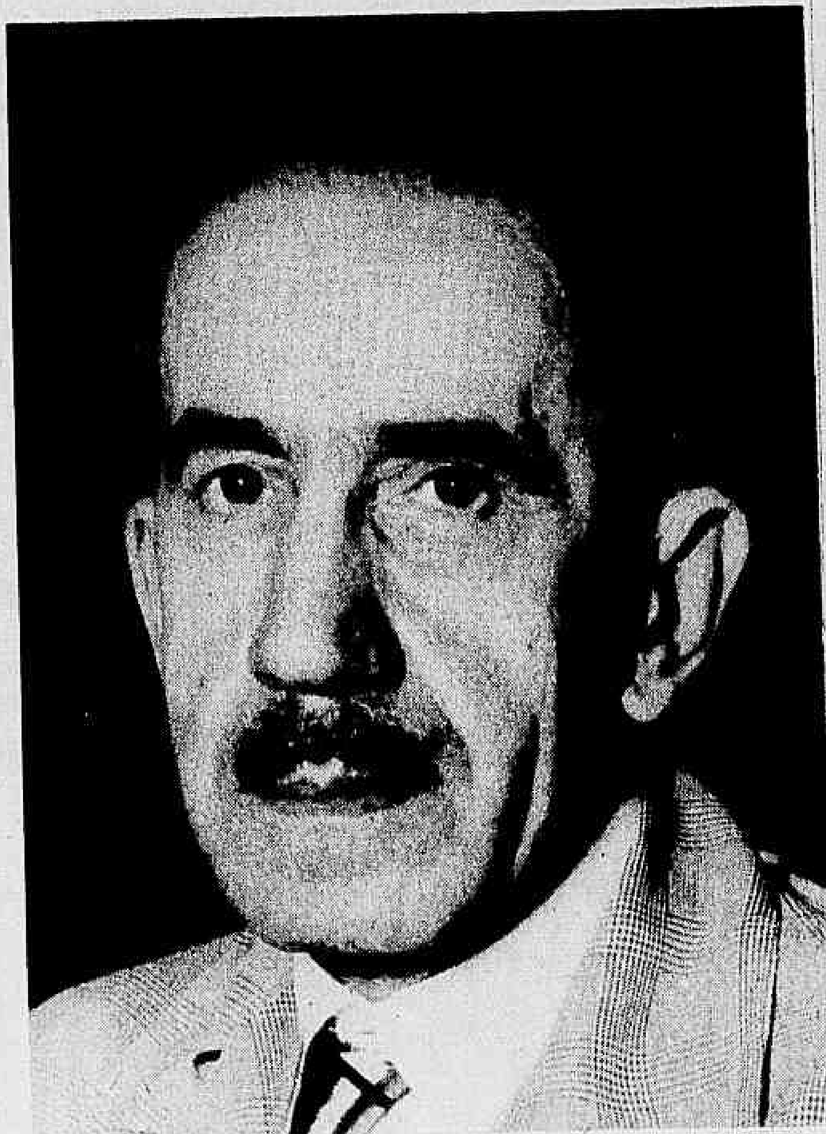
Em março de 1940, Lemos Brito, presidente do Conselho Penitenciário, foi visitar a Casa de Correção. O sr. Canepa levou-o a visitar o cubículo onde estava Luís Carlos Prestes. Aquela autoridade então informou elogiando o regime impôsto ao chefe comunista. No dia 9 de março daquele ano, Sobral dirigiu longa carta ao presidente da Inspetoria Geral Penitenciária:

"Apurou, porém, você outras coisas muito fundamentais que são sistemàticamente negadas a Luís Carlos Prestes? Indagou você algo sôbre o isolamento férreo e atroz em que vem sendo mantido Luís Carlos Prestes? Pelos atuais responsáveis da administração brasileira? Não lhe chegou aos ouvidos a notícia de que êsse Canepa, que você tanto enaltece tentou covardemente agridir-me no seu gabinete, quando, no cumprimento austero do meu dever profissional ali compareci para pleitear, como era de minha obrigação, uma licença meramente administrativa, para me avistar no interêsse da defesa com êste meu cliente ex-ofício? Ignora você, por acaso, que, por não me haver acovardado e ter sabido afrontar com energia, que colocaram à testa da Casa de Correção com o só objetivo de esmagar a personalidade de Luís Carlos Prestes, fui vítima de um monstruoso flagrante por crimes de desacato e ferimentos leves, flagrante êste que foi completamente desmoralizado pela Justiça serena desta capital? Não lhe disseram, também, que de vez em quando e para ver se quebram a fibra de Luís Carlos Prestes, proibem-no de escrever e receber cartas de sua velha mãe, atualmente exilada no estrangeiro?" (Não houve modificação no tratamento dado a Prestes — explica Sobral — a não ser tempos depois. Por sua vez, Canepa modificou-se muito com a queda do Estado Novo e hoje é meu amigo).

Carta nº 6:

POLÊMICA COM CASSIANO RICARDO

Em 1944, Sobral e o acadêmico Cassiano Ricardo travaram uma polêmica. E o advogado achou do seu dever comunicar aos demais membros da Academia Brasileira de Letras o conteúdo da correspondência trocada entre os dois. Sobral Pinto julgou também ser necessário enviar a carta-circular também ao acadêmico Getúlio Vargas. Mas, como a pessoa do acadêmico se confundia com a do Chefe de Estado, a carta foi encerrada com êstes dizeres:



SOBRAL PINTO: Deus é a sua coragem.

"Falando agora ao homem de letras Getúlio Vargas — nestas palavras finais para êle especialmente escritas — espero serenamente que a sensibilidade literária do acadêmico acolherá de coração alto, esta comunicação como sendo a expressão indeclinável de minha lealdade coerente para com o artista da palavra que é membro da Academia Brasileira de Letras, e a cuja inteligente compreensão tenho o dever de me dirigir em nome ùnicamente das prerrogativas incoercíveis do espírito". (A carta foi escrita no dia 30 de julho de 1944, mas o remetente desconhece se Getúlio recebeu-a).

Carta nº 7:

CONTRA O CHEFE DE POLÍCIA CORIOLANO DE GÓIS

Em 29 de dezembro de 1944, Sobral Pinto escreveu uma carta ao sr. Coriolano de Góis, então Chefe de Polícia, protestando contra a prisão de Dario Magalhães, Adauto Cardoso, Rafael Correia de Oliveira, Virgílio de Melo Franco e Austregésilo de Ataíde:

"Na hora em que você abusando das suas atribuições de Chefe de Polícia põe no cárcere a êstes cinco cidadãos patriotas, eu me sinto no dever de reivindicar junto a você, e na pessoa dêles, os direitos do Homem brasileiro, que nada deseja senão ver restaurada na vida pública de sua Pátria e em tôda a sua plenitude a prerrogativa indeclinável do cidadão livre: a participação do govêrno de sua Pátria, através da discussão serena e indenpendente não só dos grandes problemas nacionais; mas, também, dos atos praticados pelos dirigentes no exercício das suas funções públicas".

Carta nº 8:

GÓIS, PATRIOTA MAL ORIENTADO

Em 1945, a Ordem dos Advogados do Brasil fêz publicar a moção de Sobral Pinto sôbre os poderes constitucionais do país. Góis Monteiro, então Ministro da Guerra, concedeu a entrevista à imprensa fazendo alusão ao escrito do advogado. Sobral pegou da pena e mandou ao Ministro esta carta:

"Quando, exmo. sr. general Pedro Aurélio de Góis Monteiro, atacamos, no Conselho Federal da Ordem as atitudes públicas de v. excia., não pensamos jamais em penetrar no seu sagrado foro íntimo. E' porque nelas vemos na sua objetividade palpável desvios funestos e sombrios do patriotismo de v. excia., do qual nunca duvidamos, mas, porque é mal orientado, cabe-nos atacá-lo firmemente, mas com inteira lealdade. Foi o que fizemos". (Três dias depois, Góis respondeu esta carta, mandando seu ajudante de ordens entregá-la em mãos).

Carta nº 9:

AINDA GÓIS

Sobral Pinto responde à carta aludida precisamente no dia 24 de outubro de 1945:

"Verifico pela carta que me escreveu que v. excia. tem ponto de vista igual ao meu a respeito da extrema gravidade da situação atual. As apreensões, as inquietações e os temores que me assaltam dia e noite, sôbre o desenvolvimento futuro do drama político brasileiro, assaltam, também, a v. excia. com idêntica intensidade. Urge, porém, que v. excia. apreenda com nitidez indisfarçável que as suas responsabilidades são, entretanto, infinitamente muito maiores do que as minhas, porque v. excia. é Ministro da Guerra, tendo assim nas suas mãos os elementos necessários para atuar com eficiência decisiva na conjuração da crise político-social que pesa sôbre a nação". (Os acontecimentos posteriores vieram mostrar a veracidade do conteúdo das duas cartas trocadas entre Sobral e Góis).

Carta nº 10:

LOURIVAL FONTES PUNE FUNCIONÁRIOS

No dia 21 de agôsto de 1951, Sobral havia escrito a Lourival Fontes concitando-o a punir os funcionários da Secretaria da Presidência, que se tinham deixado fotografar para certa revista impúdica que circula na capital. No dia 23 do mesmo mês o advogado envia outra carta:

"Parabéns. Acabo de ler nos matutinos de hoje a sua Portaria que é ato que o enaltece e honra. E como acredito honestamente que você não iria praticar tamanha responsabilidade qual o de punir auxiliares da imediata confiança do Presidente da República, sem antes consultar tão alta autoridade, é de Justiça reconhecer que no caso o sr. Getúlio Vargas, também, merece parabéns. Não quero ter vaidades, nem incidir em ridículo. Não me animo a reivindicar para mis os louros desta vitória contra a imoralidade petulante e atrevida. Antes de mim o "Diário de Notícias", ao divulgar o escândalo na sua edição de sábado último, apelou para você como "homem de bom gôsto e homem inteligente".



O CARNAVAL DA GURIZADA
NO JOCKEY CLUB







● Nos salões do majestoso Hipódromo da Gávea, realizou-se na segunda-feira de carnaval o tradicional e animadíssimo baile infantil do Jockey Club Brasileiro. O carnaval da petizada foi dos mais concorridos e um dos mais animados dos últimos anos, notando-se, principalmente, a variedade, originalidade e beleza das fantasias, que concorreram, evidentemente, para dar maior graça e beleza ao baile dos pequenos foliões. As fotos que apresentamos nestas páginas dão-nos uma idéia perfeita do que foi o baile infantil do Jockey.





Puxe Pelo Cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 **De quem é êste conceito: «O bem é negativo; só o mal é positivo»:**

— Boileau?
— Schopenhauer?
— Victor Hugo?

2 **Que significa a palavra Flávio:**

— Fraco?
— Rico?
— Louro?

3 **Qual a menor estrada de ferro do Brasil:**

— A que serve a Morro Velho?
— A de Votorantim?
— A do Corcovado?

4 **Quem foi William Kev:**

— Explorador do Polo Norte?
— Inventor do bilhar?
— General sul-africano?

5 **Qual dêstes jogadores de xadrez disputou 150 partidas ao mesmo tempo e ganhou dois mil contos de réis:**

— Alekhine?
— Poeulsen?
— Morphy?

6 **Em que cidade se originou o carnaval:**

— Roma?
— Atenas?
— Ou é de origem imprecisa?

7 **Que grande acontecimento lembra aos portuguêses a data de 1 de novembro de 1755:**

— O casamento de D. João VI?
— A inauguração do mosteiro da Batalha?
— O terremoto de Lisboa?

8 **Qual foi a despesa dos Estados Unidos na última guerra contra o Japão:**

— 30 milhões de dólares por semana?
— 250 milhões por dia?
— 80 milhões por mês?

9 **Qual o maior produtor de algodão do mundo:**

— Estados Unidos?
— Egito?
— Brasil?

10 **Onde mais se fuma:**
— Nos Estados Unidos?
— Em Cuba?
— Na Argentina?

11 **Em que biblioteca existe o mais antigo livro do mundo:**

— Na de Washington?
— Na de Londres?
— Na do Vaticano?

12 **Em qual destas cidades nasceu Gutenberg:**

— Viena?
— Berlim?
— Estrasburgo?

13 **Em que ano foi fundada a Biblioteca Nacional do Rio:**

— 1808?
— 1810?
— 1788?

14 **Quem disse isto: «Dê-me uma alavanca e um ponto de apoio no espaço, que eu levantarei o mundo»:**

— Isaac Newton?
— Lavoisier?
— Arquimedes?

15 **Em que ano se inaugurou o primeiro caminhamento ligando São Paulo ao Rio:**

— 1754?
— 1809?
— 1821?

(Respostas na página 42)

CLASSIFICAÇÃO:

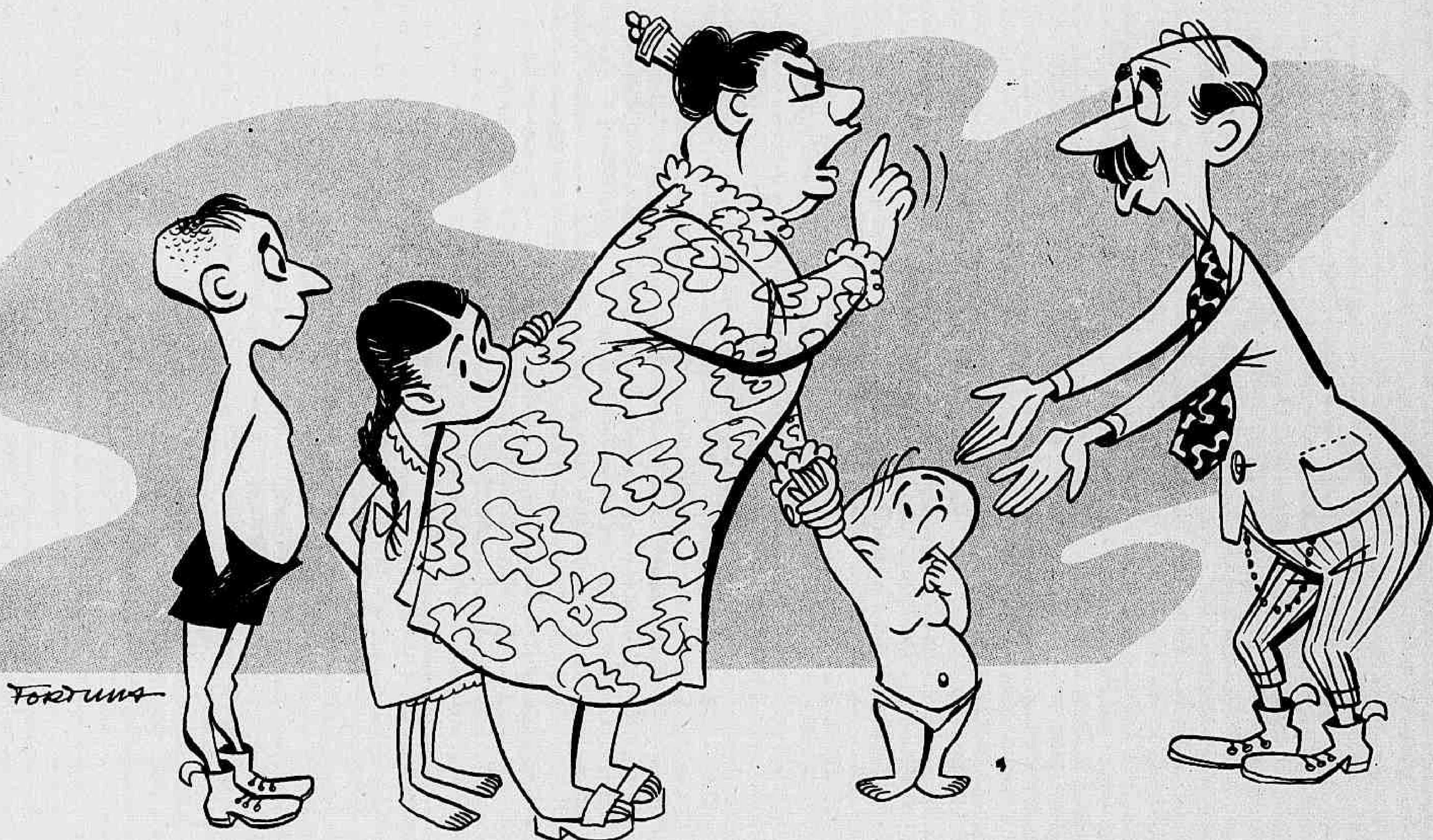
Resposta 0: estado primitivo — **homem-macaco.**
De 1 a 3: cultura inferior — **selvagem.**
De 4 a 6: cultura média — **estudante ginasial.**
De 7 a 11: cultura superior — **universitário.**
De 12 a 14: **um sábio.**
Tôdas as 15: **um gênio em pessoa.**

O CARNAVAL DA GURIZADA NO JOCKEY...



Dois aspectos interessantes que bem demonstram como a gurizada aderiu à festa de Momo, no baile infantil do Jockey Club Brasileiro.





O Velho João Laurindo

RENATO DE ALENCAR

ERA de Quebrangulo, Estado de Alagoas, o respeitável cel. João Laurindo. Homem que não tinha, sequer, o curso primário, exibia prodígios de mnemônica, mantendo **de cabeça** todos os seus negócios de compra e venda de algodão, retendo nomes e números, quantias de saldos e débitos de seus clientes, como se tivesse no crânio uma aparelhagem eletrônica de contabilidade. Abastado fazendeiro e negociante de projeção, sempre se mantivera à margem da política, embora o seu nome fôsse cortejado pelos caçadores de votos. O velho João Laurinho era dos venturosos tempos do valor da palavra, quando bastava um fio de barba para selar irrevogàvelmente um compromisso. Sem jamais ter lido Lacordaire, tôda sua vida se inscreveu neste lema: **O homem honesto é o que mede seu direito e seu dever**. Probo, reto, incapaz de uma falsidade, o velho João Laurindo criou muitos filhos, dando-lhes sempre os maiores exemplos de dignidade moral e inteireza de caráter. Educou-os e alguns são hoje portadores de diplomas universitários entre Hipócrates e Têmis. E se os demais não chegaram às solenidades da colação de grau, foi porque preferiram ser fazendeiros e comerciantes. Mas o coronel João Laurindo, apesar de homem profundamente religioso e incapaz de cometer pecados contra seus semelhantes, tinha um fraco: as mulheres.

Sua espôsa, apesar das reprimendas, das advertências, dos conselhos, nunca pudera deter a marcha do amor proibido a fluir vigoroso nas veias ardentes do respeitável patriarca quebrangulense. Usando barbas crescidas, embora aparadas, bigode à lusitana, vestindo-se sem luxo, à matuta, conseguia captar as simpatias de muitas constituintes da ala perigosa, mas tudo sem escândalos, nem complicações matrimoniais. Apenas, em seu lar, estrugiam os reflexos dêsses passeios anticonjugais, verberando-lhe a espôsa a falta de compostura «de um homem velho e sebite». Mas o nosso boníssimo coronel João Laurindo sempre se saía bem, com seu eterno bom humor e um jeitinho especial de vencer a cólera da mulher com piedoso sistema de lhe pedir perdão...

Certo dia, quando tôda à família estava à mesa a almoçar, em número de mais de quinze pessoas entre crianças e adultos, a mulher do nosso incorrigível amigo não pôde reter mais **uma coisa que soubera** e despejou sôbre o marido sexagenário tôda uma descarga de censuras e queixas:

— Você estêve lá na casa do Beco, João Lorindo! Tenha injúria, homem. Um velho dêsses e não se dá a respeito, **home**!

— Juro, minha mulher, eu não estive lá. Nunca estive lá!

— Pois eu juro por esta luz, que você estêve hoje lá!

— Não estive lá, não! É falso!

— Juro que estêve. Me falte a luz na hora da morte, se não estêve lá!

— Você bota sua alma no inferno, mulher, dizendo isso!

— Pois eu boto minhalma no inferno, João Lorindo, como você estêve lá!

— Não, mulher! Não diga isso! É falso testemunho, minha mulher!

— Boto minhalma no inferno, João Lorindo!

A rusga ficou nisso mesmo e tudo acabou em risos e bom humor. Mas à noite, o velho João Laurindo estava demorando muito a chegar para o jantar. Ninguém comia sem êle à mesa. O caso já inspirava cuidados. Em dado momento êle apareceu. Sua espôsa estranhou:

— Onde andava você, **home**, que custou tanto, matando a gente de fome?...

E o velho João Laurinho, voz pausada, de pecador contrito:

— Fui livrar sualma do inferno, minha mulher, fui livrar sualma do inferno...

ARACI DE ALMEIDA ABRE O ESCRINIO (!) DOS SEUS SENTIMENTOS:

"ENTRE MIM E NOEL SÓ HOUVE AMIZADE E SAMBA"

PARA se fazer a história do samba, de 32 para cá, é suficiente seguir a vida de Araci de Almeida. O samba é a alma de Araci e sua vida reflete os seus estados de alma. Desde os tempos de boêmia com Noel Rosa até os de hoje, mais calmos mas não menos boêmios, a cantora anda por aí, sempre «nas cabeceiras» e sempre cantando. A Bíblia e o Samba fazem uma estranha dupla no coração de Araci de Almeida e talvez por isso ela tenha uma personalidade tão forte. Disto são prova as respostas que nos deu:

P — Araci, que acha você dos homens?

R — Espera aí que eu tenho uma definição... Olha, escreve aí. Os homens são menos falcatrueiros que as mulheres. Manjaste? Entre êles e elas, prefiro o futebol.

P — Então, no futebol, qual é o teu time?

R — Você está farto de saber. E' o Vasco.

P — Por quê, o Vasco? Há algum motivo sentimental nisso?

R — Eu sou do Vasco porque o Vasco é o maior.

P — E de todos os jogadores do Vasco, de todos os tempos, qual é o maior?

R — O Augusto. E' uma beleza.

P — Mas o Augusto é careca.

R — Já tem remédio para isso.

P — Qual o seu tipo ideal de homem?

R — Não tenho tipo ideal. Depende do rebolado.

P — Araci, você acredita em paixão?

R — Paixão não existe. Paixão é «grupo».

P — Por falar em grupo. Você joga no bicho?

R — Não jogo.

P — Qual o bicho de sua preferência, se você jogasse?

R — A cobra.

P — Araci, como define você uma mulher perdida?

R — Uma solteirona que homem nenhum encontrou.

P — E que acha você do adultério?

R — Eu acho melhor ficar na moita.

E INFORMA MAIS QUE «PAIXÃO É GRUPO» E QUE O INFERNO «ESTÁ AQUI MESMO NA TERRA».

Entrevista a CARLOS MARIA DE ARAÚJO
Fotos de NORBERTO ESTEVES

P — Por quê?

P — Pergunta outra coisa.

P — Que houve entre você e Noel?

R — Amizade e samba. Nada mais. E' preciso ter respeito pela memória de Noel.

P — Araci, se você tivesse que deixar de cantar, que iria você fazer?

R — Nada.



Araci tem certeza de que (quando morrer) irá para o céu e cantará sambas para Deus.

P — Qual o samba que não foi dado a vo[...] e que você gostaria que tivesse sido?

R — Ninguém me ama, do Antônio Maria.

P — Mas há quem diga que êle não comp[...] samba, que é do tango...

R — O Maria não é otário para fazer samb[...] antiga. E dos modernos, é o maior. O [...] são ondinhas.

P — E como pessoa, você gosta dêle?

R — Adoro êle, com aquela gordura im[...] e tudo. E' um caititu.

P — Qual a sua maior emoção como canto[...]

R — No dia em que cantei, no cais do p[...] o samba «Não me diga adeus», para o Cló[...] que ia para a Europa.

P — Quer dizer que você é muito amiga [...] Clóvis?

R — Imenso. Se eu acreditasse em sant[...] diria que êle é santo.

P — Diga, assim de repente, os nomes [...] algumas pessoas de quem você seja mui[...] amiga.

R — O Fernando Lôbo, o Almirante, o V[...] Costa, o Caymmi e o Haroldo Barbosa, na [...]ma do rádio. Também o Paulinho de Carval[...] E os outros que são o Bruno Giorgi, o Jo[...] Amado, o Joãozinho Ashtonright (que zang[...] um português e está, por isso, em cana). Qua[...]tos tens aí?

P — Nove, Araci.

R — Então, chega.

P — Você, há pouco, falou em não acredita[...] em santos. Mas você crê em Deus? E no in[...]ferno?

R — O inferno é aqui. Deus está longe.

P — Como você é do samba, e se tivess[...] que rezar a Deus para que êle a ouvisse, qu[...] o samba que você cantaria?

R — Para Deus, eu cantava o samba de C[...] de Souza e Babaú: Tenha pena de mim.

P — Você há pouco, falou em amigos seu[...] E eu, Araci? Você não gosta de mim?

R — Você é o português maldito.

E com esta opinião de Araci, terminamos a entrevista.

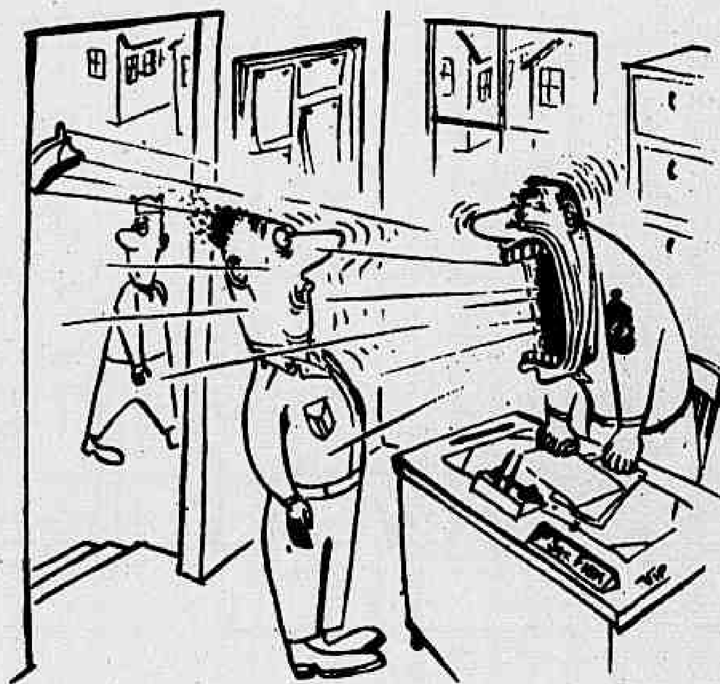




SEM LEGENDA

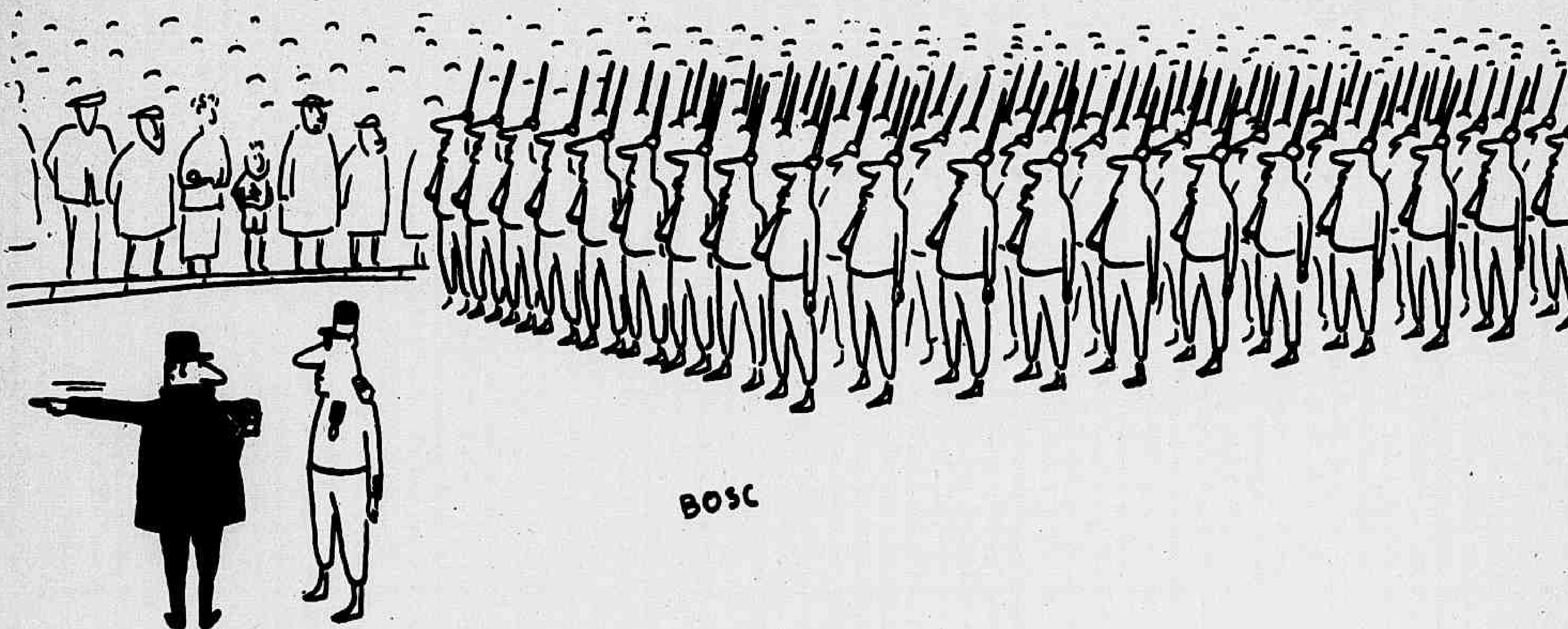


— Veja a tolice de titia: disse que havia manobras militares aqui.

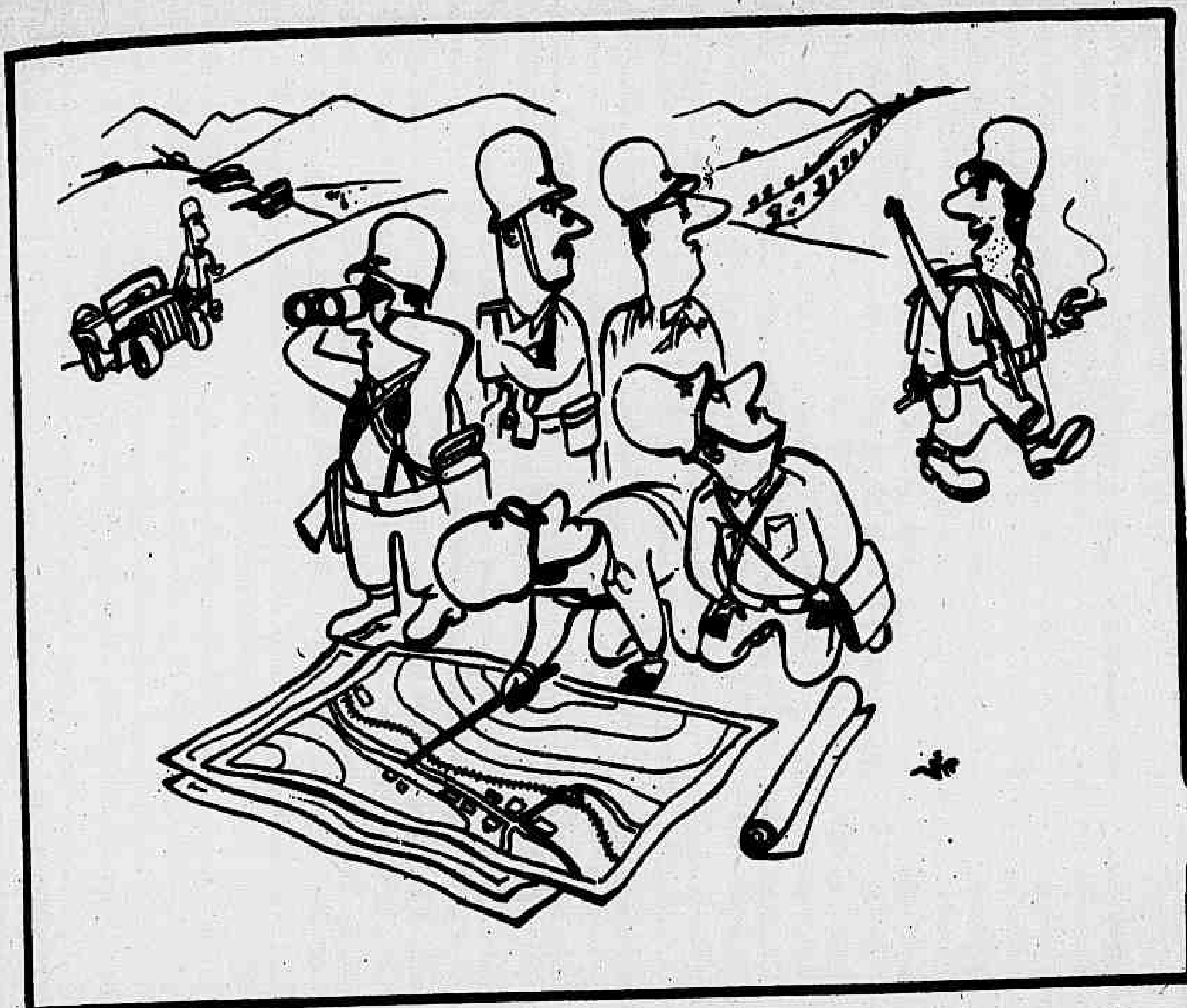


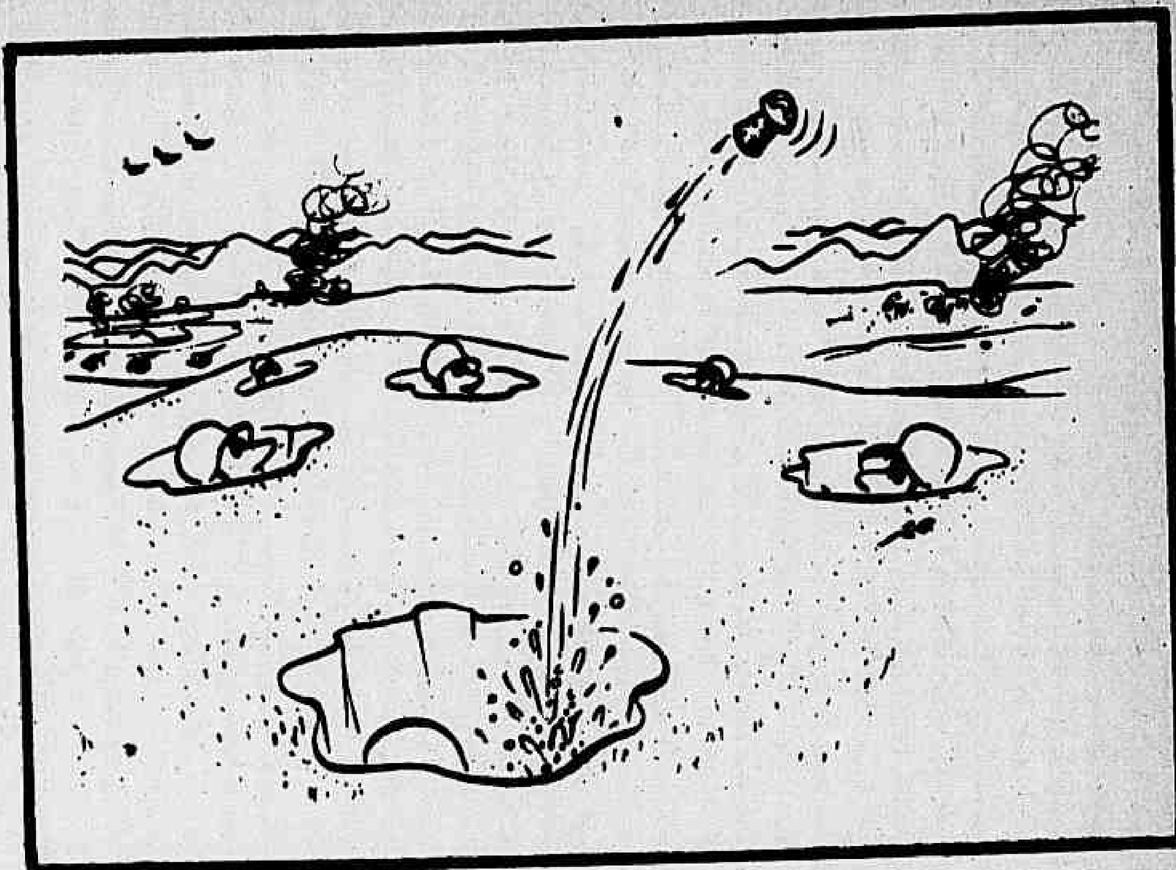
— Tire o casquete, quando falar comigo!

OMBRO ARMAS NO RISO DOS OUTROS



SEM LEGENDA

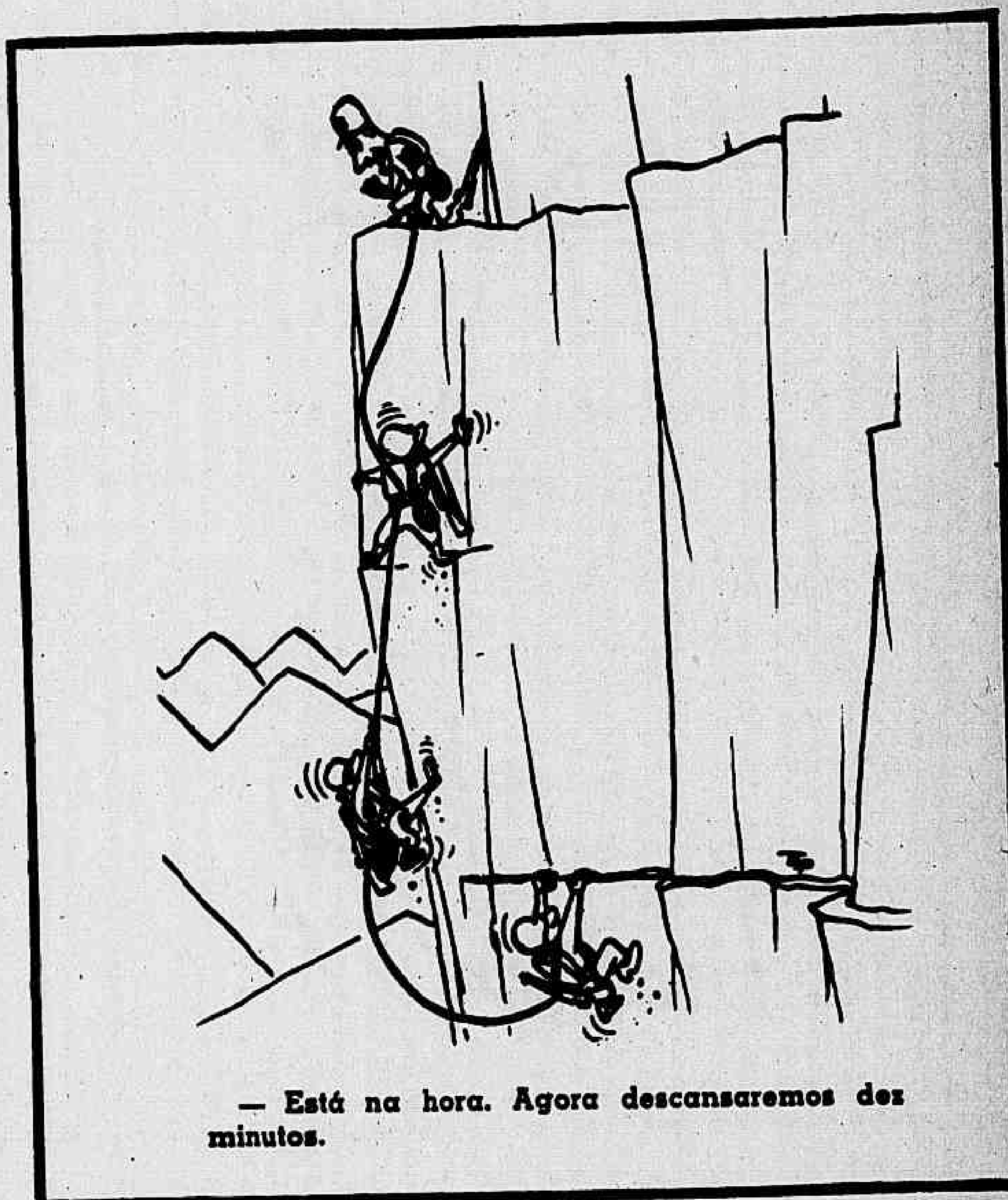




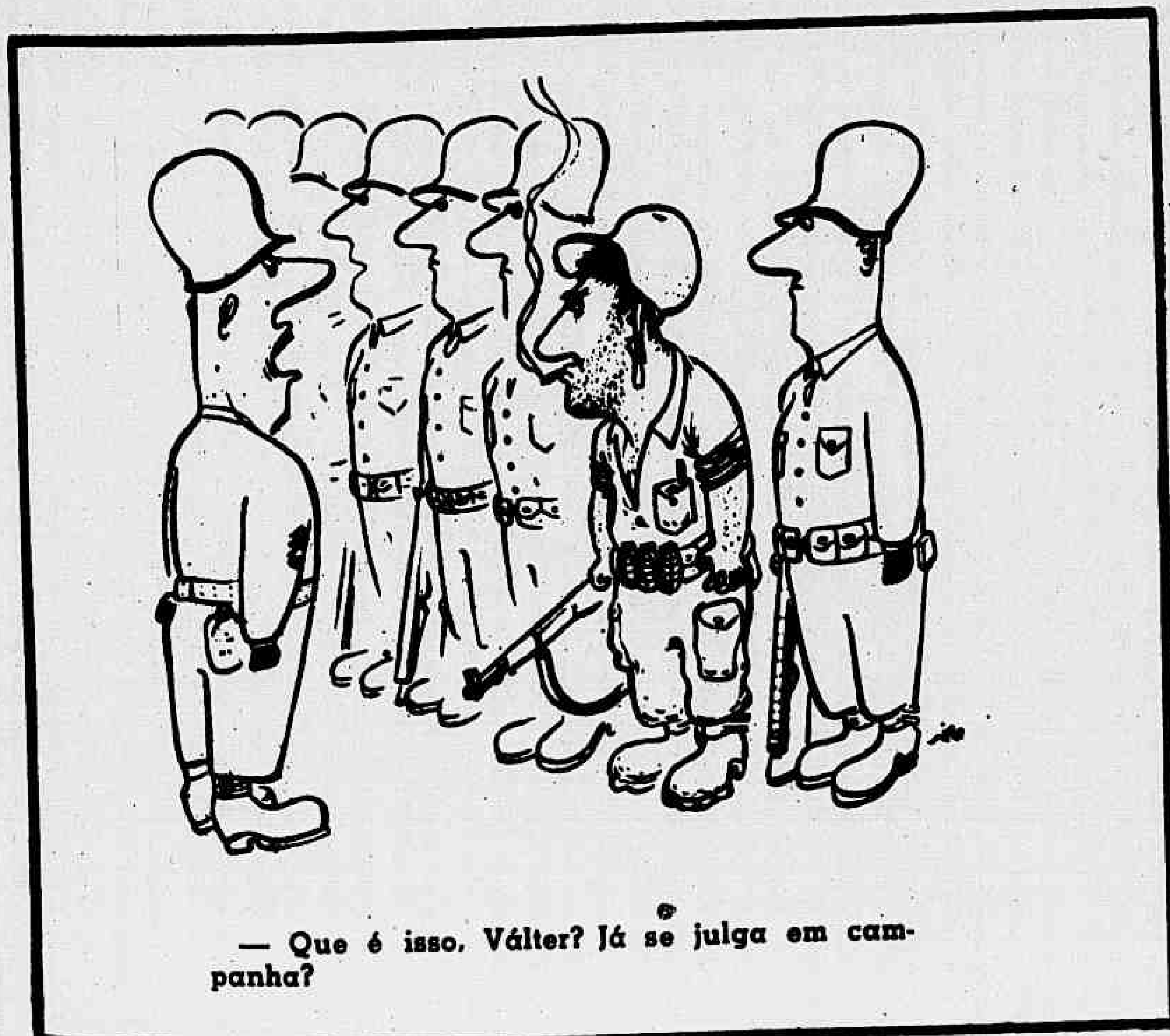
— Estão perdidos?



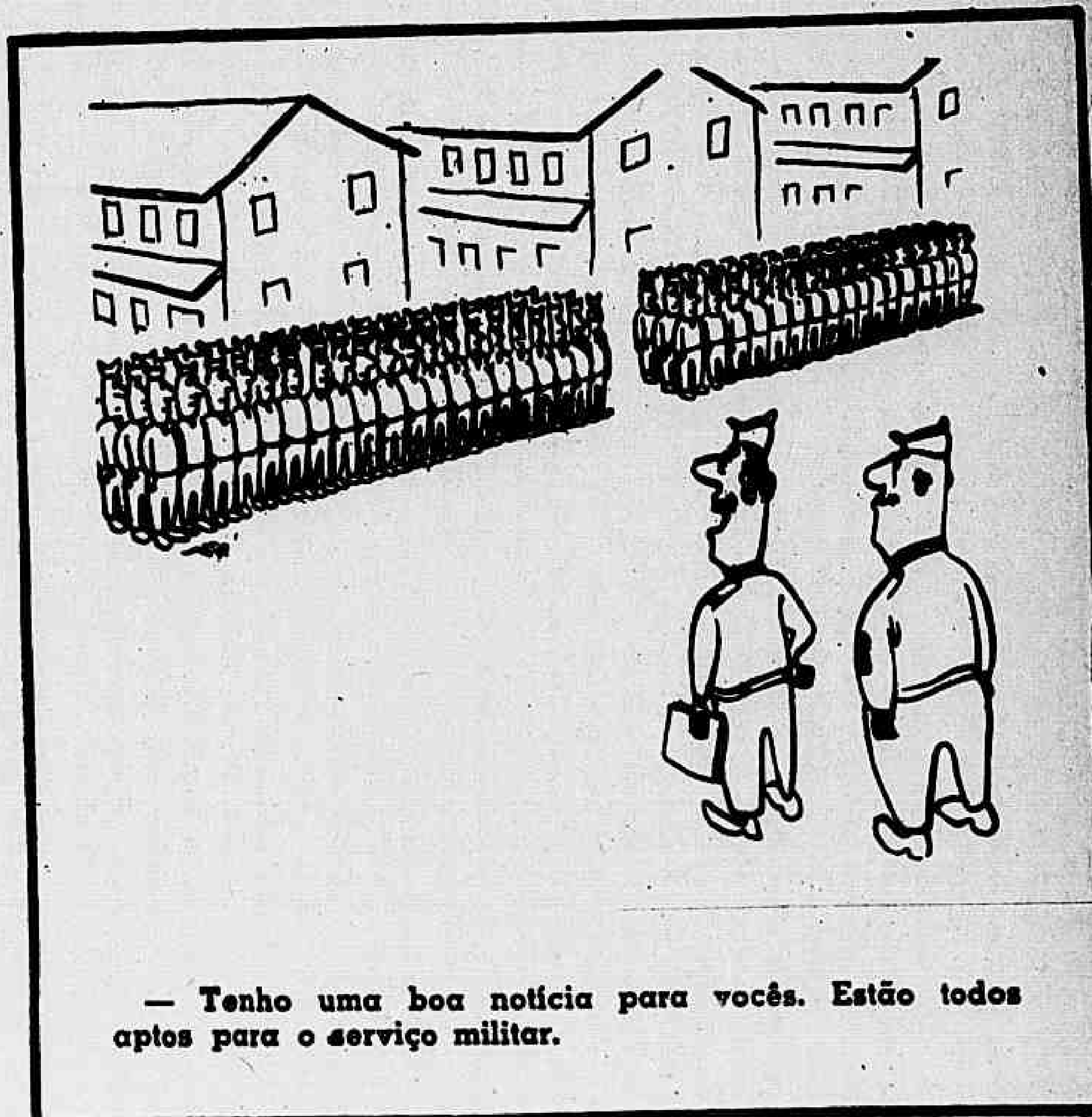
— Quer me fotografar, Sam? Mamãe não tem idéia do que seja uma manobra de infiltração.



— Está na hora. Agora descansaremos dez minutos.



— Que é isso, Válter? Já se julga em campanha?



— Tenho uma boa notícia para vocês. Estão todos aptos para o serviço militar.

Semana LITERÁRIA

Cantiga:

PARTINDO-SE



Senhora, parten tan tristes
meus olhos por vós, meu ben,
que nunca tan tristes vistes
outros nenhuns por ninguen!

Tan tristes, tan saudosos,
tan doentes da partida,
tan cansados, tan chorosos,
da morte mais desejosos
cen mil vezes que da vida,
parten tan tristes os tristes,
tan fora d'esperar ben,
que nunca tan tristes vistes
outros nenhuns por ninguen!

João Rodrigues Castelo Branco, poeta português do século XV.

GAUGUIN EM NÓS

Lembra Sérgio Milliet que a aventura de Gauguin está em potencial dentro de todos nós. Quem não sonhou com o rompimento definitivo, com a fuga para a realização? Diàriamente, diante da tarefa monótona a ser cumprida, ante a convicção de que a rotina abafa, dilui, aniquila, clamamos desesperados: se eu pudesse largar tudo e me enfiar no mato!... «Sentimos que o mar e o céu estão negros como tinta, e sôbre nossas cabeças para uma atmosfera de convenções, de hipocrisia, de renúncias sem sentido»...

ROUBAVA NO PÊSO...

Num banquete do «Jornal do Comércio» conversava um redator dessa fôlha com Euclides da Cunha sôbre os homens mais em evidência nas letras nacionais, quando o jornalista se referiu a José Veríssimo:

— E' um crítico de alto saber e grande competência, não há dúvida; mas... que rouba no pêso!

Euclides divertiu-se com a frase e foi transmiti-la, na presença do autor, a José Veríssimo. Êste, sorrindo com a sua timidez costumeira, respondeu:

— Quanto ao meu saber e competência, estou bem longe do que desejaria. Quanto ao resto, procuro dar a cada um aquilo que, pela balança do meu critério, êle pagou, e merece.

URNA DE VINHO

«Mais vale uma urna de vinho que o poder, a glória e as riquezas... Respeito o amante que geme de felicidade; detesto o hipócrita que murmura orações». — **Omar Khayyám.**

DEMASIADO PROFUNDOS...

«Nunca tive paciência com os ecritores que reclamam do leitor um esfôrço para compreender o que êles querem dizer. E' só folhear os grandes filósofos para ver que é possível exprimir com clareza as mais sutis reflexões...

«Alguns escritores que não pensam claramente têm tendência a supor que os seus pensamentos possuem significação maior do que à primeira vista parece. Para êles, é lisonjeiro pensar que são demasiado profundos para se expressarem tão claramente que todos os possam lêr, e naturalmente não lhes ocorre que a falta é do seu próprio espírito, que não possui a faculdade da reflexão precisa.

«E' muito fácil convencer-se de que uma frase não muito inteligível pode significar muito mais do que a gente imagina. Daí apenas um passo para o hábito de escrever as próprias impressões em tôda a sua original nebulosidade. Os tolos estão sempre prontos a descobrir-lhes um sentido oculto...» — **Somerset Maugham** em «Confissões».

O «HUMOR» DE MACHADO

No seu ensaio sôbre Machado de Assis diz Augusto Meyer que a tendência para explicar o autor de Bras Cubas com o prisma do «humor» tem muitas vêzes prejudicado a compreensão profunda do seu drama: «Não há aqui apenas um humorista improvisado que leu Sterne e criou uma obra literária interessantíssima. Há também um homem ferido nas fontes da própria vida e que reage com o orgulho inconsciente do gênio. E' êste o seu demonismo: condenado pela vida, condena-a também, vinga-se com o sarcasmo implacável, do alto da sua solidão».

RONDA LITERÁRIA

★ IMPRESSIONANTE O ROMANCE do escritor inglês George Orwell, cujo título é apenas uma data: «1984». Partindo de certos pontos de contato com a vida que levamos hoje, Orwell mostra o que seria a vida no mundo, em particular na Inglaterra, no ano de 1984: um Estado total, de uma forma total. Acabar a leitura dêste romance é como acordar de um tremendo pesadêlo, em pleno dia. «1984» foi traduzido por Wilson Veloso e publicado pela Editôra Nacional (256 páginas).

★ «A ILHA E OUTROS CONTOS», de Almeida Fischer, é um dos recentes Cadernos de Cultura. Neste punhado de novos trabalhos de ficção, o jovem escritor paulista reafirma esplêndidamente seu talento para o mesmo gênero literário que, anteriormente, já demonstrara em outro volume de contos: «O Homem de Duas Cabeças».

★ NA SUA «COLEÇÃO MARTINS PENA», a Organização Simões está lançando uma série de peças de teatro, entre as quais o teatro completo de Juraci Camargo. Já saíram «Deus lhe Pague» e «A Santa Madre». Idem, de Ernani Fornari: «Sinhá Moça Chorou» e «Iaiá Boneca».

★ AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE, cujo centenário de morte ocorreu em setembro último, está figurando agora na Biblioteca Histórica Paulista, da Editôra Martins, com o volume: «Segunda Viagem a São Paulo e Quadro Histórico da Província de São Paulo», traduzido e introduzido por Afonso de E. Taunay. Pesquisador meticuloso, naturalista eminente, deixou Saint-Hilaire uma série de obras sôbre o Brasil que percorreu em numerosas viagens quando aqui estêve de 1816 a 1822.

★ O SR. JÚLIO MESQUITA FILHO foi passear na Europa e na volta escreveu: «A Europa que Eu Vi» (Editôra Martins). Na realidade, não viu nada. Ou melhor, o pouco que viu, muitos outros já viram antes dêle. Xaropada pretenciosa.

★ LIVRO PRECIOSO — para as mães brasileiras — êste volume do dr. Martinho da Rocha: «Cartilha das Mães» (240 páginas), agora já com nove tiragens lançadas pela Editôra Civilização Brasileira. Em 60 pequenos capítulos, com numerosas ilustrações do saudoso J. Carlos, o conhecido pediatra discorre sôbre todos os assuntos que interessam à jovem mãe e seus respectivos pimpolhos. Vamos divulgar êste livro! Recomendá-lo é prestar um excelente serviço à puericultura.

★ «MOLDURAS DA FILOSOFIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO», por Abrahão Benjamin (Editôra Martins, 244 páginas). O volume traz um prefácio e uma recomendação do sr. Ademar de Barros. A introdução do autor consiste em duas páginas de louvores ao sr. Ademar de Barros. Tudo isso não tem importância. Também não tem importância a pinta de edição financiada. O que tem importância é o miolo do livro. E êsse é, infelizmente, lamentàvelmente fraco, confuso, indigesto. Tudo indica que o sr. Abrahão Benjamin não possui suficiente lastro de cultura, nem bastante talento didático, para se aventurar a elaborar uma obra desta natureza.

★ DE ALGUNS ANOS PARA CÁ, um escritor inglês, de nome Arnold J. Toynbee, vem revolucionando o estudo da História Universal. Principalmente sua obra monumental «A Study of History» é hoje famosa em todo o mundo. A Companhia Editôra Nacional tomou recentemente a iniciativa de apresentar Toynbee em português, lançando: «A Civilização Posta à Prova» (Civilization on Trial), e promete outras obras do mesmo autor para breve.

★ ESGOTOU-SE RÀPIDAMENTE a primeira tiragem de 5.000 exemplares de um belo poema de Wilson W. Rodrigues: «Negrinho do Pastoreio», com desenhos de Gipson de Freitas. É poesia do mais fino quilate, reproduzindo a tradicional lenda gaúcha, e começando assim: «Não era uma vez um príncipe. E nem era uma princesa. Era uma vez um negrinho, tão magrinho, tão magrinho, da côr da negra tristeza»...

o livro da semana

Amor e tristeza de Lincoln



DALE Carnegie — o mesmo que esccreveu «como fazer amigos e influenciar pessoas» — estava em Londres, há alguns anos, quando, certa manhã, ao passar os olhos pelos jornais, deu com um artigo sôbre Abraão Lincoln. Era o primeiro de uma série. Carnegie leu-os todos, cada dia mais fascinado. O autor não se preocupava com as atividades políticas do grande americano, mas com o aspecto pessoal da sua carreira: seus sofrimentos, seus repetidos fracassos, sua miséria, seu grande amor por Ann Rutledge, e seu trágico casamento com Mary Todd.

Ora, Carnegie já conhecia a vida de Lincoln. Mas essa maneira de narrar, tão humana, tão direta, deixou-o empolgado. Resolveu então escrever uma biografia completa de Lincoln, nesse mesmo estilo. E não a escreveria na poeira das bibliotecas, nem no seu gabinete de trabalho, mas nos próprios lugares onde Lincoln vivera, amara, sofrera e lutara, até tombar assassinado por Booth, num teatro em Washington...

Lá se foi Carnegie, em demorada peregrinação pelos lugares onde seu biografado nasceu e viveu. Em New Salem, onde Lincoln passou os anos mais felizes e mais importantes de sua vida, onde trabalhou como ferreiro, e se apaixonou e sofreu o mais rude golpe sentimental, ainda continuam de pé os mesmos velhos carvalhos sob os quais estudou, lutou e namorou. Metade dos capítulos do seu livro, escreveu-os Carnegie sob aquelas árvores, sentindo ao vivo a presença de Lincoln.

Muitas vêzes, o biógrafo foi até lá, nas noites de verão, quando o luar destacava contra o céu a silhueta da taverna de Rutledge, e ficava arrepiado só de imaginar que em noites assim, uns cem anos atrás, o jovem Abe e a jovem Ann haviam passeado por aquêle chão, de braços, ao luar, escutando as aves noturnas e sonhando êxtases destinados a jamais se concretizar...

Depois, o capítulo da grande dor, sôbre a morte de Ann Rutledge, Carnegie foi escrevê-lo na própria colina onde inumaram os restos de Ann e onde o jovem Abe ia chorar a sua dor imensa.

Outros capítulos foram escritos em Springfield, alguns na sala de estar da velha casa onde Lincoln residiu 16 anos infelizes; outros na mesa onde êle compôs o seu primeiro discurso de posse, e ainda outros no lugar em que êle cortejou Mary Todd a quem, depois de muita relutância, se ligaria num casamento trágico.

Por tudo isso, e por ter sido escrito assim o livro de Carnegie, sentimos a presença viva de Lincoln nestas páginas. Daí o seu sucesso editorial. Traduzido por Wilson Velloso, e publicado pela Editôra Nacional, «Lincoln, êsse Desconhecido», por Dale Carnegie (282 págs.) será bem recebido pelo leitor brasileiro. Às vêzes triste, às vêzes dramático, sempre muito humano: um belo livro!

● GRANDE AMOR... IMENSA TRISTEZA

Ann Rutledge contava apenas 19 anos quando Lincoln a conhéceu — uma linda moça de olhos azuis e cabelo castanho acobreado. O jovem Abe apaixonou-se por ela, irremediàvelmente.

Nas noites de verão, Lincoln e Ann passeavam juntos pelas margens do Sangamon, onde os mochos gritavam nas árvores, e os vagalumes riscavam fios de ouro nas trevas.

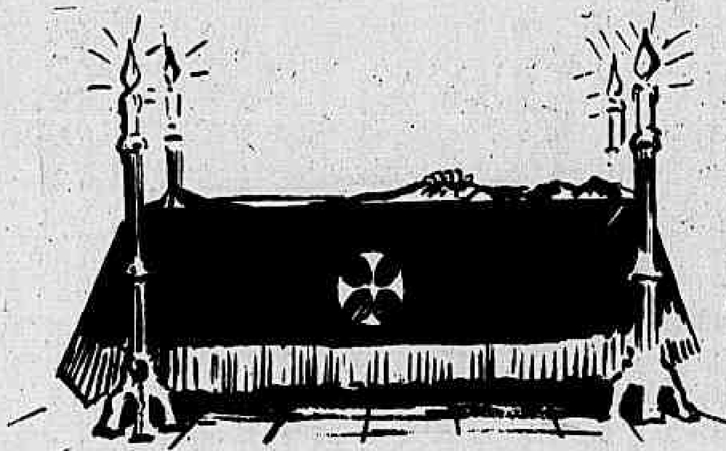
No outono, perambulavam pelos bosques, quando os carvalhos ardiam no colorido forte de suas fôlhas, e as nozes silvestres espoucavam no solo.

Quando Lincoln, mudo, olhava dentro dos olhos azuis de Ann, o coração da moça lhe cantava no peito; e ao simples toque das mãos dela, êle prendia a respiração e se sentia espantado de descobrir haver tanta felicidade no mundo... Combinaram casar.

Então, em pleno êxtase de amor — era agôsto de 1835 — Ann caiu enfêrma, tomada de violenta febre. Horríveis semanas se arrastaram. O médico ordenou repouso absoluto, e não permitiram mais a Lincoln visitar sua amada. Mas, no dia seguinte, e no outro, ela tanto murmurava o nome dêle, chamando-o, que o admitiram. Quando Lincoln chegou, as pernas trêmulas de emoção, foi à cabeceira da doente, fechou-se a porta, e ficaram os dois sós. Foi a última hora que os namorados passaram juntos.

No dia seguinte, Ann perdeu os sentidos, e ficou desacordada até falecer.

Nunca mais, nem até ao fim da vida, Lincoln recuperou-se da imensa dor. Temia que enlouquecesse. Dia após dia, os habitantes de New Salem viam-no caminhar os oito quilômetros até a colina, onde ficava o cemitério, para estar junto ao túmulo de Ann. Às vêzes, lá permanecia sentado tanto tempo que seus amigos ficavam preocupados e iam buscá-lo. Quando desabava uma tempestade, êle chorava, dizendo que não podia suportar a idéia da chuva caindo sôbre a sepultura da sua amada...



● «ENTRE A FLOR DA SAÚDE E A PALIDEZ DA MORTE»

A partir da morte de Ann, Lincoln mudou muito. Êle que era habitualmente alegre e grande contador de piadas, mergulhou em profunda melancolia. Passou a gostar de poemas tristes. Às vêzes, sentava-se, horas a fio, sem dizer uma palavra, perdido em sonhos, quadro vivo de tristeza, e de repente se punha a recitar:



"Os mármores cobertos de hera
repousam sôbre os lábios
que êle acariciou na floração,
e os nomes que êle amou
há muitos anos foram gravados
na tumba"...

Mas gostava principalmente do poema «Imortalidade» que êle recitaria até ao fim da vida, até na Casa Branca. E dizia:

— Eu daria tudo quanto tenho, e ficaria em dívida, para poder escrever assim.

"Sim, esperança e tristeza, prazer e dor,
Estão misturados no sol e na chuva.
E o sorriso e a lágrima, e a canção e a litania
Seguem um ao outro, como onda segue onda.
E' o piscar de um ôlho, é um hálito ofegante,
Entre a flor da saúde e a palidez da morte,
Entre o salão dourado, a eça e a mortalha...
Oh, por que será orgulhoso o espírito mortal?"

Em maio de 1890 (Lilcoln morreu assassinado em 1865) alguém teve a infeliz idéia de transferir os restos de Ann para um cemitério distante. Era um plano tétrico de certo ambicioso funebreiro, com o fim de tornar célebre um novo cemitério por êle aberto em Petersburgo. Foi a Concord e abriu o túmulo da namorada de Lincoln. E que encontrou? O único sinal que achou do corpo de Ann foram quatro botões de pérola do vestido...

Assim mesmo, o homenzinho ambicioso desenterrou os quatro botões de pérola e um pouco de terra e os enterrou no seu cemitério — e então anunciou aos quatro ventos que Ann Rutledge, a imortal amada de Abraão Lincoln, estava enterrada lá. Num belo monumento de granito, os milhares de peregrinos lêm êstes versos de Edgar Lee Masters:

"De mim, indigna e desconhecida,
As vibrações da música imortal.
Sem malquerença a ninguém,
Com caridade para todos.
De mim, o perdão de milhões a milhões,
e o rosto caridoso de uma nação
Brilhando de justiça e verdade
Eu sou Ann Rutledge que dorme sob estas ervas,
Em vida a amada de Abraham Lincoln,
A êle ligada, não pelos esponsais,
Mas pela separação"...

E acrescenta Dale Carnegie: — «Entretanto, o pó sacrossanto de Ann continua no cemitério de Concord. O ganancioso agente funerário não conseguiu levá-lo — ela e suas recordações lá continuam. Onde a perdiz pia e a rosa silvestre se despetala, é o lugar que Abraão Lincoln santificou com suas lágrimas, é o lugar onde êle disse que seu coração jazia, o lugar onde Ann Rutledge desejaria estar». — **O.S.**

Gente desgarrada

Antonio Maria

A CORDARA, num gesto lento de preguiça, e via que tinha amanhecido em casa estranha, em cama dos outros. Bebera, na véspera e, pela primeira vez, além da minha conta, o ponto de aceitar a hospitalidade e os cuidados dos companheiros. Minha cama era de ferro, estreita, forrada de colcha branca, com travesseiro sem fronha e uma toalha, que funcionaria como coberta, se fizesse frio. O chão era assoalhado de tábuas longas e incertas, remendadas de palmo em palmo, manchadas de cuspe em todo o tamanho do quarto. A parede, onde minha cama se encostava, estava tôda escrita e desenhada. Nomes de mulheres: Clara, Janete, Carmen, Elza — todos êles precedidos da palavra «mina». Descobri, sem perguntar, que vivíamos num tempo em que as mulheres eram **minas**, davam e emprestavam dinheiro, ajudavam os donos da casa a viver, a jogar, a beber, e a posar, com um terno bem caído no corpo e uma gravata de laço à Duque de Windsor, saindo de um colarinho dignamente passado a ferro. A janela aberta ao sul de mim trazia uma minguada luz de inverno para chão do aposento — um mínimo de luz para clarear o desleixo e a sujeira reinantes. Os meus dois amigos ainda dormiam, espremidos numa cama só, sacrificando-se pelo hóspede — um meninote de 19 anos, metido a perguntar, querendo meter o nariz em tudo, mas bom companheiro de conversa, eu. De fato, os personagens noturnos do Bar Boêmio e da Taberna da Glória eram minha grande mania de 1940. Sabia dos riscos que corria, convivendo com êles; da fama e das suspeitas que podiam cair, injustamente, sôbre mim, mas faltavam-me fôrças para evitá-los. Tôdas as noites, depois do Assírio, ia encontrá-los no Bar Soares (Bar Boêmio, num prédio da Glória, hoje demolido). Voltavam da Urca e do Atlântico, onde a noite havia sido aventurosa, na espreita de um descuido para o golpe certo em cima do **chaveco** compensador. Quando passava de 500 (dizia-me M.G.) já valia a pena. Trabalhavam em altas combinações e secretas parceiradas com os carteadores dos cassinos. Um sinal com os olhos ou aquêle discreto toque no punho da camisa era a ordem de avançar. «Hoje — me contou uma noite P.J. — segurei o chaveco com tanta autoridade que me senti dono da parada». E acrescentou: «E' preciso ter convicção».

★

● Os dois ainda dormiam e eu ainda tinha moleza para dormir mais um pouco. O principal, eu já tinha feito: constatara que estava vivo e sabia onde havia dormido. Cobri-me com a toalha de banho e madornei umas duas horas mais, sem adormecer completamente, ora sonhando, ora pensando coisas que viravam sonho, ouvindo, às vêzes, ruídos da rua e gritaria da vizinhança. De repente, alguém puxou minha perna, dizendo: «levanta, pernambucano; vai molhar essa cara»! Espreguicei-me, disse um nome feio e tentei dormir mais um tempinho. Os dois, porém, tratavam de assunto importante, discutindo em voz alta, inflamando-se de vez em quando. Um dêles havia dado desfalque no emprêgo e teimava em não sair da cidade. Tinha metido a mão em dinheiro grande, o bastante para os dois ganharem o mundo e se estabelecerem como gente séria (ou à base de gente séria), em Minas ou Pôrto Alegre. Teimava em não deixar o Rio e, na véspera, cometera a imprudência de jogar roleta, perdendo 28 contos. O mais ajuizado, além dos conselhos, chegou à ameaça de morte. O outro pedia que o deixasse agir como bem entendesse, chegando a gritar, em tom de ira: — Quem meteu a mão no dinheiro fui eu e posso fazer dêle o que quiser!

De olhos abertos, fascinado pelo que ouvia, quis dizer que estava sobrando ali, mas fui chamado para juiz: «Então, está certo que êsse cretino fique por aqui, perdendo na roleta e dando sopa à polícia?» Minha alma era uma entidade escandalizável, formada à base de muita aula de catecismo. Se não fôsse um fiasco dizer o que sentia, teria aconselhado que devolvesse o dinheiro roubado (repusessem o que tinha sido gasto ou perdido no jôgo) e, depois, procurassem um padre, que os perdoasse, em nome de Deus. Mas, não cabia, ali, ser alma e sim ser gente.

Meus anfitriões eram dois desgarrados e queriam uma sugestão de desgarrado. Fui a favor da fuga e ouvi, de volta, esta grosseria: «conselho de gordo não vale». Levantei-me como Deus foi servido. A cabeça estava grande e dolorida. O chão, que eu pisava, parecia ondulado. Gemi. «Quem manda beber Madeira R.?» — gritou P.J. (o que me insultara). Peguei a toalha e saí para o fundo do corredor, onde havia um banheiro de chão lamoso. Ofereceram-me um par de tamancos, com êste carão de cuidado: «Te mete a botar os pés nesse cimento frio, que vais pegar uma catarreira e morrer». Banhei-me, sem sair de dentro dos tamancos. O chão era pastoso, marron e mal cheiroso. Enquanto a água fria caía sôbre minha cabeça, perguntava a mim mesmo, com mêdo, se eu estava indo a caminho do crime. Se aquela não era a minha primeira manhã de gangster. Se aquêle dia não era a véspera da minha estréia como chavequeiro da Urca. Senti nojo de ser ruim. Andando a pé, a 10 minutos dali, estava meu apartamento, claro e sem nomes nas paredes, com uma janela imensa aberta para a Baía de Guanabara. Tôda 6ª feira havia o dinheiro da Rádio Ipanema, pouco, mas certo. Meus companheiros de quarto não sonhavam grandezas. Ao contrário: só falavam para lembrar coisas do Recife e de Campina Grande.

Voltei e vesti-me. Um dêles ainda falava, pregando a necessidade de saírem do Rio. O outro fumava, com os olhos abertos para o teto. Despedi-me e agradeci o trabalho que lhes dera. O que fumava perguntou: «Tens dinheiro?» Disse que sim, mas disse mal. Riram e me ofereceram 100 mil réis. Era dinheiro para almoçar quase um mês, na pensão Cosmopolita. Mas, era dinheiro roubado. Menti que, em casa, dentro de um livro, tinha 250 mil réis escondidos de F.L. e saí para não ouvir a insistência. Na rua, a calçada estava molhada e o vento da baía prenunciava outra chuvarada. Vi que saíra de uma morada, na rua Cândido Mendes, casa antiga, dessas que, na frente, são térreas e, no fundo, descendo, têm muitos andares...

Desenho de Darel





DONA DOROTÉIA INVADIU (cheia de fogo) A PRAIA DO GONZAGA

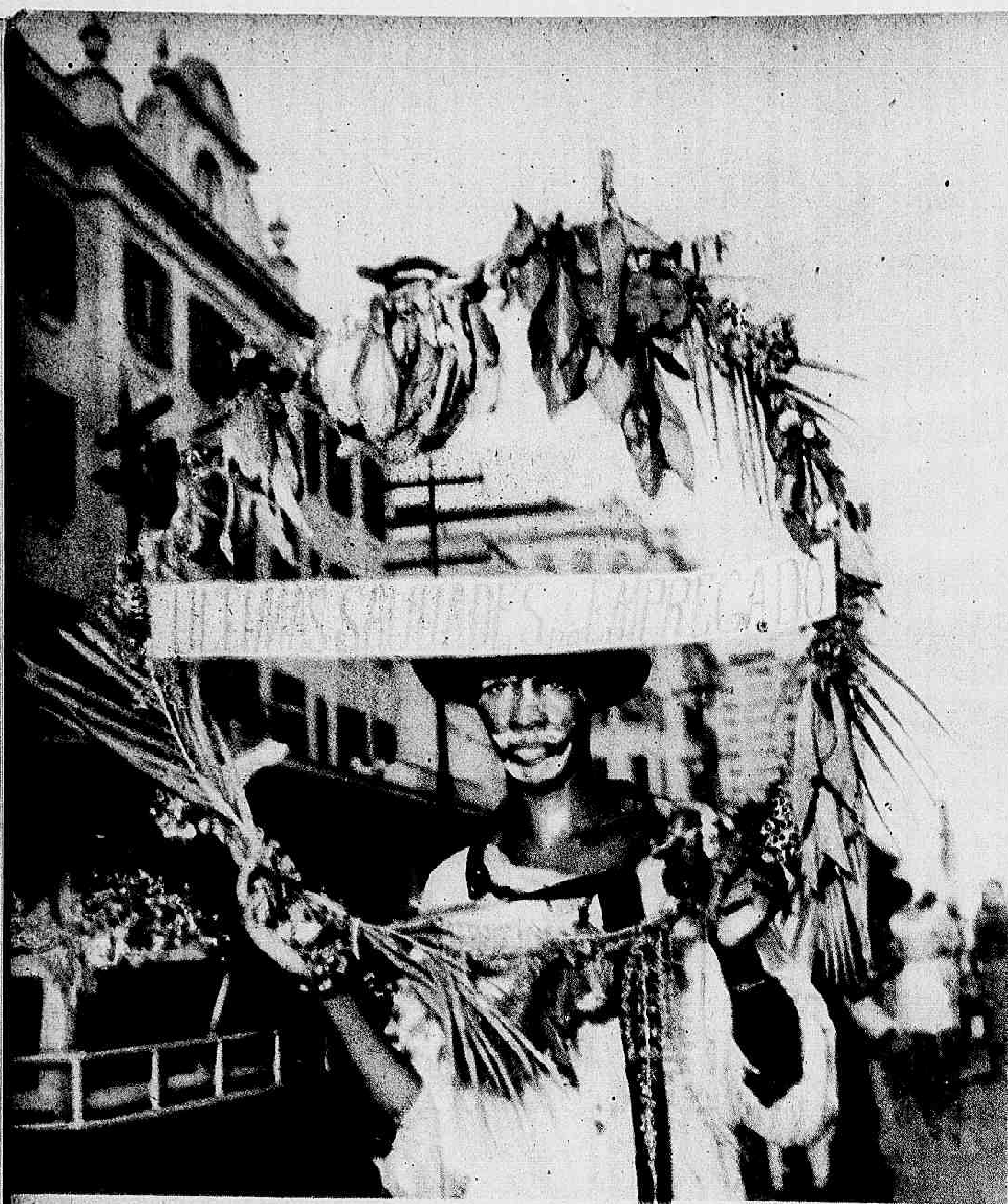
SANTOS VIBROU MAIS UMA VEZ COM UMA DAS MAIS TÍPICAS FESTAS DO CARNAVAL PAULISTA.

Fotos de NORBERTO ESTEVES

VIBROU a população de Santos, no carnaval, com o espetáculo organizado pelo C. R. Saldanha da Gama, tradicional agremiação daquela cidade. O acontecimento, conhecido como «D. Dorotéia, Vamos Furar Aquela Onda?», arrastou enorme multidão à praia do Gonzaga e, a exemplo dos anos anteriores, marcou um estrondoso sucesso. Carros alegóricos, os mais variados, tomaram parte no importante desfile. Dos carros feitos desfilar pela comissão organizadora, «Madame Dorotéia» foi o que alcançou maiores aplausos, sendo que o popular folião Valdemar Estêves da Cunha caracterizou a respeitável matrona Dorotéia... Outro grande sucesso foi conquistado pelo bloco dos «Saca-Rôlhas», que ostentava dísticos em homenagem



DONA DOROTÉA I



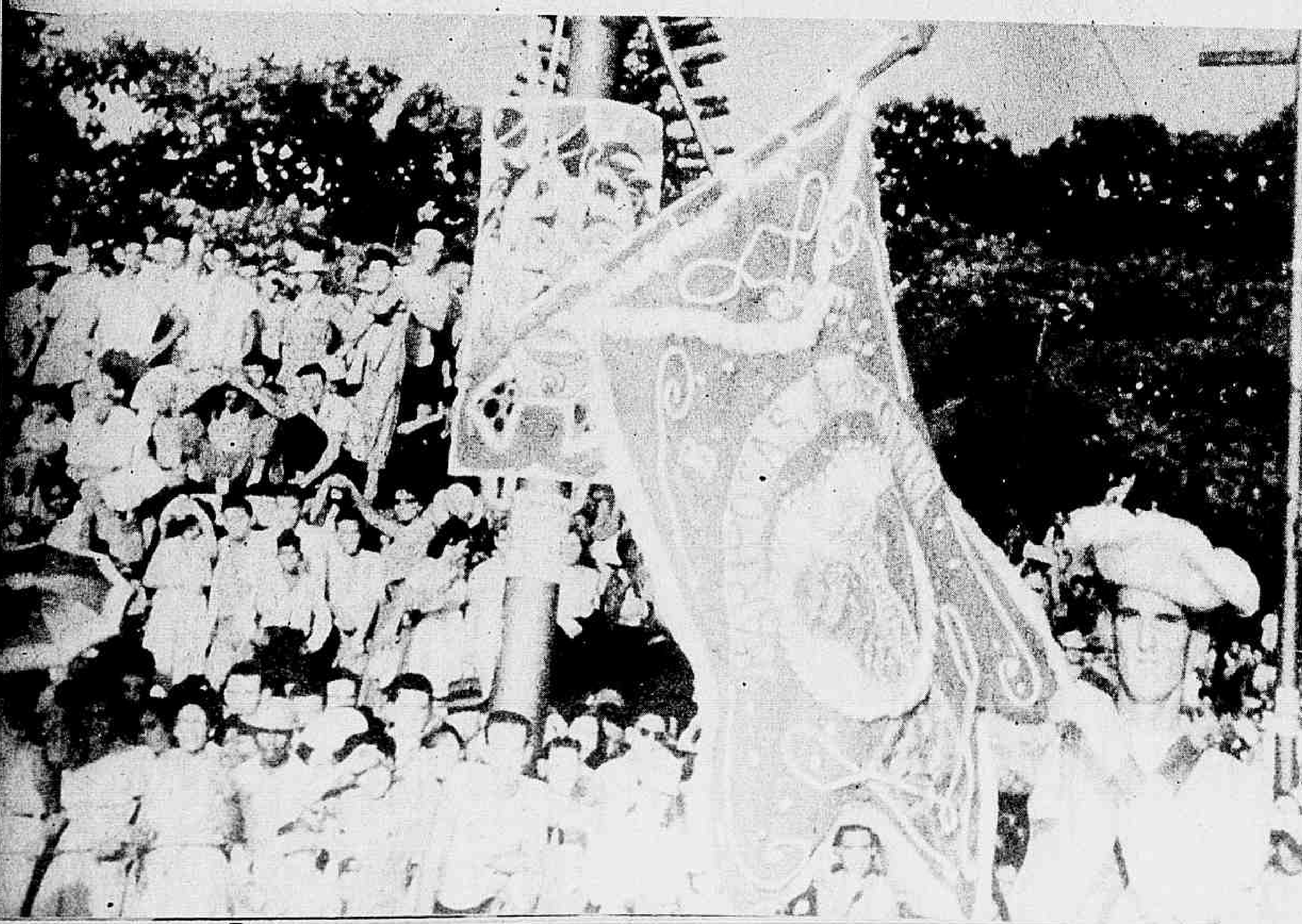
às autoridades. Artistas de cinema, rádio e teatro Alfredo Simoney, Blota Júnior, Isaura Garcia, E da Lua, além da escola-de-samba do «Mestre» Mamata» estêve presente... feliz caracterização

● . **CAMPEONÍSSIMOS** — Como das vêzes anteri do 2º B. C., que se apresentaram carregando cabo metralhadoras. Os «Favoritos do Sultão» foram co logo seguidos pelos «Moleques de Rua bloco apresentando originais fantasias. Crítica que me assistiram ao desfile foi a que as «Mariposas de efeito contra o time de futebol A. A. Portuguêsa, c sem Dalila». Enfim, o conhecido «carnaval de D. a intensidade na praia do Gonzaga. Nurerosos t o famoso Guarujá no reinado de Momo, ficar festejos organizados pelo Saldanha da Gama.

RESULTADO FINAL DO CO

Sagraram-se vencedores os seguintes ...tes, 1º — «Favoritas do Sultão»; 2º — Bloco Carna 3º — «Bugres» do 2º B. C.; 4º — «Ganta do «Mariposas de Santo Antônio»; 6º — Flores classificados, mas sem direito a prêmio tram Atlanta», «Sombra e Chope Fresco». Vi e frisc transcorreram num ambiente de grande ordem e até cansar. Muito chope, cerveja de Mobo e c de D. Dorotéia» foi, como dissemos, um autên estão os organizadores da já tradicional festa.

Quando Dona Dorotéia surgiu das ondas, milhares d





...OTÉA INVADIU...

...na, rádi e teatro compareceram, entre êles ...saura ...rcia, Elza Laranjeira, Vagalumes ...ba do ...estre» Durval. Até a «Turma da ...iz cara...rização de um grupo de foliões.

... das vê...s anteriores, brilharam os «bugres» ... carreg...do cabos de vassouras à guiza de ... Sultão»...ram colocados em segundo lugar, ... de Ru... bloco carnavalesco que desfilou ... Critic...que mereceu louvores dos quantos ...s «Mari...sas de Santo Antônio» levaram a ... A. Port...uêsa, através da alegoria «Sansão ... «carna...l de D. Dorotéia» brilhou com tôda ...ga. Nu...osos turistas que haviam buscado ... de Mo... ficaram deslumbrados ante os ...nha da ...ca.

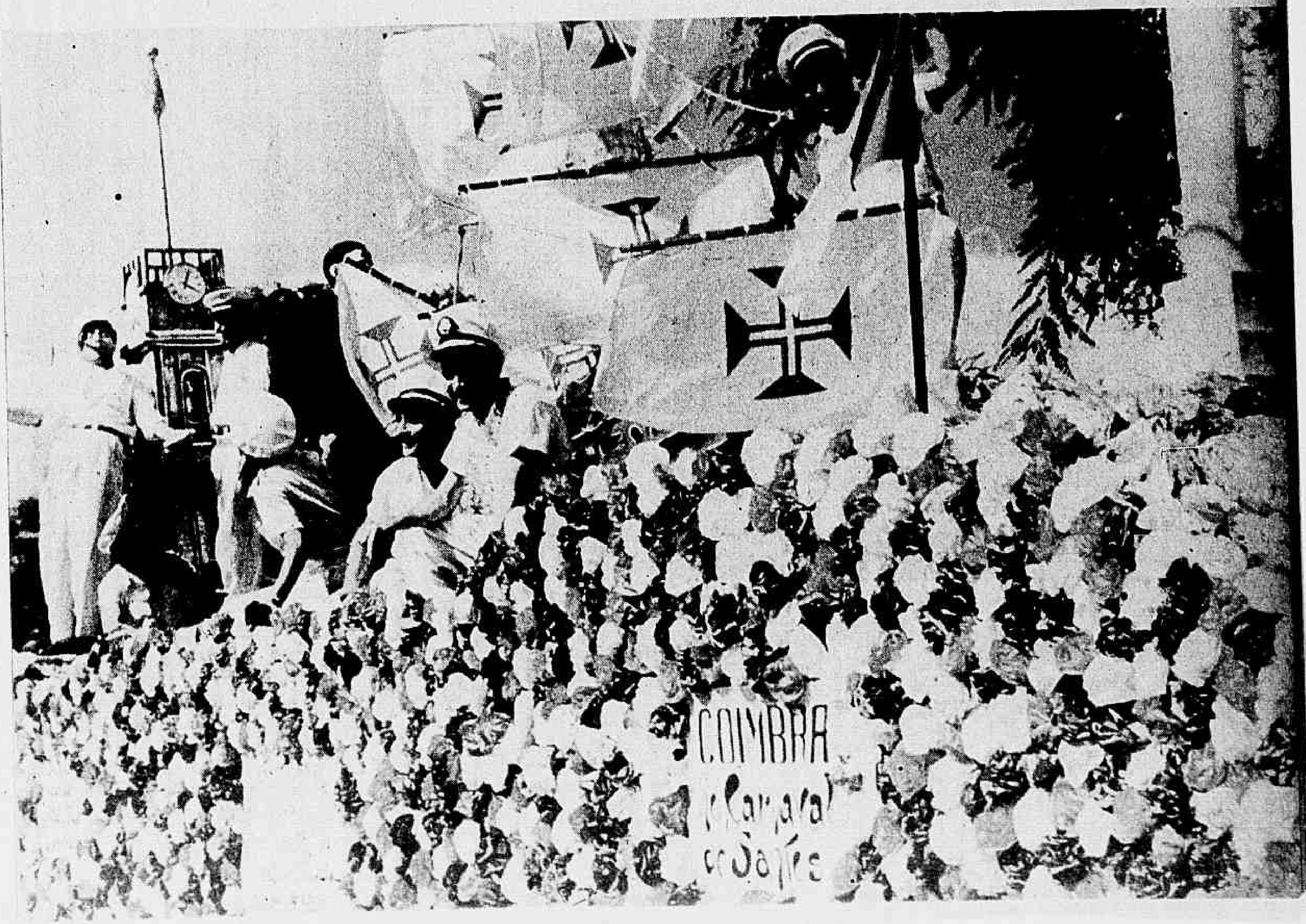
... FINAL ...O CONCURSO

...guintes ...ues, entre êles alguns estreantes: ... — Bloc... Carnavalesco «Moleques de Rua»; ... — «Ga...ta das Casas Populares»; 5º — ... 6º — F...res do Jabaquara». Os demais ... prêmio ...ram «Saca-Rôlhas», «Geishas de ...sco». V...e frisar que tôdas as festividades ... grande ...rdem e disciplina. A turma brincou ... de mo...e alegria a bessa. O «Carnaval ...emos, u... autêntico sucesso e de parabéns ... adiciona... festa.



...res de foliões, na praia, cantaram como uma única voz







Em Paris é Primavera

Paris — Março (de Monique Renaux — correspondente exclusiva da «Revista da Semana», na Europa).





JACQUES FATH — Modêlo em renda rosa sôbre fundo da mesma tonalidade. Complementos — luvas e chapéu em veludo, também rosa

Em Paris é primavera. Os floristas estão apinhados de milhares de côres, e ao longo dos «boulevards» mulheres jovens são vistas vendendo ramalhetes aos passantes. De um dia para o outro, junto com as flores, surgiram também novos trajes e novos adornos para enfeitar as francesas, escolhidos dentre os modelos lançados pelos costureiros, no mês passado. A parisiense elegante tomou conhecimento das novidades e já fêz sua seleção...

O lançamento da moda, êste ano, caracterizou-se principalmente pelo reaparecimento de Madame Chanel, que há 10 anos estava retirada. A linha que apresentou é a de cintura baixa, sem marcação, algo semelhante à moda de 1920, da qual Chanel é a responsável principal. Por outro lado, outros se retiraram da alta costura, Jeanne Lafaurie, Marc Bohan, Serge Kogan (êstes dois últimos continuam a desenhar para Jean [illegible] e Germaine Leconte, respectivamente). Paquin e Worth, também se aposentaram. Como se vê uma modificação bem grande no cenário da alta costura...

Ficaram Dior, Castillo (de Lanvin), Maggy Rouff, Jean Desses, Fath, e um quase novo, Pierre Billiet, como os principais lançadores da moda de 1954. Vocês hão de querer saber, naturalmente, o resultado final da luta pela saia curta, do ano passado. Pois chegou-se a um acôrdo. Todos os costureiros encurtaram um pouco suas saias mas não tanto quanto Dior queria há um ano atrás...

MAGGY ROUFF — Vestido em organdi, com aplicações de chintz. O modêlo, para coquetel, pode ser usado também como vestido de noite



PIERRE BILLET — Fotografado no "Lachaume" — o grande florista parisiense — êste modêlo em popeline amarela e branca é um dos mais juvenis do costureiro parisiense.

PIERRE BILLET — Denominou "Cannes" a êste modêlo em "moirê" amarelo enxofre, para à noite. Como ornamento único, botões de "strass" fechando o corpete





Após o ato religioso os noivos deixam o templo entre alas formadas por centenas de pessoas das sociedades carioca e petropolitana.



Um aspecto do casamento realizado na Igreja do Alto da Serra, em Petrópolis, vendo-se os noivos ladeados pelos seus ilustres pais.

NÚPCIAS

NO dia 9 de janeiro p. passado, uniram-se pelos laços matrimoniais os jovens FELICIDADE MENDES CARNEIRO e NARCISO BASTO FILHO, figuras de relêvo da nossa melhor sociedade. O ato civil, que contou com a presença de elevado número de pessoas das relações das ilustres famílias dos nubentes, foi paraninfado pelos srs. José Ribeiro de Paiva, por parte do noivo, e dr. Victor Guizard, pela noiva.

A cerimônia religiosa realizou-se, com desusada pompa, na Igreja de Santo Antônio do Alto da Serra, em Petrópolis, tendo como padrinhos os pais da noiva, sr. Antônio Mendes Carneiro e sua espôsa, sra. Laura Mendes Carneiro, e os pais do noivo, sr. Narciso Basto e sua espôsa, sra. Maria da Glória Morais Basto. O templo ficou repleto de pessoas das mais representativas das sociedades carioca e petropolitana que foram levar aos noivos os seus votos de feliz união.



Durante a recepção, que teve lugar na residência dos pais da noiva, o sr. Narciso Basto ergue sua taça em homenagem aos nubentes.



Outro aspecto tomado na residência dos pais da noiva, onde foram recepcionados parentes e amigos das distintas famílias dos noivos.

REGRAS BÁSICAS PARA COQUETÉIS

OS coquetéis têm sido descritos como uma reunião social em que se procura colocar algumas centenas de pessoas num espaço onde cabem apenas 12. A descrição pode ser levada ainda mais adiante, dizendo que coquetel é uma festa na qual as pessoas vão dispostas a comer canapês e mandá-los para dentro a custa de bebidas, e outras vão apenas para beber, comendo ocasionalmente uma ou outra coisinha. Para o primeiro grupo a comida é o mais importante e êles insistirão sempre em que o «hors d'oeuvres» pode fazer o sucesso ou o fracasso de uma festa. O outro grupo dificilmente notará isso e não achará falta nenhuma, caso êle não exista. Dirão que tudo depende da qualidade do uísque e da habilidade com que os martinis são misturados.

Existe, finalmente, um terceiro grupo intermediário, que tanto aprecia a bebida como a comida e são nesses que pensamos quando planejamos qualquer coquetel. Para começar, ninguém, nem mesmo aquêles que só pensam na bebida, gostariam de comer um canapê gorduroso, nem tão pouco uma vasilha cheia de uma espécie de goma onde os convidados devem mergulhar pedacinhos de batatas cozidas para daí tirar algum alimento. A primeira regra que se deve seguir em qualquer coquetel, é que a comida deve ser fácil de se comer. Em segundo lugar, não deve haver nada gotejante nem difícil de se colocar numa sala cheia de gente, como por exemplo caroço de azeitona. O que acontece é que muitos o engolem e outros o levam no bôlso para casa.



● Ensinando a lista de canapês, pelo menos para a maioria dos «homens», acreditem ou não, estão os biscoitinhos salgados com pedacinhos de queijo. Arranje uma boa variedade de biscoitos e outra de queijos. Cuide que não faltem palitos ou espetinhos para os queijos mais moles. Para os mais duros, corte-os no tamanho dos biscoitos. Você ficará até surpreendida com os resultados. Isso, no entanto, não inclui aquêle môlho de queijo no qual você tem que mergulhar um pedacinho de batata, que, na maioria das vêzes se quebra, indo parar lá no fundo. Só temos, então, duas alternativas: ou enfiar a mão para pescá-lo, ou contentar-nos com o pedacinho que nos ficou entre os dedos. Só nos restaurantes é que costumamos ver umas duas dúzias de variedades diferentes de canapês, portanto se você não está querendo se exibir, é melhor escolher poucos, mas todos gostosos. Se tiver algum quente dê um jeito para que se conserve assim. Isso pode ser conseguido com o auxílio de dois pequenos fogareiros. Sugiro, por exemplo, um prato de ostras, cada uma enrolada numa tira de «bacon» ou presunto frito. Se ao contrário forem do tipo de canapê que sai direto do forno, para a sala, cuide que sejam servidos na mesma hora.

WEEK-END NA COZINHA ▶

● Um «hors d'oeuvres» famoso é tìpicamente francês é o de **anchovas**, que, embora muito simples e fácil de fazer, é delicioso. A sua receita pode ter imensas variações mas os ingredientes principais são sempre os mesmos, anchova, alho, óleo, vinagre e pão. Os franceses lavam e limpam as anchovas antes de usá-las, mas pode-se perfeitamente usar filés de anchova enlatados. Corte-os em pedacinhos pequenos e pese-os. Pique um têrço em pêso de dente de alho com uma colher, das de sopa, de salsa. Junte uma colher, das de sopa, de farinha de rosca e um pouco de pimenta, para temperar. Provàvelmente as anchovas não terão a quantidade de óleo suficiente, ponha portanto mais um pouco de azeite para formar uma pasta não muito grossa. Tempere com algumas gôtas de vinagre fino.

● Se você tem pão velho em casa, tanto melhor. Corte-o em quadradinhos e torre ou então frite na manteiga. Depois espalhe por cima de cada um, um pouquinho da massa e termine com um pedacinho de manteiga. Leve ao forno, apenas, o tempo suficiente para derreter a manteiga. Sirva imediatamente enquanto ainda estão quentinhos, e sua reputação estará firmada!

● Outro canapê semelhante a êsse é feito com **sardinha** e conhecido como manteiga de sardinha. Pegue uma ou duas latas de sardinhas e remova as espinhas e a pele. Coloque-as numa vasilha qualquer e junte tanta manteiga quanto fôr a quantidade de sardinhas, mais um pouquinho de sal e pimenta. Faça uma pasta bem grossa e junte, se quiser, um pouco de ovas de peixe cozidas. Sirva sôbre torradas doces e lembre-se de que para ser gostoso tem que ser passado quase gelado.

● Para terminar, uma surprêsa: misture uma boa quantidade de carne de galinha bem picada com quatro colheres, das de sopa, de manteiga. Adicione em seguida uma colher, das de sopa, de «sherry» sêco, e ponha numa vasilha de barro. Cubra com amêndoas picadas e salgadas. Coloque perto bastante biscoito salgado e algumas faquinhas para passar a massa e garanto como se verá tonta com as perguntas . . .

...e no bar

ESTÁ procurando uma mistura diferente para oferecer a seus amigos? Eis exatamente o que lhes há de agradar num dia de calor, o PONCE PUNCH — uma bebida forte, servida geladinha.

PARA UMA DOSE:

30 gramas de suco de laranja
15 gramas de suco de abacaxi
15 gramas de rum do Pôrto Rico
1 colher das de chá de granadine,
algumas gôtas de bitter.

Misture bem, na coqueteleira, junto com gêlo picado. Sirva em copos grandes com bastante gêlo; enfeite com cerejas, pedaços de abacaxi ou rodelas de limão — a gôsto.

Conversa de MULHER



SUGESTÃO PARA O LAR

● Num apartamento moderno, nennum cantinho que possa ter alguma utilidade é desperdiçado; é tudo tão exíguo que, se não se tira o máximo proveito não se obtém o necessário confôrto que se espera de um lar. Uma simples parede da cozinha foi — na ilustração — transformada em copa reduzida, com espaço para o café da manhã ou uma refeição ligeira. Colocou-se um balcão, afastado cêrca de 30 centímetros da parede. Nesse balcão há lugar para a colocação de dois jogos americanos, com respectivos pratos e copos. A decoração é graciosa para não dar ao recanto um aspecto acanhado. Cortinas alegres, com estamparia original, combinada com tecido de listra. Babadinhos à volta do balcão dão-lhe um ar caseiro. Os dois bancos podem ser um de cada côr. A sugestão é da decoradora Martha Beha — que se especializou em encontrar soluções graciosas para o problema de pouco espaço. NIKE

● A PÉROLA DO LAR



Existe na França um clube que tem como principal finalidade a eleição da «Pérola do Lar». Todos os anos é escolhida a «Pérola» entre as jovens que se apresentam como casadoiras, como um bom partido, por suas prendas domésticas. Êste ano, saiu vencedora uma senhorita de 33 anos, que se oculta sob o romântico pseudônimo de «Flor de Lys». Sua fotografia, com um ferro de engomar na mão, foi publicada em tôda a imprensa francesa. Provàvelmente dentro de poucos meses terá encontrado marido, pois são muitos aquêles que preferem para rainha do lar uma jovem trabalhadora e virtuosa, a uma «Rainha de Beleza», como existem muitas.

● PÁSSARO TRAVÊSSO

Em Borehan, na Inglaterra, um pássaro se tornou o terror das mães. Não é uma ave de rapina, nem de tamanho excepcionalmente grande. Não. É uma simples pêga, que tem a propriedade de atacar as crianças da maneira a mais inesperada. Belisca às criancinhas de berço, se a janela foi deixada aberta. Puxa os cabelos dos meninos e meninas nas ruas. Chegou a tirar das mãos de um garôto a moeda que êste levava para comprar sorvete. Outro, que já saíra com um gorrinho de lã com mêdo de ver o pássaro puxar-lhe os cabelos louros teve o gorro levantado no ar pela travêssa pêga. Incrível!

● NÃO CONCORDOU

Nem todos os colunistas sociais se conformaram com a escolha das dez mulheres mais bem vestidas do mundo, apresentada há pouco pelo New York Dress Institute. Igor Cassini, por exemplo, resolveu organizar sua própria lista de 16 senhoras e senhoritas, julgadas as mais bem vestidas. Em primeiro lugar colocou Gloria Vanderbilt, espôsa de Leopold Stokowsky. Em terceiro lugar encontramos Barbara Hutton Rubirosa. No quarto a senhora Parley, espôsa do presidente da Colômbia, que também aparece na lista do New York Dress. Igor Cassini (que é ex-cunhado de Gene Tierney) justifica a sua escolha e a sua discordância, dizendo que «os nomes do New York Dress são todos os anos os mesmos, com ligeiras variações».

● COM TRÊS PERNAS



A natureza prega, às vêzes, algumas peças bem desagradáveis, quando na formação da criança antes de nascer. É assim que em Cordoba, foi dada à luz uma criança que tinha três pernas. Felizmente os médicos conseguiram amputar a perna menos perfeita — que além de torta tinha um pé com 8 dedos — e a criança sobrevive quase inteiramente normal.

A beleza dos pés

● Em geral, as mulheres têm uma preocupação bastante grande com a aparência de seus pés na época de verão, quando vão a praia ou usam sandálias abertas. Então dedicam parte de seu tempo a cuidar das unhas e pintá-las, e vão duas vêzes por mês ao pedicuro. Quando porém a temperatura se torna amena e volta a moda das meias e dos sapatos fechados, os pés são completamente descuidados.

● O tratamento dos pés não é sòmente um tratamento de beleza, mas necessário para a boa disposição geral. Além disso, pés bem tratados rasgam menos as meias de nylon, pois são menos ásperos. Eis aí uma porção de motivos para que você conserve sempre seus pés limpos de calos e asperezas, e, se transpiram demasiadamente, para que use um talco apropriado depois de cada banho. Espere, porém, que seus pés sequem completamente antes de passar o talco, para que êste não se transforme numa pasta de amido que provoca mau cheiro e frieiras.

● Não se esqueça também de exercícios diários para a conservação da boa saúde dos músculos de seus pés. O melhor é andar por algum tempo com sapatos de saltos baixos, o que você pode fazer pela manhã, quando vai à feira ou às compras no seu bairro. Se gosta de pintar as unhas dos pés, faça-o. O mais importante, porém, é tê-las sempre limpas, com a cutícula afastada, e convenientemente aparadas. Uma vez por semana, no mínimo, deixe seus pés de môlho em água quente com sabão, e depois proceda à limpeza e tratamento das unhas. — (Foto: Dolores Doru — Warner).





um pouco de beleza

CABELOS VIVOS E BRILHANTES

Muitas vêzes os cabelos não ficam bonitos no dia em que são lavados. Depois de dois dias tornam-se ressecados e baços. O remédio é você colocar um pouco de loção oleosa na sua escôva de cabelos, tôdas as vêzes que escová-los. Adquirirão brilho e consistência.

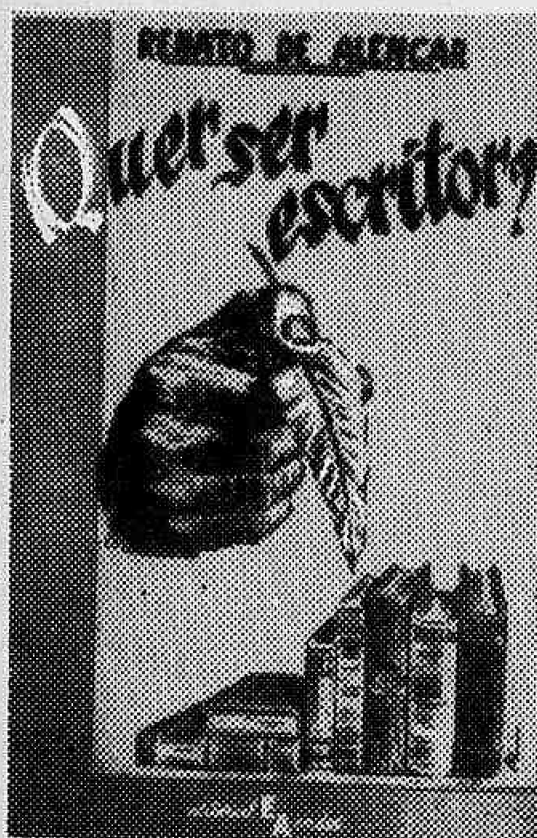
ANTES DE PINTAR OS CABELOS

Se acha que deve pintar os cabelos escolha a tinta para isso bastante antes. Faça um teste de um dia para o outro, pondo um pouco de tinta numa pequena superfície de couro cabeludo. Depois de 24 horas da aplicação verifique se sua pele apresenta alguma reação. Se apresentar, desista da pintura.

MÉTODO EM SUA MAQUILAGEM

A primeira fase da maquilagem do rosto é a aplicação da base, que deve ser feita suavemente e por igual. O rimel também é logo espalhado em volta dos olhos, e o rouge nas faces. Depois disso, deixe o rosto descansar um pouco, para que o calor da pele rejeite qualquer excesso de base, ou avive a tonalidade do rouge. Pode cuidar dos cabelos nesse intervalo, ou das mãos. Sòmente em seguida passe o pó, retocando o rouge se preciso. Finalmente aplique a máscara se a usa.

QUER SER ESCRITOR?



Livro indispensável aos que desejam iniciar-se na Literatura nacional.

●

Em tôdas as livrarias e pelo Reembôlso Postal, Editorial Andes, Largo da Carioca, 11 — Rio de Janeiro. Preço: Cr$ 50,00.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME.........................

RUA.................... Nº.....

CIDADE.........................

ESTADO.........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10
Telefone: 35-41-95
Enderêço telegráfico:
'Windsorhotel
SÃO PAULO

Semana Astrológica

● **Muitos dos nossos leitores têm estranhado o emprêgo que a REVISTA DA SEMANA vem dando às notações astrológicas, nesta seção, considerando, por exemplo, o Sol no signo do Capricórnio, entre 24 de junho e 22 de julho e não no signo do Câncer, como se admite geralmente. O signo do Câncer é oposto ao signo do Capricórnio. E' justamente nessa oposição que o nosso processo se fundamenta. Os signos do Zodíaco representam as estações do ano. Câncer simboliza o verão e Capricórnio, o inverno.**

● **Ora, o nosso verão não chega em junho nem o nosso inverno, em dezembro. No hemisfério sul, as estações estão a seis meses, em relação ao hemisfério norte. Elas se opõem, portanto, no tempo, não obstante serem os mesmos, os seus efeitos. As nossas indicações são feitas tendo-se em conta a nossa posição meridional. Invertemos os signos para não fugir à realidade da sua fenomenologia.**

Semana astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 27 DE MARÇO E 2 DE ABRIL DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — O leitor vai atravessar um período suave. Os influxos planetários, na próxima semana, não lhe favorecerão os empreendimentos, é certo, mas não lhe prejudicarão os interêsses, inoperantes como serão. Faça por si mesmo, sem esperar que o Céu o ajude.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — A próxima semana terá uma feição muito favorável aos seus negócios e às suas iniciativas, especialmente no que depender do govêrno ou do elemento oficial. Os assuntos legais estarão muito beneficiados.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Ótima sua posição em face do Céu emissor, na próxima semana. A chance será grande sob o ponto de vista da recuperação que tiver de fazer, tanto sob o ponto de vista profissional e doméstico, como no que diz respeito à vida sentimental.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Não confie nas suas próprias idéias. Submeta à apreciação de pessoas de sua inteira confiança, a realização dos planos que houver elaborado. Aconselhe-se e conte até dez, antes de agir. Sua posição é falsa.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — A próxima semana, no caso do leitor, será iniciada com uma verdadeira «briga» entre os luminares. Tememos pela estabilidade do seu lar, da sua vida conjugal tão sèriamente ameaçada. Evite tôda e qualquer discussão durante os próximos sete dias.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — O poder da sua intuição vai ser grandemente aumentado. Poderá agir por conta própria, «spont sua» como diriam os antigos. Os conselhos que lhe derem, no próximo período, serão os do «Amigo da Onça». Não lhes dê ouvidos.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Uma semana relativamente favorável terá o leitor, destacando-se, sob tal aspecto, os dias 31 de março e 1 de abril próximo. Todos os pedidos que formular serão prontamente atendidos.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Sòmente o dia 31 de março expirante lhe será favorável, no próximo período. Não tome iniciativas, nos dias restantes. O ambiente astral lhe será inteiramente desfavorável.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Vai haver uma reação salutar, no seu caso. Os astros lhe proporcionarão um período propício às restruturações que necessitar de fazer, principalmente se procurar refazer-se dos prejuízos suportados na semana corrente.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Sua posição não será alterada na semana vindoura. O astro que lhe comanda o destino continuará desfrutando um clima o mais favorável, isto é, estará inofensivo, sem poderes e em retrogradação ainda por algum tempo.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — O ambiente astral, na próxima semana, será propício às atuações que tiver. O setor profissional será particularmente beneficiado. O leitor encontrará facilidades nas suas pretensões, desde que fique limitado ao possível. Nada de absurdo.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — As modificações possíveis, na semana que se avizinha, no caso do leitor, não lhe modificarão, substancialmente, a posição em que se encontrava, no início da semana em curso. O clima lhe será muito favorável. Com a necessária prudência, poderá conseguir muito.

OS NOMES DA SEMANA

Março,	27	—	Salústio	—	Aidil
"	28	—	Saturno	—	Edla
"	29	—	Damásio	—	Damiana
"	30	—	Almério	—	Estefânia
"	31	—	Rosalvo	—	Virgilha
Abril,	1	—	Domício	—	Ester
"	2	—	Carlos	—	Albertina

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Março,	27	—	6º - 16' - 49"	(Signo do Carneiro)
"	28	—	7º - 16' - 10"	(" " ")
"	29	—	8º - 15' - 29"	(" " ")
"	30	—	9º - 14' - 47"	(" " ")
"	31	—	10º - 14' - 3"	(" " ")
Abril,	1	—	11º - 13' - 16"	(" " ")
"	2	—	12º - 12' - 28"	(" " ")

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilena»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

★

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

★

RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Aguas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20. Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela. AGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇAO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para São Paulo.

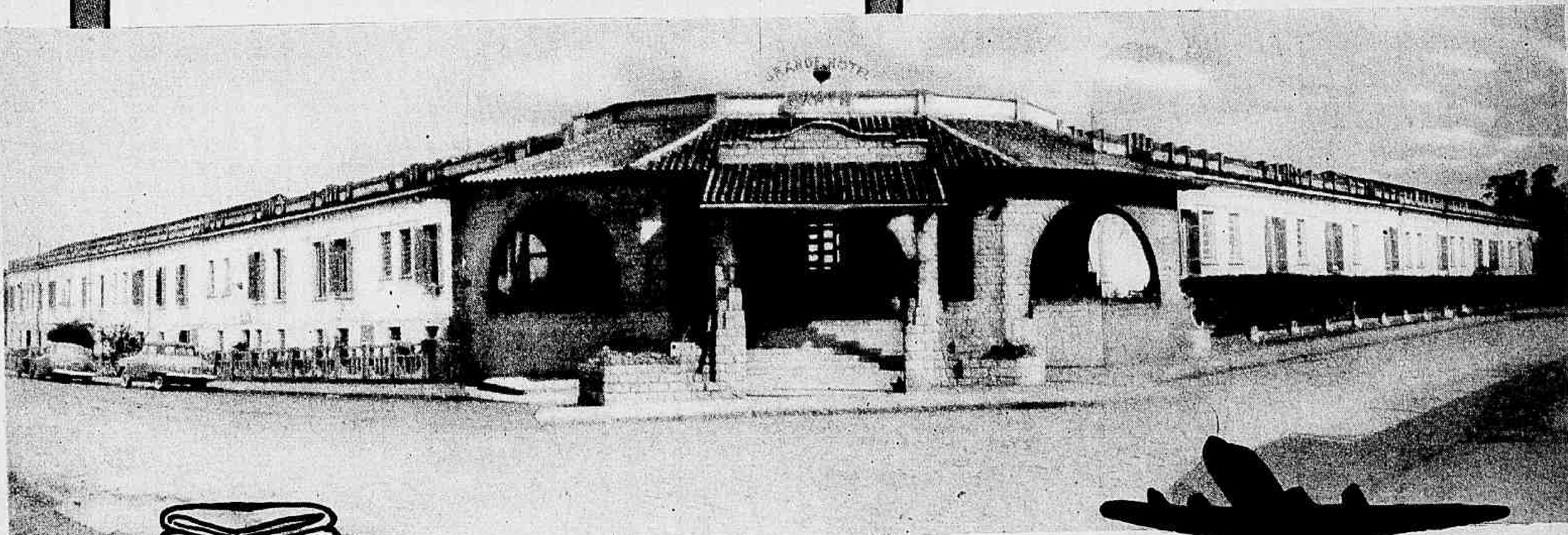


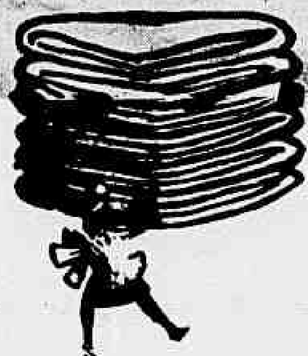
EXCELENTE BAR

AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES

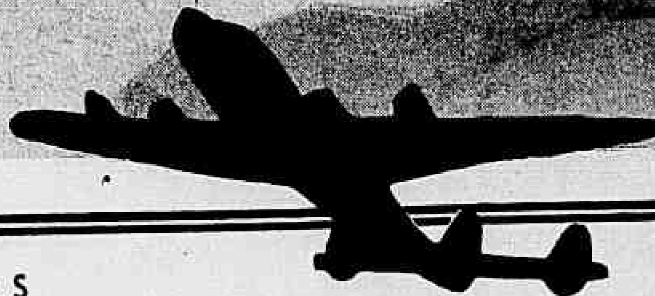




ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

«A VICHY BRASILEIRA»



AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Calda — via São Paulo
★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte
(do aeroporto a Águas da Prata
30 minutos de automóvel)



O sr. Francisco de Paula Machado recebe também o troféu que traz o nome do seu ilustre e saudoso progenitor.

A GRANDE TEMPORADA TURFÍSTICA

BRILHANTE O INÍCIO DO CALENDÁRIO DÊSTE ANO

COMEÇARAM AS GRANDES TARDES DO HIPÓDROMO BRASILEIRO ★ "GRANDE PRÊMIO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA", EXCELENTE PONTO DE PARTIDA ★ O ALMÔÇO E OS DISCURSOS TROCADOS ★ ENTREGA DAS "TAÇAS LINEU DE PAULA MACHADO" ★ O TRÍPLICE-COROADO.

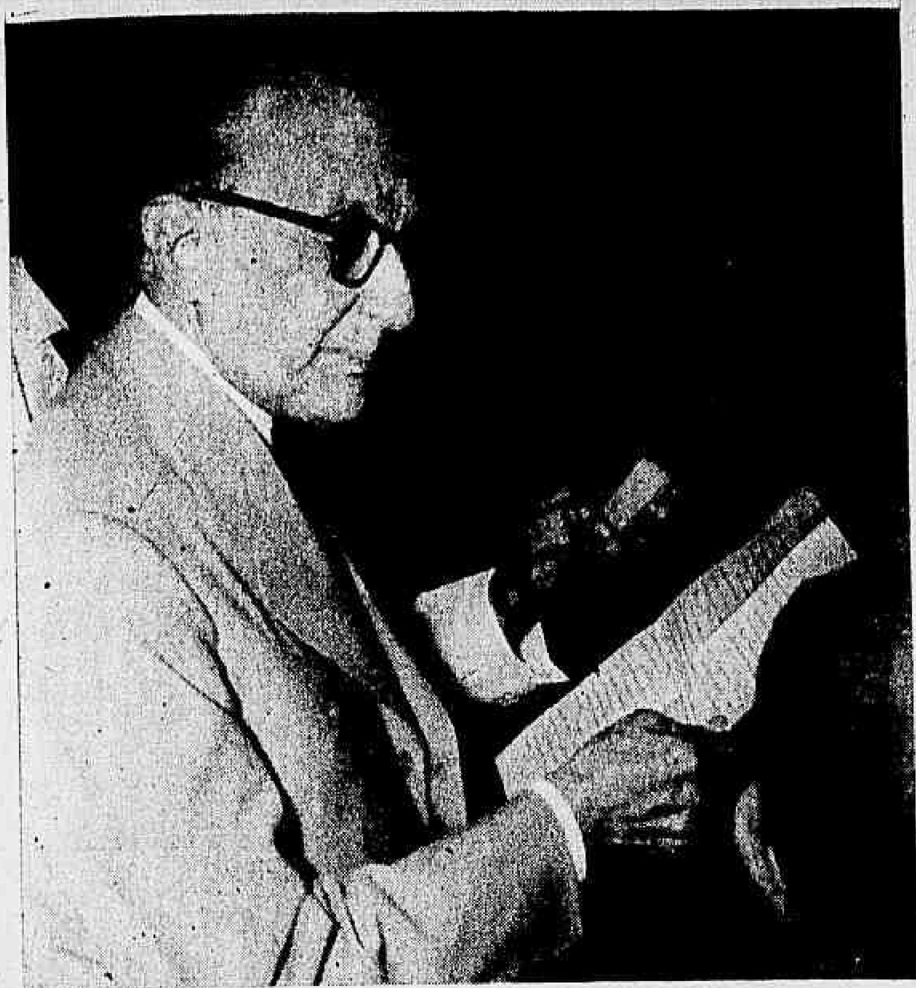
NO primeiro domingo do mês inaugurou-se a temporada turfista do Jockey Club Brasileiro. Como anualmente sucede, essa reunião foi marcada por uma nota de entusiasmo esportivo e de alta distinção. Ao prado da Gávea não deixaram de comparecer inúmeros carreiristas e a elite carioca. O programa da tarde, que foi belíssimo, teve início no Salão das Rosas, do Hipódromo Brasileiro, com um almôço ao ministro da Agricultura, sr. João Cleofas, no qual tomaram parte altos elementos daquela pasta, os diretores do Jockey Club, tendo à frente o seu presidente, dr. Mário de Azevedo Ribeiro, que ofereceu o ágape em nome da grande entidade hípica, agradecendo o homenageado. Nas corridas destacou-se o G. P. Ministério da Agricultura com a novidade de ser dividido em duas carreiras, tal o número de animais inscritos. Essa inesquecível festa hípica finalizou com a entrega aos criadores que, nos anos de 1942 a 1953, conquistaram o prêmio «Taça Lineu de Paula Machado» e também com a entrega da taça e medalha de ouro ao dr. A. J. Peixoto de Castro Júnior e à sua espôsa, sra. Zélia Gonzaga Peixoto de Castro, respectivamente como criador e proprietária do «crack» nacional Quiproquó, tríplice-coroado. Presentes a essa simples mas expressiva solenidade, receberam as taças que conquistaram relativamente aos prêmios «Taça Lineu de Paula Machado», os srs. A. J. Peixoto de Castro Júnior, F. E. de Paula Machado, Gilberto da Rocha Faria e Roberto Seabra. Todos foram cumprimentados pelo ministro João Cleofas que, em nome do Jockey Club Brasileiro, solicitado pelo presidente Mário de Azevedo



Trocam brindes o ministro João Cleofas e os srs. Mário Ribeiro, Luís Gallotti e Paula Machado, da presidência do Jockey Club Brasileiro.



O casal A. J. Peixoto de Castro Júnior - d. Zélia G. Peixoto de Castro, com a medalha de ouro e a taça do tríplice-coroado.



O presidente do Jockey, sr. Mário de Azevedo Ribeiro, saudando em nome da sociedade ao titular da pasta da Agricultura.



Aspecto parcial da mesa do almôço, que reuniu elementos da mais alta representação social e política desta capital.

Ribeiro, fêz a entrega dos troféus. Nessa ocasião falou, agradecendo em nome dos criadores contemplados, o dr. A. J. Peixoto de Castro Júnior.

Da saudação feita pelo presidente do Jockey Club Brasileiro, sr. Mário de Azevedo Ribeiro, ao ministro João Cleofas, destacamos o seguinte trecho: «O Jockey Club Brasileiro empresta a colaboração que lhe é pedida e sente-se desvanecido pela alta distinção conferida de dirigir o Stud Book Brasileiro. Tal delegação de funções acarreta difíceis encargos que se traduzem na observância rigorosa e na aplicação sistemática de preceitos legais. Todo o trabalho se tornaria improfícuo sem uma vigilância severa e uma assistência contínua nos centros de equinocultura. A visita assídua de técnicos especializados, aos haras, tem sido o meio idôneo para auferir os resultados mais favoráveis. O número sempre crescente dos campos destinados à formação do puro-sangue atesta o incremento que está atingindo a criação nacional. Sem dúvida, os benefícios da Lei da Nacionalização do Turfe já fizeram sentir os seus efeitos salutares. Mas, seria, igualmente, justo, reclamar, para o Jockey Club Brasileiro, o grande impulso que representou, no progresso alcançado, a construção do magestoso prado de corridas. O Hipódromo da Gávea marcou, em definitivo, o início da nova era do turfe no Brasil. O êxito dos esforços conjugados recebe, hoje, mais uma demonstração, no estímulo aos abnegados criadores do puro-sangue de carreira. A disputa do Grande Prêmio Ministério da Agricultura, instituído pela atual Diretoria, abre uma feliz oportunidade para homenagear, com merecido destaque, a Secretaria de Estado que presta os mais assinalados serviços aos nobres ideais que tanto enaltecem o esporte hípico».

Na sua resposta ao presidente do Jockey Club Brasileiro, referindo-se aos criadores e à atuação da Sociedade, frisou o ministro João Cleofas: «Os criadores brasileiros, integrantes dos quadros sociais do Jockey Club do Brasil, exercem, portanto, papel de assinalado relêvo no progresso da produção de animais de corrida. Exercem, devo dizer, uma função pública, pela vocação, pelo desinterêsse, e pelo espírito de coletividade que se animam e que os fazem dedicar-se, num esfôrço constante, ao aperfeiçoamento progressivo de uma missão que lhes pertence, mas que se confunde, também, com a missão do poder público. É por essas razões que eu me sinto satisfeito em vir aqui para louvar o esfôrço e o trabalho dos denodados criadores brasileiros e dizer-lhes que podem contar com tôda a cooperação do Ministério da Agricultura. Desenvolvendo cada vez mais êste trabalho, o Jockey Club Brasileiro presta, devo repetir, serviço de alto alcance público, merecendo, por isto, todo o apoio possível. Agradeço, sobremodo desvanecido, as palavras com que fui saudado pelo vosso ilustre Presidente e brindo, na sua pessoa e na pessoa dos demais diretores do Jockey Club Brasileiro, o crescente desenvolvimento desta grande associação de tão alta finalidade esportiva e social».

O sr. Peixoto de Castro Júnior, em um improviso feliz, disse, entre outras justas observações o seguinte: «Como criador e como representante natural da proprietária dos potros que fizeram jus a êstes prêmios, quero agradecer às generosas referências que nos tocaram a ambos, na oração que acaba de proferir meu velho amigo dr. Mário Ribeiro, tão expressiva do seu cavalheirismo e do seu propósito de enaltecer e honrar a criação nacional que é, convenhamos, a maior fôrça criadora e mantenedora do «turf» nacional. Em discursos que proferi nas últimas e dramáticas assembléias do extinto Derby Club, todos êles de veemente combate à fusão das duas antigas sociedades turfísticas do Rio de Janeiro, fiel que me conservei ao princípio de que precisamos abrir e não fechar hipódromos, sustentei que não teríamos, nunca, um grande «turf» nacional, sem que tivéssemos, ao lado, uma grande criação nacional. E, hoje, decorridos 20 anos, podemos dizer, sem jactância, mas com justificável orgulho, diante da deslumbradora evidência, que possuímos uma grande criação nacional, uma grande criação, à paridade quase das mais desenvolvidas do mundo».



O ministro João Cleofas, entre os srs. Mário Ribeiro e Luís Galletti, agradece a homenagem que lhe prestou o Jockey Club.



A entrega das Taças «Lineu de Paula Machado» foi feita pelo ministro João Cleofas e presidente Mário de Azevedo Ribeiro.



O sr. A. J. Peixoto de Castro Júnior fala em nome dos criadores, agradecendo à homenagem do Jockey Club Brasileiro.

UM NOVO ROMANCE

MARIA

• Brevemente iniciaremos a publicação do belíssimo e emocionante romance **MARIA**, obra-prima de Jorge Isaacs. Trata-se de uma história banhada de delicioso lirismo, contendo episódios de amor entre dois jovens que se amavam desde a infância, sem que de nada suspeitassem. Jorge Isaacs, uma das glórias da literatura sul-americana, nasceu na Colômbia e soube dar ao seu romance todo o vigor de sua alma de poeta.

MARIA

É UMA HISTÓRIA DE AMOR, CHEIA DE EMOÇÃO E POESIA

CUCO

POR MOTIVO DE DOENÇA, A PÁGINA HUMORÍSTICA DE LEON ELIACHAR DEIXARÁ DE SER PUBLICADA NESTE NÚMERO.

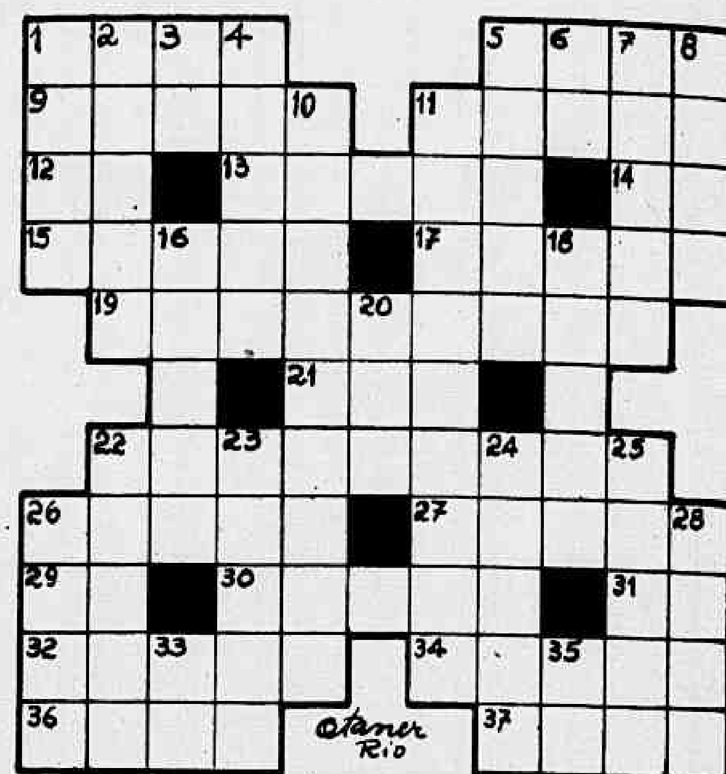
RESPOSTAS AO TESTE DA PÁGINA 18

1 — Schopenhauer ★ 2 — Louro ★ 3 — A do Corcovado (4 km) ★ 4 — Inventor do bilhar ★ 5 — Alekhine ★ 6 — É de origem imprecisa ★ 7 — O terremoto de Lisboa ★ 8 — 250 milhões de dólares por dia ★ 9 — Estados Unidos ★ 10 — Em Cuba ★ 11 — Na do Vaticano ★ 12 — Estrasburgo ★ 13 — 1810 ★ 14 — Arquimedes ★ 15 — 1754

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 9

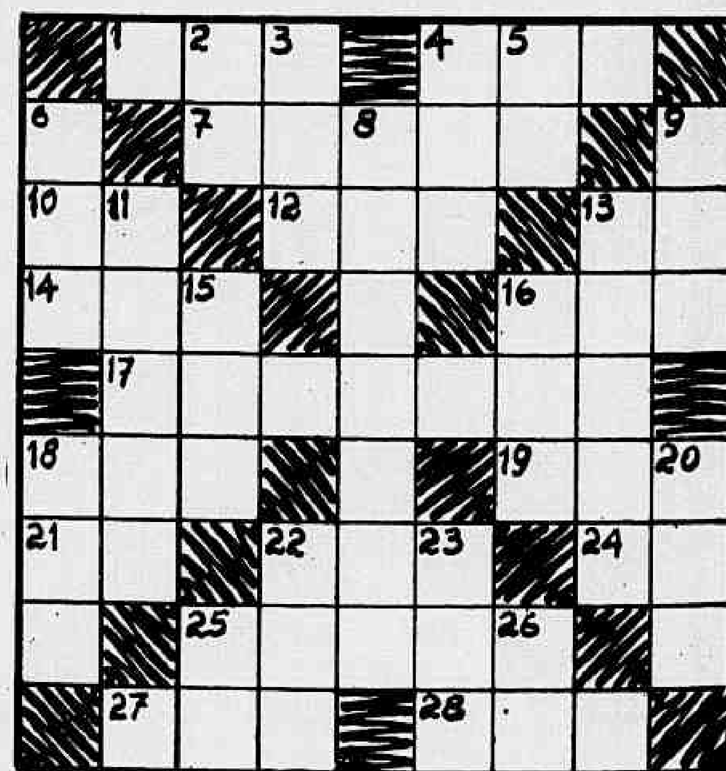
PARA VETERANOS



Horizontais: — 1. Ilha — 5. Ostentação — 9. Espécie de biscoitos — 11. Desfrutar — 12. Sufixo designativo de relação, diminuição — 13. Compare — 14. Símbolo do metal cujo pêso atômico é 87,63 — 15. Vinho feito com o suco fermentado de maçãs — 17. Fermento de vinho — 19. Relativa ao estudo das deslocações da crosta terrestre — 21. Interjeição de saudação — 22. A cidade dos imortais — 26. Peixe amazônico — 27. Sêca — 29. Nota musical — 30. Animal da Sibéria — 31. Gênero de palmeiras do Brasil — 32. Trombeta de guerra dos índios tupi-guaranis (pl.) — 34. Camada — 36. Riqueza — 37. Tontura.

Verticais: — 1. Mensageira dos deuses — 2. Triunfo — 3. Interjeição de espanto — 4. Sôfrego — 5. Desenhei a pontos miúdos — 6. Símbolo do ouro — 7. Cordel vertical do tear ordinário — 8. Interjeição de enfado — 10. Desbastarias saliências — 11. Pessoa que padece de doença mental — 16. Acontecimento terrível — 18. Coral azul — 20. Pronome pessoal — 22. Espécie de bagre — 23. Arriscado — 24. O céu personificado — 25. Espaçar — 26. favorável — 28. Favônio — 33. Símbolo do metalóide líquido de pêso atômico 79,916 — 35. Capitão.

PARA NOVATOS



Horizontais: — 1. Cólera — 4. Possuir — 7. Instrumento de ataque (pl.) — 10. Aqui — 12. Certa planta da Índia — 13. Cento e um romanos — 14. Rebordo de chapéu — 16. Reza — 17. Investira, assaltara — 18. Pedra — 19. Membro de ave — 21. A mim — 22. O mesmo que outa — 24. Preposição — 25. Parede — 27. Fileira — 28. Fôlha de palma.

Verticais: — 2. Batráquio — 3. Lavra — 4. Semelhante — 5. Do verbo ser — 6. Mau cheiro — 8. Vendedor ambulante — 9. Curso de água natural — 11. Abatimento — 13. Contração de duas vogais em uma só — 15. Liga — 16. Reza — 18. Íntimo — 20. Quer bem — 22. Berne — 23. Parente — 25 Símbolo do glucínio — 26. Forma arcaica do artigo o.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 8

PARA VETERANOS

Horizontais: — **éolo** — **mude** — **Rueda** — **Buril** — **aviam** — **argos** — **séria** — **brisa** — **marupiara** — **misologia** — **caros** — **nervo** — **atire** — **irais** — **ratos** — **aatás** — **Arés** — **riso.**

Verticais: — **eras** — **ouvem** — **leira** — **Odair** — **murra** — **urgir** — **diosa** — **Elsa** — **amauroses** — **babilônia** — **matar** — **irite** — **soros** — **gerar** — **Irati** — **avias** — **cara** — **osso.**

PARA NOVATOS

Horizontais: — **gato** — **amar** — **aramara** — **lá** — **amarar** — **oro** — **amido** — **ara** — **eco** — **apara** — **Ari** — **turino** — **ar** — **acatara** — **rami** — **Omar.**

Verticais: — **gato** — **ta** — **ora** — **amame** — **Maricá** — **aradora** — **raro** — **ama** — **arapuca** — **oraram** — **Ariti** — **atar** — **Ana** — **irar** — **oro** — **AM.**



NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ

Eu me pergunto então se aquêles personagens todos vieram nos ver ou se por acaso a nossa mesa está colocada no vestíbulo e usando o meu golpe de vista de arquiteto e medindo as proporções do compartimento opino mais pela hipótese do vestíbulo.

Ninguém responde a esta observação que fiz em voz alta e eu que não tenho a paciência de João Batista e sou de opinião que pregar no deserto é perder tempo, me calo.

E o jantar transcorre no mais respeitoso silêncio enquanto eu tento guardar a lição que acabo de receber.

As mulheres exigem completa adesão a tôdas as suas idéias e invenções, no amor como em qualquer outro assunto ou então o homem passa pelo mais integral idiota e tirano da face da terra. O resto não importa, como por exemplo a teoria da cristalização descrita por Stendhal não tem o mínimo valor para elas.

O homem precisa estar diante da mulher em constante alerta como um vigia, um sentinela de fronteira.

Levanto a cabeça.

Unidas, pelo menos até a próxima discussão entre elas, tôdas as minhas meninas oferecem uma expressão hostil ao rapaz incompreensivo.

Elas já compreenderam certamente que eu pertenço à raça daqueles que mais tarde, como marido, vou ler calmamente o meu jornal ou decifrar palavras cruzadas como se estivesse completamente só numa ilha deserta...

★

No dia seguinte pela manhã a paz voltou a reinar entre nós e as meninas voltaram a sorrir para mim.

Partimos para ver Dubrovnik que tem o aspecto sereno da moça consciente de sua beleza.

Andrea se separou de nós por um momento para comprar um vidro de óleo para bronzear a pela. De volta ela nos contou que atrapalhada com seus dinares e Putniks acabou deixando cair da bôlsa um «baton» que rolou por terra ruidosamente. Imediatamente uma pequena multidão acorreu para junto dela como se vissem cair um saco cheio de peças de ouro. Andrea apanhou ràpidamente o «baton» e saiu mas a caixeira da loja veio atrás dela até a rua e perguntou:

— Aquêle «baton» que a senhorita deixou cair, está a venda?

E como Andrea cheia de surprêsa não achasse o que dizer a outra prosseguiu:

— E meias de «nylon» também, se a senhorita tiver, ou sabonetes.

E Andrea continuou contando as propostas comerciais que recebeu acrescentando indignada:

— Por quem êles me tomam? Por algum mascate? Vendedora ambulante? Caixeira viajante?

— E poderíamos fazer bons lucros também...

E então eu ouso entrar no debate contando que diàriamente recebo propostas para vender meus filmes fotográficos pois os mesmos não existem mais na praça e são adquiridos no câmbio negro por preço proibitivo.

— E você vendeu algum? (perguntou uma delas inocentemente).

— Que é que você quer insinuar? Acha que eu iria tirar proveito da situação precária desta pobre gente?

E não informei que na verdade eu tinha apenas um número reduzido de filmes para meu próprio uso.

E durante alguns minutos as pequenas riram divertidas com a idéia de vender seus «batons» e sabonetes. Gisèle relata:

— Ontem à tarde duas senhoras muito chiques me perguntaram se o meu colete reversível estava à venda, vejam só...

E outra comenta muito séria:

— Estou pensando se poderei ainda tirar algum lucro das minhas velhas meias de «nylon».

E tôdas riram alegremente para depois assumirem expressões muito sérias de quem está fazendo cálculos mentais. Por certo estariam calculando tudo o que poderiam vender com lucro antes de partir sem que precisassem entrar em Paris de «maillot» de banho apenas. E prosseguem os comentários:

— Eu não me importaria de vender aquêle par de sapatos que tanto me apertam os pés... (fala uma sèriamente).

— Eu também tenho uma echarpe há dois anos e já não posso mais olhar para ela. Se alguém me oferecesse um bom preço...

— Afinal (concordam tôdas) seríamos umas idiotas se não aproveitássemos a ocasião.

E naquela noite elas entusiasmadas só pensavam em chegar ao hotel para abrir as malas frenèticamente e dar um balanço nos artigos para vender. E resolvo comentar:

— Mas, finalmente não vamos sabotar a nossa viagem por alguns parzinhos de meias «nylon»...

— Ora, Michel, você já tem idade para saber que as transações são feitas antes que esfriem. O freguês não espera...

E com os olhos brilhantes de entusiasmo elas continuaram na busca precipitada de artigos vendáveis.

Pouco depois saímos. Uma das pequenas entra com ar decidido numa casa comercial enquanto as outras aguardam do lado de fora fazendo cálculos sôbre os lucros possíveis. Mas eis que a primeira volta com ar desapontado bradando:

— Vocês sabem quanto me ofereceram?

— Certamente vocês não esperavam 2.000 dinares (comento eu despreocupadamente).

— 500 dinares! Por uma meia cristal que me custou 900 francos na Galeria Lafayette!

E tôdas se lamentam afirmando que jamais conseguirão lucro algum e eu tento consolá-las mas nem me ouvem e finalmente se contentam em vender alguns «batons» não sei nem a que preço mas pelo número de copos de água que elas tomam durante a tarde calculo o quanto andaram para fazer negócio, e daí faço um cálculo aproximado dos lucros.

★

Peter nos informa que gostaria muito de nos levar a Zafta onde, diz êle, esqueceu um par de calças e umas botas. Nós então perguntamos polidamente se não há um pouco de exagêro em deslocar um grupo grande como o nosso só para buscar aquelas peças mas êle protesta dizendo que há lá uma Casa de Estudantes que terá o máximo prazer em nos receber.

Os estudantes de Dubrovnik nos acompanham e com êles uma jovem magnìficamente bela e com um perfil admirável. Fico tonto de admiração julgando ver a própria Diana Caçadora e estudo uma maneira de me apresentar sem parecer ridículo. Aproximo-me então do guia que entende francês:

— Isto aqui é realmente um relicário de antiguidades...

E então voltando-me em direção à moça apontando-a num gesto indiferente:

— Olhe aquela moça, por exemplo, dir-se-ia uma estátua grega!

E Kolovic, o guia, desata numa gargalhada e depois me informa que se trata de uma espanhola refugiada.

— É... nota-se nela claramente o traço árabe, tal como pensei!

E a bela moça sorria como um anjo e nada mais. Seria muda? Não saberia falar uma língua qualquer? Jamais saberei e enquanto observamos a paisagem, debruçados na sacada da Casa de Estudantes a beira mar cheguei à conclusão de que a mulher ideal é bela, tem olhos e cabelos negros e é muda como um peixe. E quanta poesia descobri no silêncio!

A tarde a conversação vai morrendo entre os turistas e um estudante me informa de que eu terei a felicidade de visitar o «atelier» de um pintor que findou seus dias ali mesmo e cuja casa foi transformada em museu de suas obras reunidas e assim depois de desfilar por ruelas tortuosas chegamos a uma pequena casa que dá para a baía.

A própria viúva do artista nos recebe à porta.

Com uma vista d'olhos compreendo que mãos piedosas reuniram ali obras que lembram a pintura pomposa de 1900, com alegorias e cenas de festas campestres diluídas numa bruma inconsistente.

Todos os estudantes nos haviam acompanhado solenemente. Tentei estudá-los disfarçadamente; ali estava a juventude de um país novo respeitosamente reverenciando aquela coleção de um mau gôsto burguês e fraco.

Desfilando como uma procissão, olhamos sérios os trabalhos procurando algum que mereça os adjetivos que esperam de nós e finalmente encontro um retrato de dama de azul sôbre fundo vermelho e exclamo tentando aparentar entusiasmo:

— Que belo efeito de contraste!

— Não é mesmo? (replica feliz um estudante) e como talvez já tenha percebido êle fêz todos seus estudos na Escola de Belas Artes de Paris...

— Não diga! (exclamo cheio de embaraço).

E o estudante contente com a revelação me abraça emocionado.

★

A noite cai e tomamos o vaporzinho de volta. Os estudantes de Dubrovnik resolvem cantar e Peter, que trouxe seus objetos esquecidos, não esconde a sua alegria. Deslizamos sôbre um mar calmo, ao som das bárbaras canções servas; as meninas agrupadas na pôpa em volta dos cantores, extasiadas.

Chegou a vez da bela espanhola cantar canções flamengas, e eu fico delirante de prazer.

A noite se faz mais escura e tenho o olhar sombrio enquanto os cantos prosseguem lá na pôpa. É que comecei a notar que as máquinas da embarcação estão esquentando demais, o óleo ferve na mais alta temperatura. Que fazer se houver uma pane em pleno Adriático? Devo prevenir o maquinista? Estendo a mão mais para perto da máquina e sinto um calor digno do interior do Sol e começo a pensar no que fazer no caso de uma explosão. E neste caso qual daquelas nove infelizes devo salvar? A pergunta é cruciante mas felizmente me lembro a tempo de que sou o pior nadador e que seriam elas que teriam de me salvar se naufragássemos. Mas o calor aumenta enquanto ouço os cantos sentindo-me como os tripulantes do Titanic que cantavam «Plus près de toi mon Dieu» enquanto o grande navio mergulhava lentamente nas profundezas geladas.

Talvez por milagre chegamos bem ao pôrto.

Nem uma de minhas meninas notou sequer o meu ar abatido durante a travessia e eu guardei meu abatimento em heróico silêncio.

Excitadas como colegiais as pequenas cantavam em côro a Serenata a Split razoàvelmente deturpada.

Subimos àvidamente as escadas talhadas na rocha que levavam até a vila.

Uma moça pálida com aspecto de fantasma estava sentada à sombra do terraço da frente.

Achei algo familiar nela e de repente soltei um grito:

— Léna!

E me precipitei em sua direção louco de alegria.

— Afinal você voltou!

O canto das meninas parou sùbitamente assim como quando na floresta os pássaros param de cantar à chegada de um tigre. E elas cumprimentaram Léna com tôda cerimônia e sem esperar mais nada desapareceram pela vila a dentro.

Notei certo desapontamento nos olhos de Léna e intimamente censurei a atitude das moças e tentei um remendo:

— Não se impressione pelo jeito bizarro das pequenas; elas tiveram um pequeno drama entre elas e eu já estava a ponto de declarar a lei marcial.

— Mas elas cantavam alegremente em côro! (respondeu ela).

— Sim elas cantavam... bem, mas isso... Ora, os alemães e os inglêses cantavam em côro Lili Marlene durante a guerra...

Senti no entanto que aquilo não bastava para convencê-la. Acompanhei-a até a porta do seu quarto tentando melhorar a situação.

De volta, no corredor, à primeira pequena que encontrei eu disse tremendo de raiva:

— Afinal que novidade é essa? Vocês resolveram botar Léna no gêlo daqui por diante?

(Continua no próximo número)

Romance de MICHEL DUCHEMIN

Tradução de SÍLVIA JAMBEIRO

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

● O jovem Michel resolve passar as férias na Iugoslávia e só no dia da partida descobre que viajará com nove moças. O guia por acaso é também uma moça e êle se vê às voltas com elas tôdas na Casa de Estudantes onde se hospedam, na praia, no restaurante socialista, no «subway», no museu e nas cataratas de Erka. As travessias marítimas são outras aventuras assim como os admiradores iugoslavos que as pequenas arranjam e que criam novos problemas para o pobre Michel. Quando resolvem agregar o grupo a outro grupo de turistas as coisas se complicam obrigando Michel a tomar atitudes. Para agradá-lo as meninas se preparam especialmente na noite em que vão a uma buate mas êle nem nota o que as deixa muito ofendidas. Numa loja uma delas deixa cair um «baton» o que provoca imediatamente várias ofertas de compra dêsse e outros artigos raros ali no momento. Os turistas vão também a Zaftat onde têm oportunidade de visitarem a residência-museu de um pintor extinto cujos trabalhos não agradam a Michel que vem a saber que o artista estudou na Belas Artes de Paris. Voltam num vaporzinho que ameaça explodir e chegando reencontram Léna o que muito aborrece as meninas. Michel emocionado, na despedida de Peter, promete acompanhá-lo à estação no dia seguinte e para isso tem de acordar às três da manhã e correr num táxi mas na volta não há condução e êle faz a pé os dez quilômetros até a vila o que o deixa muito de mau humor.



Ademar tambem fêz o seu carnavalzinho. Estêve no Guarujá, ensaiou os passes de uma marchinha, bebeu cerveja e assoviou. E foi aplaudido. Vêmo-lo, no flagrante, ao lado da sra. Marjorie Prado, a «hostes» número 1 de São Paulo.

EM GUARUJÁ AO AR LIVRE

O CARNAVAL dos INOCENTES

MUITO «BROTINHO» SÔLTO QUATRO NOITES SEM PARAR ★ OS VELHOS NÃO TINHAM VEZ ★ HAVIA TANTOS POLÍTICOS NA PRAIA FAMOSA, QUE DAVA PARA SE FAZER UMA CONVENÇÃO PARA A ESCOLHA DO CANDIDATO ÚNICO AO GOVÊRNO DO ESTADO ★ PRATICAMENTE SEM SENÕES OS FOLGUEDOS ★ PRESENÇA DE DOIS FUTUROS CANDIDATOS: ADEMAR DE BARROS E CUNHA BUENO.

Texto e fotos de NORBERTO ESTEVES

O carnaval em Guarujá foi, talvez, o mais inocente de todos os que se realizam pelo mundo em fora. Divertiram-se a valer os foliões, com uso de muita lança-perfume, confete e serpentina, êstes últimos ingredientes próprios para as festas momísticas como há muito tempo não assistíamos. A fina flor da juventude de S. Paulo estêve brincando o tempo todo sem parar. Não houve necessidade de máscaras, pois os folguedos decorreram sem as licenciosidades próprias do carnaval.

Os «brotinhos» mais belos da Paulicéia «fugiram» ao carnaval da capital para a ilha famosa, e entregaram-se às delícias de uma diversão sã. Os velhotes também altamente «sassaricantes» se esbaldaram a não mais poder sem fugir à linha. O ambiente onde se realizaram os bailes era propício, ao «mens sana in corpore sano», pois foi nas bordas da piscina artística que o Grande Hotel mantém para delícia dos seus hóspedes e dos demais habitantes das várias praias que compõem o mais belo cenário do litoral paulista, a ilha de Santo Amaro.

Muitos políticos fizeram de Guarujá o seu refúgio, a maioria descansou, mas alguns se divertiram a valer, inclusive o sr. Ademar de Barros, que a certa altura da festa entrou em cena, acompanhado de amigos caindo no samba por alguns instantes, dizendo-nos que foi sòmente para cumprir o protocolo com seu eleitorado (aliás nestas paragens êle é o manda-chuva).

Linda Batista, mais uma vez, foi a animadora das quatro noites dedicadas ao «pançudo» rei da folia. Na última noite estêve presente, acompanhado por lusidia caravana, o deputado Cunha Bueno, candidato do P.S.D. Êste não caiu na folia, pois disse que «estava guardando energias para a campanha que irá ser dura».

Não houve necessidade de se decorar o ambiente — êste está sempre decorado pela própria natureza — foi um «carnaval nos trópicos» decorado pelas palmeiras, coqueiros, cactos e tantas outras plantas próprias da região que formam um dos mais belos «decor» que temos encontrado, em nossas andanças por outros quadrantes.

Ao findar a folia alguns «mais alegres» arremessavam-se às verdes águas da piscina para o «banho de purificação», mas os guapos policiais não interpretavam como tal a atitude dos rapazes, e iniciaram o ataque às «vítimas indefesas» mas felizmente ficou tudo em «conversa de autoridade», e «sabe com quem está falando».



Linda Batista: garrafa cheia eu não quero ver sobrar...



«La periodista» e el Galã, «cantam loucuras», e divertem-se a valer



A história da maçã é pura fantasia... e a bela Eva se esbaldou.



O deputado e o brotinho, saltitam como cambachirras, não dão bola



O cenário: uma piscina de água muito verde, uma marquise ultra moderna muitas palmeiras, plantas tropicais e serpentina emaranhando tudo isto.



Ali, Ali, Ali Babá...
Ali, Ali, Ali Babá...



A mais alegre grã-fina, espera que o carnaval não termine já...



Hala, hala, hala, coitado do Abdala...



O sambista e professor dança à antiga, mas também se diverte.

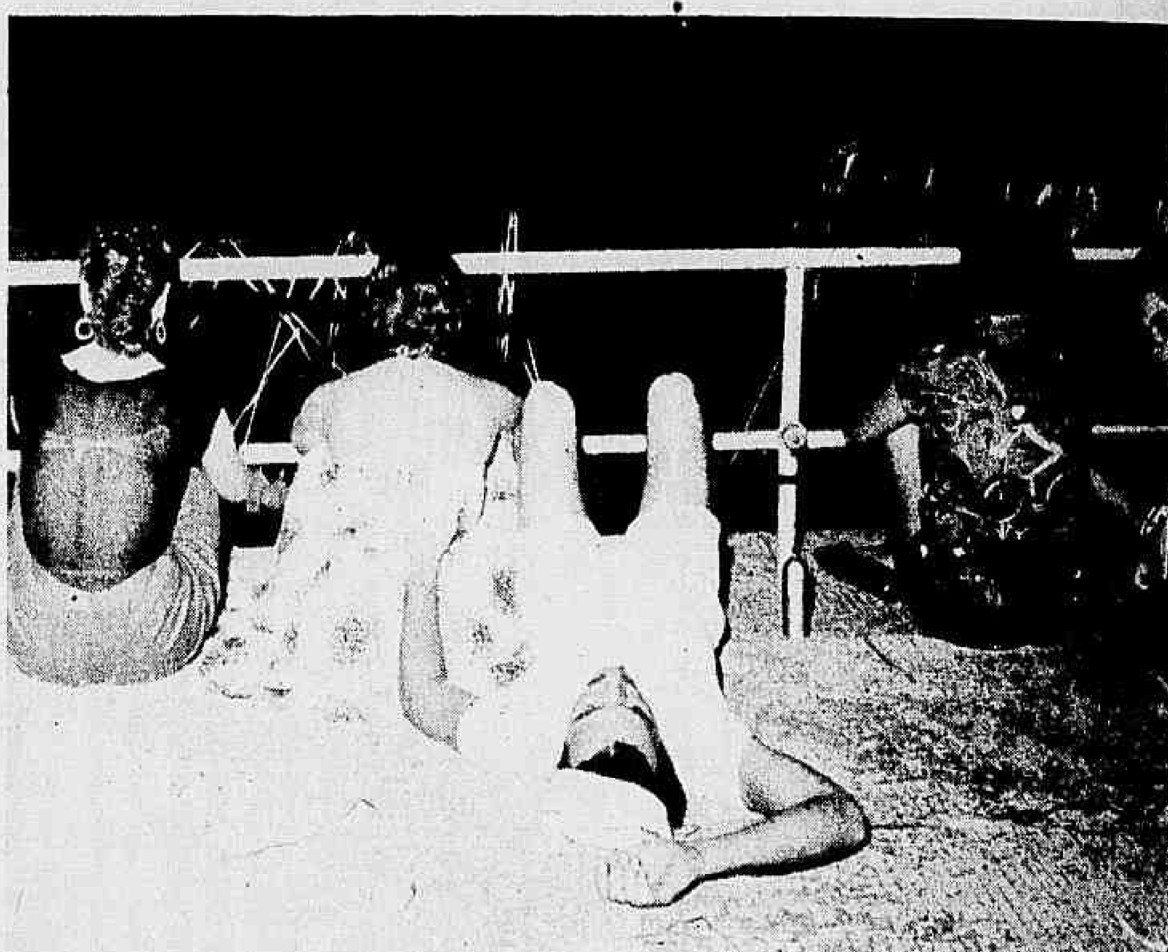
Em Guarujá ao ar livre: O CARNAVAL DOS INOCENTES





O «tomara que caia», caiu, mas a «máscara da cara» não permitiu que ela se ruborisasse.





Cansaço da vida»? Não, sòmente cansaco do carnaval no fim da noite de orgia









Êste foi o par mais constante, iniciou o seu «passo» mesmo antes da orquestra atacar as tão pobres músicas dêste carnaval. Deram sós um «show» a parte. Foram, desde os complicados e exitantes passos do frevo, passaram pelo samba, puxaram cordão e não fôra, estarem em pleno fervor da orgia carnavalesca, acabariam o resto da alegre e estafante noite amplexados num sonolento, dolente e romântico «samba-canção».







Entre as garôtas fantasiadas, uma se sobressaiu, pela sobriedade da fantasia (cigarreira), pela sua alegria e beleza. E dessas beldades ao lado da qual qualquer Marilyn Monroe sòmente serviria para modesta «double». Foi a mais «atacada». Eram «ataques» de confete, de lança-perfume e também de... homens. Mas, indiferente, ela continuou bailando. Sòmente parava para poder ser socorrida, quando atingiam seus lindos olhos.





A mesa que dirigiu os trabalhos da Convenção, vendo-se ao lado do sr. Gileno Dé Carli, presidente do Instituto do Açúcar e do Álcool, o ministro João Cleofas, o governador Amaral Peixoto e o senador Apolônio Sales.

O PROBLEMA DA SUPERPRODUÇÃO NA CONVENÇÃO NACIONAL DOS PRODUTORES DE AÇÚCAR

REFORÇADO O PRINCÍPIO DO CONTINGENCIONAMENTO COMO FUNDAMENTAL PARA O EQUILÍBRIO DA AGRO-INDÚSTRIA AÇUCAREIRA.

A conjuntura que atravessa a agro-indústria do açúcar no país vem recomendando a convocação dos produtores das diversas regiões, para assentar as diretrizes capazes de conjurar, com eficiência e em boa ordem, as dificuldades que envolvem essa atividade econômica. Entre os dias 18 e 22 de fevereiro dêste ano, reuniu-se no Rio a 1ª Convenção Nacional dos Produtores de Açúcar. Precedeu-a, em janeiro do ano corrente, uma reunião dos usineiros e lavradores do Nosdeste e, mais recentemente, um encontro dos homens do açúcar do Estado do Rio de Janeiro, para o exame dos problemas açucareiros em todos os seus aspectos.

O Instituto do Açúcar e do Álcool, que promoveu a Convenção Nacional dos Produtores de Açúcar, logrou pleno sucesso com essa iniciativa. Os seus resultados foram práticos e harmoniosos, inspirados no interêsse coletivo da consolidação da obra da economia açucareira, estudados e acudidos com objetividade os fatôres determinantes do desequilíbrio atual. Tanto nos meios interessados, como na imprensa e no Congresso, foi grande a repercussão do conclave, testemunhando-se, através de vozes responsáveis e qualificadas, a sua importância e oportunidade, não menos que encarecida a expressiva unanimidade das resoluções votadas.

Estas resoluções correspondem, com efeito, à substância da crise que atravessa a agro-indústria do açúcar, particularmente na emergência da super-produção que acarreta, há dois anos, profundas preocupações aos agricultores e usineiros. Conforme expôs o sr. Gileno Dé Carli, presidente do Instituto do Açúcar e do Álcool, no discurso de abertura dos trabalhos, manifestou-se o drama do açúcar brasileiro a partir de 1952, com uma produção de 30 milhões de sacos contra um consumo de 26 milhões, paralelamente aos obstáculos para a exportação dos excedentes, por causa do aviltamento de preços no mercado internacional. Êstes, na última safra, foram de 72 dólares por tonelada Fob, pôrto brasileiro.

Enquanto os preços internos tendem a se elevar, os do mercado externo tendem baixar. Nestas condições, como advertiu o sr. Gileno Dé Carli, será inevitável o prejuízo para a venda, no estrangeiro, de 70 cruzeiros por saco de açúcar.

Se a transformação dos excedentes de açúcar em álcool combustível, política que o I.A.A. vem executando e estimulando, constitui uma das saídas para atenuar o problema da super-produção, a verdade fundamental — como proclamou o sr. Gileno Dé Carli — «é que fora do contingenciamento não há salvação». Há que se limitar a produção, tanto mais agora quan-

do, sôbre a próxima safra paira a perspectiva de um excesso montante a 7 milhões de sacos de açúcar, estimada a produção em 37 milhões de sacos e o consumo em 29 milhões e fração.

A 1ª Convenção Nacional dos Produtores de Açúcar reconheceu essa realidade e afirmou a limitação como base do sistema de defesa da produção açucareira nacional. A advertência e o apêlo do presidente do Instituto do Açúcar e do Álcool foram meditados e orientaram as deliberações dos convencionais, assim no que concerne ao refôrço do contingenciamento da produção, como na reiteração do princípio da unidade econômica nacional para prevalecimento em qualquer solução dos problemas da agro-indústria do açúcar.

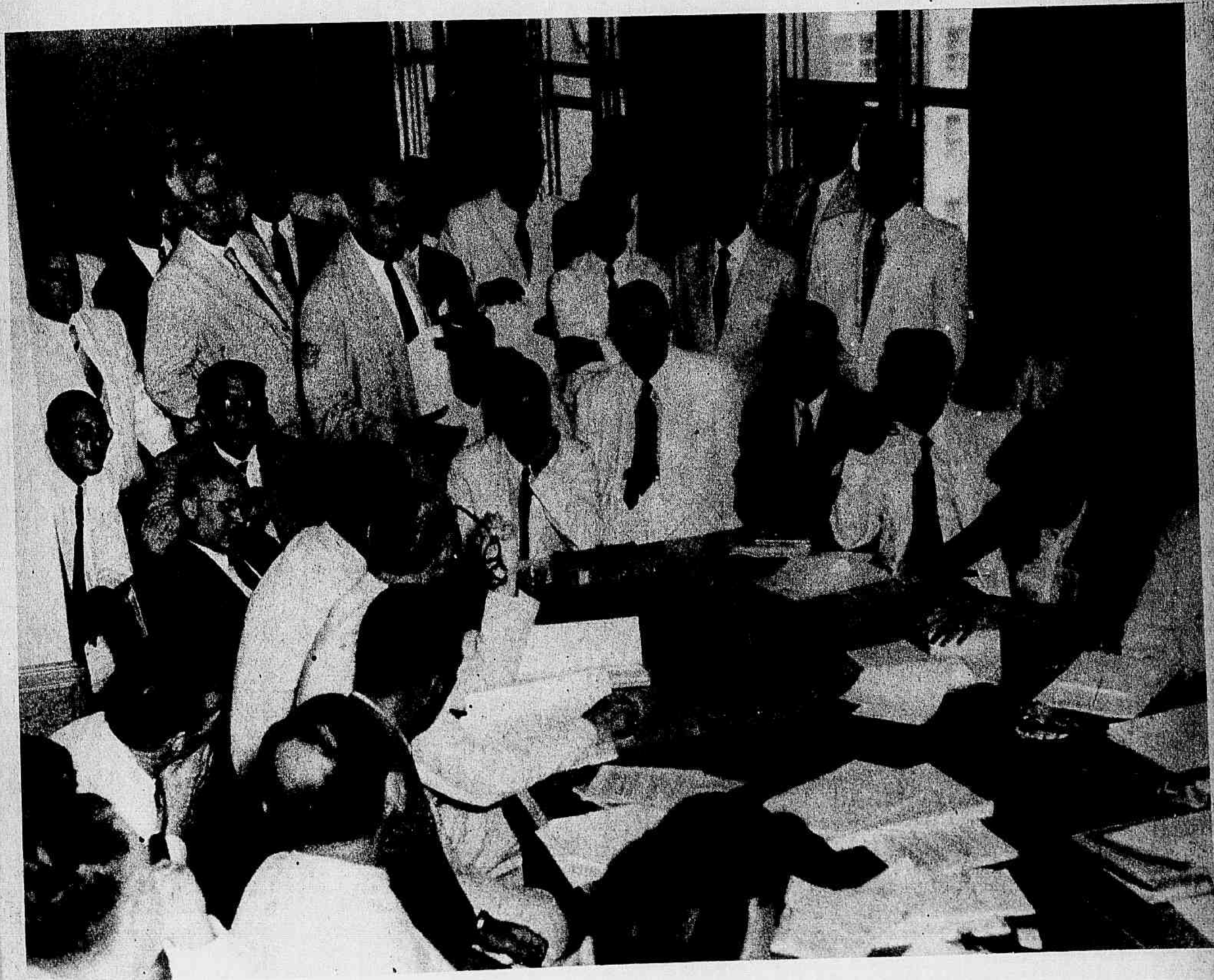
Mais tarde, analisando da tribuna da Câmara dos Deputados as diretrizes traçadas pela Convenção em busca de um denominador comum para os produtores brasileiros, acentuaria o deputado Orlando Dantas que «o Instituto do Açúcar e do Álcool e o sr. Gileno Dé Carli cumprem o seu dever realizando política de unidade nacional, útil à economia brasileira». Por seu turno, no Monroe, o senador Novais Filho apreciaria o fato, decorrente da Convenção dos Produtores, de «a produção açucareira haver podido conciliar pontos de vista divergentes refundindo numa só vontade tantos anseios e aspirações».

Com muita felicidade e propriedade, o sr. Gileno Dé Carli, no discurso de encerramento, classificou de um «código de direitos» as conclusões do congresso dos produtores, que deram «demonstração positiva de espírito e de maturidade dos problemas econômicos da lavoura e da indústria». Na conformidade dêsse código, considerou-se fundamental que a produção intra-limite de cada unidade federativa não sofra qualquer restrição ou sacrifício em conseqüência de soluções para o problema da produção extra-limite. Sendo essa uma afirmação de princípios, a ela correspondem os dispositivos das «medidas essenciais», que os consolidam na recomendação de que a liberação do extra-limite não pode ocorrer, em nenhuma hipótese, sem que esteja assegurada a colocação do intra-limite, considerando, sempre, fora do mercado a produção realizada acima dos limites estaduais. Consolidaram-se, também, aquêles princípios, na manutenção das medidas de contenção da expansão do parque industrial açucareiro nacional, impedindo a montagem de novas usinas.

A política alcooleira do Instituto do Açúcar e do Álcool foi, por igual, consagrada e reforçada, nas resoluções da Convenção. Sòmente na gestão do sr. Gileno Dé Carli, o I.A.A. deu ao Estado de S. Paulo mais distilarias do que tôdas as administrações anteriores do Instituto reunidas. Na forma das recomendações, agora, dos convencionais, o I.A.A. continuará a promover a utilização do parque alcooleiro nacional para aproveitamento de matérias-primas excedentes e ativará a instalação de distilarias centrais nas regiões que não estejam aparelhadas para transformação em álcool dos meis de suas usinas, sem prejuízo do financiamento às regiões açucareiras com extra-limite, bem como do plano de financiamento de destilarias anexas às usinas.



Aspecto de uma das sessões plenárias da Convenção.



Em funcionamento, debatendo as questões do temário, uma das Comissões Técnicas da Convenção.



Sòmente

DJALMA NÃO DRIBLOU A MORTE

A SORTE ANDOU TORCENDO PELO OUTRO LADO

EM MENOS DE QUATRO MESES, A FATALIDADE ATINGIU QUATRO DOS MAIS CATEGORIZADOS «CRACKS» BRASILEIROS ★ UMA SÉRIE DE ACIDENTES QUE DÁ VONTADE DE ACREDITAR EM FÔRÇAS OCULTAS (E IMPONDERÁVEIS).

Reportagem de FRANCISCO RIBEIRO

EM MENOS de cinco meses, quatro acidentes — um dêles fatal — desfalcou profundamente o futebol brasileiro. Foi como uma aragem de má sorte, um pé de vento inimigo que ninguém sabe se já deixou definitivamente de soprar. Primeiramente Marinho, depois Castilho, Djalma e Pinheiro — todos êles tinham, sem saber, um encontro com a fatalidade. O encontro de Djalma seria o último. A morte o esperava, sinistra e inapelável. E êle não soube dribrá-la. Nesta reportagem recordamos êstes quatro momentos aziagos do futebol brasileiro.

DJALMA DOS SANTOS

Comoveu todo mundo a morte do veterano

● O acidente que tirou a vida ao veterano Djalma (Djalma Bezerra dos Santos) ainda não está explicado direito. Há quem diga que foi acidente mesmo; mas houve, igualmente, quem tivesse falado em crime. O «homem dos sete instrumentos» morreu na madrugada de 3ª-feira de carnaval, quando tentava, da janela de um apartamento no andar de cima, alcançar a janela do seu apartamento, no primeiro andar. As primeiras edições dos vespertinos, na quarta-feira, contavam a história por inteiro. E' de um dêles («O Globo») a versão que transcrevemos, e que parece ser a mais exata. Ei-la:

«À tarde, o «player» bangüense participara do «baile dos casados», na sede da Associação dos Empregados no Comércio. Estava na companhia de Ivone Santos, residente à Avenida Mem de Sá nº 72, e de sua irmã, Dulce da Costa Alves, moradora à Rua dos Inválidos, 224, apartamento 8. Em meio às danças, alguém pisara no pé de Dulce. Djalma, interpretando o gesto como proposital, protestou. Houve discussão que degenerou em verdadeiro conflito. O «footballer» teve que enfrentar, numa luta desigual, cêrca de vinte indivíduos, todos êles amigos daquele que pisara, propositadamente ou não, a pessoa que estava em sua companhia. Na luta, Djalma sofrera um ferimento extenso no frontal, do lado direito, recebendo, no H.P.S. três pontos e, com o curativo, uma injeção antitetânica.

Uma vez socorrido, Djalma voltou ao centro da cidade, a fim de participar dos folguedos de rua. Estava muito animado, inteiramente entregue à folia. Cêrca das 22 horas, a sra. Dulce da Costa Alves sugeriu a Djalma que fôssem à sua residência. Deveria trocar de roupas para um baile a que pretendia ir. E então, os três, o jogador, a sra. Dulce e Ivone Santos, com quem Djalma vivia um romance, encaminharam-se à Rua dos Inválidos. Acontecera, porém, um contratempo. Chegando ao apartamento, verificaram que a fechadura não funcionava. Depois de repetidos esforços, desistiram de abrir a porta. A sra. Eunice Bruno, residente no apartamento nº 16, que fica precisamente no terceiro andar, sôbre o 8, que é o de residência da sra. Dulce, sugeriu que Djalma, através da sua residência, alcançasse, no segundo andar, o apartamento 8, entrando pela janela do mesmo, que estava aberta e fôsse franquiar a porta correspondente ao serviço. Foi então que aconteceu o doloroso imprevisto. Djalma subiu ao 3º pavimento, penetrou no apartamento 16 e dali, para descer ao 8, resolveu servir-se de um simples cordel da cortina, improvisado em escada. Amarrou-o à veneziana e iniciou a descida. Os apartamentos 8 e 16 são de frente. Pretendia o «player» atingir a marquise que corresponde ao apartamento 8 e transpor uma das janelas dêste. Foi, porém, infeliz. O cordel, sob o pêso de seu corpo, partiu-se ao meio e Djalma foi cair, em pé, sôbre a marquise. Ali, entretanto, não conseguiu equilibrar-se, talvez ainda sob o atordoamento da agressão que sofrera, e foi rolar lá, em baixo, no meio-fio, caindo de cabeça, na via pública».

Levado para o Pronto Socorro, o «player» do Bangu ainda se manteve com vida, embora na tenda de oxigênio, até a manhã de têrça-feira, quando veio a falecer. Djalma era um dos mais famosos veteranos do futebol brasileiro, morrendo aos 35 anos. Era alagoano, mas começou a jogar em Pernambuco: foi lá que ficou famoso e foi lá que o Vasco da Gama foi encontrá-lo, trazendo-o para o seu plantel em 1944. No Vasco, Djalma ficou até 1949; brigou depois com Flávio Costa (uma briga célebre, de que os jornais da época tanto falaram) e foi para o Bangu. Mas era vascaíno de coração; e no Vasco manteve os seus amigos, e tal o seu amor pelo clube que continuou morando nas vizinhanças do estádio de São Januário.



Djalma ao lado de Zizinho, quando jogavam no Bangu, dois grandes amigos.

Djalma era um «crack» na melhor acepção da palavra, eclético, imaginativo, completo. Jogava indistintamente em qualquer posição — e chegou mesmo, em 1949, a substituir no «goal» do Bangu o arqueiro Luís Borracha, acidentado em campo quando de uma partida com o Fluminense. Disciplinado, nunca foi expulso de campo. Formou uma vez no selecionado brasileiro, quando do campeonato Sul-Americano de 1945, no Chile, jogando de ponta-direita, que era a sua posição predileta. Foi ainda campeão carioca pelo Vasco em 1945 e 47; campeão dos campeões sul-americanos, em 1948, também pelo Vasco; campeão brasileiro pela seleção carioca, em 46; vice-campeão sul-americano em 45, pela CBD e, finalmente, vice-campeão carioca, em 51, pelo Bangu. Era casado, e deixou dois filhos: um de 13 e outro de 12 anos.

A SORTE ANDOU TORCENDO PELO OUTRO LADO

CASTILHO:

Zurich não passava pelo banheiro



CASADO, com empregada e mulher em casa, que diabo queria Castilho com a cortina defeituosa do seu banheiro? Tentou consertá-la, escorregou, caiu, fraturou o pé — adeus Copa Mundial! Não poderia ter acontecido desgraça maior (embora Veludo venha, com suas soberbas intervenções, minorando a catástrofe) ao «scratch» de Zezé Moreira.

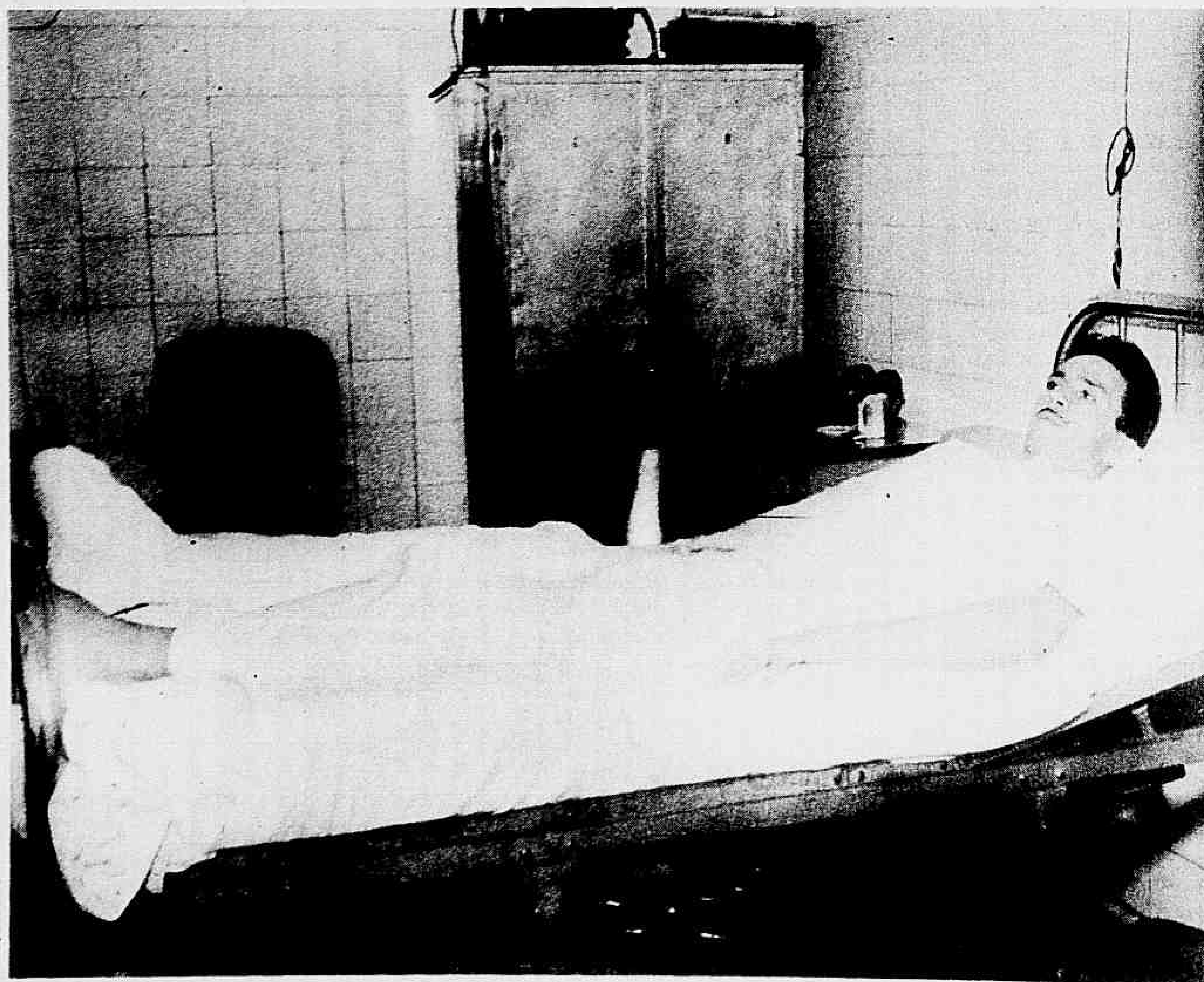
Carlos José Castilhos (a «torcida» reduz tudo isso a um «Castilho» puro e simples) tem 28 anos. Começou a jogar no Olaria, onde nunca estêve em evidência. Transferiu-se para o Fluminense em 1947 e já naquele ano «colhia os primeiros sucessos» (como diria o Scassa), garantindo o pôsto efetivo do clube, no lugar de Robertinho, que se apagava. Mas foi em 1948 que se firmou como o 2º goleiro do Brasil (o 1º era Barbosa). Formou como reserva da seleção brasileira, em 1949, sagrando-se campeão sul-americano. Na Copa do Mundo de 50, a sua situação ainda era a mesma. Mas com o fracasso de Barbosa na última peleja do campeonato (em que perdemos para o Uruguai), Castilho foi automàticamente promovido do segundo para o primeiro lugar. De lá para cá, Carlos José Castilhos continua o «maior». Em 51, a sua glória era imensa: foi a época das grandes pegadas, com a torcida vibrando e lhe dando os mais variados apelidos: «leiteiro», «São Castilho», etc.

Tôda criança constipável tira as amídalas; todo jogador tem de tirar os meniscos: Castilho tirou os seus em 1953, ficando por algum tempo fora de ação. Por causa disso, houve quem temesse pela sua volta ao gramado: diziam que, de volta, êle já não seria o mesmo. Mas logo no seu primeiro jôgo sem menisco Castilho provou que continuava o maior — e na hora de escolher o goleiro de sua seleção, Zezé Moreira não vacilou: escolheu Castilho.

Mas a sorte anda torcendo pelos húngaros. Foi ela que, naquele quieto domingo de bairro, sussurrou ao ouvido de Carlos José Castilhos que a cortina do banheiro estava meio sôlta e que não seria nada de mais que êle desse uma mãozinha à sua senhora e à empregada, consertando o defeito. O resultado já se sabe o que foi: «goal» contra o «scratch» brasileiro.

MARINHO:

Quase que acaba para o futebol



MILHARES de pessoas assistiram, naquele que fôra um dos últimos Fla-Flus do ano, o lance perigoso. Marinho, na porta do arco flamengo, saltara para cabecear contra a meta de Garcia. Foi infeliz, caiu de mau jeito — e não levantou mais. Mas só horas mais tarde, pelo noticiário do rádio, é que a «torcida» tomava conhecimento da gravidade do acidente. Levado diretamente para a sala de operações, na «Cruz Vermelha», Marinho sofreu uma difícil intervenção (o cirurgião foi o dr. Pais Barreto, o mesmo que operou Ademir) que durou perto de cinco horas. Os jornalistas esperavam na sala ao lado. E quando, exausto e pálido, o médico-operador se viu cercado por êles, após a intervenção, só teve uma frase:

— Terminou o trabalho da medicina. Agora só Deus!

O estado de Marinho era realmente sério: «desnível do eixo ósseo, devido à rutura do ligamento cruzado posterior. A cápsula articular do joelho havia sido rompida em tôda a sua porção anti-lateral externa, e em conseqüência de tôdas as lesões o menisco externo ficara igualmente esmagado».

No dia seguinte, vinha, sinistra, a manchete do vespertino: «Marinho não poderá voltar ao futebol». Assim, realmente, acreditavam os médicos. Mas, jovem e sadio, o craque do Fluminense está tendo uma recuperação progressiva, e já se fala que em julho próximo estará êle novamente formando no seu time, para a disputa do campeonato carioca de 1954.

Marinho veio de Bauru para o Fluminense, em 1952, como substituto de Carlyle. Fêz sucesso na «Copa Rio» daquele ano, ganha pelos «cartolas». Mas no campeonato carioca, o craque de Bauru não conseguiu confirmar a sua fama de artilheiro. De fracasso em fracasso, como no samba de Antônio Maria, chegou mesmo (em 1953) a ser encostado durante algum tempo. Reconquistou, depois, a forma e a posição: jogou bem o resto do campeonato, conquistou o terceiro lugar entre os goleadores cariocas e foi sagrado o artilheiro do seu clube.

O sérissimo acidente de que foi vítima aconteceu na 1ª rodada do 3º turno do campeonato carioca do ano passado, quando o Fluminense jogava contra o Flamengo. Jogador arrojado (arrojado demais, dizem alguns) não é a primeira vez que Marinho é atingido. E tem igualmente atingido outros. (Certa vez, numa entrada épica, machucou involuntàriamente o goleiro Ernani, do Vasco, sendo acusado, injustamente, de jogador desleal). Atualmente Marinho encontra-se em Bauru, na casa dos seus, aguardando o completo restabelecimento. Fazemos-lhe daqui uma visita.

PINHEIRO:

A morte disfarçada num violão

QUASE doze horas após a tremenda batida, João Batista Carlos Pinheiros voltou a si, na Casa de Saúde dr. Eiras, e perguntou como ficara a sua «Cadillac». Ficara mal, com o frontespício todo amassado, os vidros quebrados, e as mais sérias avarias no motor. Depois êle contou a história. Chegara do Paraguai morrendo de saudades do Rio e, particularmente, de Copacabana. Ficou dando umas voltas pelo bairro, de madrugada quis ouvir um violão. O amigo que o acompanhava, o «Bola Sete» (não o legítimo, mas o falso, conforme explica o vivo Stanislaw Ponte Preta, do «Diário Carioca») disse que conhecia um violão que morava em Botafogo. Dispararam para lá. Mas uma derrapagem (**silvante**, afirmou um vespertino; **gemebunda**, corrigiu um outro) os deixou ali amarrotados de encontro àquele tabique amarelo da Av. N. S. de Copacabana, no trecho entre Fernando Lemos e Ihangá. «Pinheiro em estado de coma», gritava a manchete no dia seguinte (o desastre havia acontecido às 3,45 da madrugada de uma têrça-feira). Mas doze horas após, a «coma» se transformava, para a alegria geral e tristeza dos paraguaios, numa euforia palradora de quem acaba de driblar a morte.

João Batista Carlos Pinheiro nasceu em janeiro de 32, quando o sr. Vargas já iniciava o seu terceiro ano de suzerania sôbre (e contra) nós todos. Cresceu até 1,80 (aos 14 anos já tinha 1,70, dizem), e, em matéria de futebol, começou no quadro juvenil do Fluminense. Com 16 anos (1,75) era campeão juvenil — isto em 1948. Foi depois convocado para o selecionado carioca de juvenis, sagrando-se campeão nacional. Atuou, em seguida, no «scratch» brasileiro que disputou o 1º Campeonato Sul-Americano de Juvenis, em Santiago — voltou de lá feito campeão da América, e os jornais da época saudaram a sua figura como a de melhor atuação em todo o certame. De volta ao Brasil, ainda formou por algum tempo na equipe de aspirantes do Fluminense, como reserva do uruguaio Lorenzo. No final do campeonato carioca dêsse mesmo ano (1949), foi promovido a profissional, aprovando inteiramente: ficou evidenciado que o meninão jogava melhor inclusive do que o seu antecessor, o referido uruguaio. Mas em 1950 todo o mundo surpreendeu-se em não vê-lo convocado para a seleção que disputaria a Copa do Mundo. (Ainda hoje se diz que a falta de Pinheiro foi uma das razões do nosso insucesso frente aos uruguaios). O ponto culminante de sua carreira, Pinheiro alcançou-o em 1951, quando o Fluminense sagrou-se mais uma vez campeão carioca. Outros títulos de Pinheiro: em 1952, campeão pan-americano de profissionais, em Santiago. Em 1953 foi vice-campeão sul-americano, em Lima; e foi um dos primeiros escolhidos por Zezé Moreira para integrar a seleção nacional que já está disputando a Copa do Mundo de 54.

Pinheiro é de Campos, Estado do Rio. Foi o mais jovem jogador profissional do Brasil, pois tinha apenas 17 anos quando assinou o seu primeiro contrato. Os amigos mais íntimos dizem dêle que precisa ter mais juízo; e o seu alfaiate, que deve parar de crescer.

a SEMANA em REVISTA

CARTAZES

De como espantar visitas

DESTA ou daquela forma, hoje ou amanhã, todos nós sofremos os embaraçosos momentos de enfrentar uma visita inoportuna. O natural constrangimento que nos impede de conversar e, em muitos casos, até de simplesmente falar, não tem escapatória possível, e o jeito é aguentar o visitante (ou visitantes, quando o azar é maior), até que êle se disponha a ir embora.

Como a cortesia não nos permite despachar o inoportuno com um simples "passa fora", apresentamos, depois de cuidadosos estudos, alguns métodos infalíveis de nos livrarmos dêle.

Alguns itens são de nossa própria autoria, tendo sido, os outros, fornecidos por pessoas de longa experiência no assunto:

1) — Para visitas que, embora inoportunas, são compreensivas, explicar apenas que sente não ter nada para oferecer, acrescentando no fim: — Não contava com a sua chegada.

2) — Quando a visita é feita no escritório, ficar falando no telefone e, de vez em quando passar o lenço na testa. E' um remédio excelente, mesmo que não haja ninguém do outro lado da linha, nem suor a enxugar na testa esfregada.

3) — Para visitas em nossa casa, se fôr antes do almôço, consultar o relógio repetidas vêzes, fingindo preocupação. Para o caso da visita aparecer depois do jantar, ir-se pondo à vontade aos poucos (com um limite, é claro). Afroxa-se a gravata, depois tira-se a gravata, mais tarde desaboloa-se o colarinho e, se chegarmos ao extremo de calçar os chinelos sem resultados positivos, o melhor é a total entrega ao inevitável.

4) — Muito bom, também, é receber o recém-chegado com estas palavras: — Que surprêsa! Imagine que eu já ia saindo. Quase que não me pegavas em casa.

5) — Em caso de bom tempo, comentar: — Está um dia (ou noite) lindo para dar um passeio.

6) — Em caso de mau tempo, chamar a atenção da visita para êsse fato e, quando esta fizer qualquer comentário sôbre a chuva, dizer, como quem não quer nada: — Bem, mas isso não é chuva para quem tem pressa.

Êstes, com algumas variantes, são alguns dos melhores métodos de despachar visita paulificante. Há quem use, porém, aquêle buraquinho imperceptível, também conhecido pelo nome de "ôlho mágico", na porta de entrada; o que evita maiores dissabores e até mesmo a oportunidade de pôr em prática os métodos citados.

STANISLAW PONTE PRETA



Colé

Teatros

● Na sexta-feira passada, estreou a primeira revista, de após carnaval: "Brotos em 3-D". O espetáculo traz de volta outro artista que há muito não se apresentava no Rio, Colé, cujo sucesso em São Paulo prendeu-o lá por uma longa temporada. Colé volta como empresário, no Teatro Glória, vivendo os quadros criados pela dupla Haroldo Barbosa e César Ladeira. O antigo companheiro de Celeste Aida, comanda um elenco onde sobressai a figura de Nélia Paula, coadjuvada por Paulo Celestino, Belany, Serrano, Raul Dubois e a "starlet" Paulette Silva — mais Silva que Paulette, segundo o colunista Fernando Lôbo.

● "Também os deuses amam" foi outra estréia da semana que passou. Na quarta-feira, precisamente, Henriete Morineau surgiu no palco do Carlos Gomes, liderando os Artistas Unidos, iniciando a carreira de uma nova peça que se incorpora ao vasto repertório da Cia. "Também os Deus amam" é uma adaptação do filme "Sunset Boulevard" (Crepúsculo dos Deuses), que marcou a volta de Gloria Swanson. Morineau interpreta o papel, que no filme, coube à grande atriz norte-americana.

● Dia 19 (sexta-feira), no Rival, reapresentação de Alda Garrido, com "D. Xepa". No mesmo dia, no Serrador, estréia de "A Rainha do Ferro velho", com Eva Tudor e seus artistas.

Cinema

● A Fox anunciou e acabou não apresentando (pelo menos na semana finda) a sua produção em cinemascope: "Manto Sagrado". E' que a companhia não conseguiu a majoração do preço de entrada, que pleiteara de 15 cruzeiros, ou seja, entradas a 25. O preço dos cinemas no Rio, uma das poucas coisas que foram mantidas pela Cofap, e mais pelo fato de serem (com raríssimas exceções) os cinemas desconfortáveis e sujos, do que, pròpriamente, devida a uma política de manutenção de preços.

Mas veiu a Fox e tentou burlar a tabela, tal como o fizera a Metro, já lá se vão alguns anos, quando apresentou o seu açucarado "E o vento levou". Deu-se mal, porém, e, sentindo que perderia a parada, tratou de explicar que o preço seria o mesmo, de 10 cruzeiros a entrada, os restantes 15 cruzeiros seriam cobrados pelos aluguéis dos óculos polaróides, indispensáveis ao espectador de cinemascope. Boa bola, não há dúvida!

● Já se fala novamente numa recuperação financeira (a custa de empréstimos, evidentemente) das emprêsas cinematográficas de S. Paulo. A Vera Cruz, por exemplo, iria continuar a filmagem do malfadado "Floradas na Serra", que foi interrompido por falta de verba.

Vai ser difícil, pelo menos com relação aos artistas Ilka Soares, Sílvia Fernando e Miro Cerni, principais intérpretes da citada fita. E' que a primeira, segundo os mexericos publicados pela imprensa paulista, espera a visita da cegonha. Quanto à Sílvia Fernanda, conforme noticiamos ao lado, na coluna referente ao teatro, vem de assinar um contrato com Zilco Ribeiro para atuar na sua próxima revista. Já o caso de Miro Cerni é bem diferente. Êle, após o turbulento baile da Espora, realizado nos salões da Sociedade Hípica Brasileira, durante os festejos de Momo, embarcou num carro que, pouco depois batia num poste, deixando o galã bastante machucado. Miro sofreu até uma operação plástica, tal a natureza de seus ferimentos. Está, portanto, no estaleiro, o principal ator masculino de "Floradas na Serra".



Angelita

Boites

● Março entrou com apenas um "show" novo, isto é, o do Night & Day, chamado "Carroussel Paulista" e que é uma homenagem ao IV Centenário de S. Paulo. Trata-se de uma produção de J. Maia e Max Nunes, dupla que está em tôdas. A parte artística é defendida por um grande elenco, onde sobressaem os nomes de Angelita, Dorinha Duval, Dinorah Marzulo e os bailarinos Marga Vernon e Juan Carlos Mut. "Carroussel Paulista" é um espetáculo nos moldes daqueles que está acostumado a apresentar a "boite" do Hotel Serrador; artisticamente fica muito aquém daqueles que apresentam outras casas noturnas da classe do Night & Day, mas não se poderá nunca negar a animação que reina na pista de danças, sempre que o empresário Lanthos ali encena um novo espetáculo.

● No mais, há o Monte Carlo, quase às môscas, ainda mais agora que, indo a leilão, foi arrematado pelo Banco da Prefeitura. Não sabemos se o prefeito vai lançar os seus próprios "artistas", ou se vai deixar a coisa como está, isto é, sob a direção do mesmo Machado. O Beguin, depois daquele excelente "Quem roubou meu samba?" fechou para férias coletivas do pessoal e só reabrirá em abril, apresentando atrações internacionais. O Vogue, atualmente sem "show", contratou a cantora francesa Renée Lebas, que deverá ser a atração daquela elegante "boite" durante o próximo mês.

Coisas e graças de São Paulo

CARLOS MARIA DE ARAUJO

GENTE DE ALGO — O Conde Francisco Matarazzo, comemorando o centenário do nascimento de seu pai, doou à cidade a Faculdade de Ciências Econômicas por êle mandada edificar. A «Faculdade Francisco Matarazzo», que é a mais importante da América do Sul, está orçada em duzentos e cinquenta milhões de cruzeiros.

A COMISSÃO — Continua a troca de cartas entre o governador e o prefeito para que seja eleita uma nova Comissão das Festas do Quarto Centenário, desmantelada com a saída de Cicillo Matarazzo e outros membros, solidários com êle durante o conflito provocado por Jânio Quadros.

FENÔMENO — Um tal Antônio Guerreiro, que, pelos vistos, é guerreiro mesmo do «crescei e multiplicai-vos» registrou em cartório quatro gêmeos no tempo record de dois mêses, recebendo o prêmio dos heróis. Mas como há sempre gente do contra, apuraram que o nome do senhor Guerreiro rima com solteiro e que tudo não passou de uma fantasia motivada pela falta de dinheiro...

O SOBRENATURAL — A menina Tereza Venturino diz que ouviu e viu uma Santa que lhe anunciou milagres espetaculares no septuagésimo dia após o Carnaval. Gente à bessa já assentou arraiais no Arraial de São Miguel implorando alguns milagres por conta.

Entretanto o demônio não esperou setenta dias para fazer das suas e a despeito dos «vade retro» ditos em todos os tons (do mais cortez ao mais furibundo) pelo barbudíssimo Frei Paulino, atira cadeiras pelo ar, quebra louças e assarapanta os moradores de uma casa vizinha, à de Terezinha Venturino.

CENAS — Enquanto Dinah Silveira de Queiroz festeja o prosseguimento das filmagens do seu livro «Floradas na Serra», o mano Miroel traduz e faz levar à cena «Uma certa viúva», de Jean Wall. O «Imperador Galante» está fazendo misérias depois que reincarnou no Odilon da Dulcina. «Uma certa cubana», reedificada noutro teatro, continua abrigando o triângulo amoroso Tônia Carrero, Paulo Autran e Maurício Barroso.

GASTRONOMIA — Por causa do Brasil-Paraguai lemos num jornal esportivo esta fantasia culinária: «e os guaranis, que tinham preparado a festa, que tinham comprado os doces e as bebidas e até a orquestra para comemorar a vitória sôbre os brasileiros, comeram apenas o confeito preparado pelo emérito cozinheiro Baltazar, confeito verde amarelo, que como os bolos de aniversário festejava a vitória».



Frei Paulino, «o tal» dos «vade retro Satana...»



Rhonda Flemming e Jean Louis Lacerda Soares



Ela fêz anos — «River Side», um sucesso.

● *Fora de dúvida, o fato social mais importante desta semana foi o "cock-tail" da sra. Vicente Galliez, em Petrópolis. Mais uma vez o casal recebeu com perfeição e simpatia, a pretexto do aniversário da sra. Leda Galliez (uma das 10 mulheres mais elegantes da última lista), que fazia anos na segunda e comemorava no domingo. A fim de cumprimentar a anfitriã no dia certo, todos ficaram até depois da meia-noite. A um canto da sala, as sras. Alvaro Catão, Fernando Delamare e Didu Campos bateram um longo papo, concordando que "River Side" é realmente um sucesso.*

RESISTE BEM AO CALOR

Na recepção da sra. Leda Galliez, em face do calor, quase todos os homens vestiam-se de tecidos leves. Mas, o sr. Lauro Salazar Rigueira, indiferente, trajava terno de casimira, colete de flanela e uma gravata de lã. Estava heròicamente bem vestido.

A "SAMAMBAIA" É O CENTRO

Em Petrópolis, a propriedade do casal Fernando Delamare continua a ser o centro da vida social dêste verão petropolitano. Como nos anos passados, "Samambaia" vem sendo palco de torneios de tênis, competições de natações, etc. Ganhe ou não, o competidor recebe sempre o bom prêmio da hospitalidade eficiente.

MAIOR QUE O MARACANÃ

O sr. Jorge Campos está montando sua casa em Petrópolis. À primeira vista, tem-se a impressão de que se está num estádio. Depois, esta impressão persiste. Realmente, em sua propriedade há campo de tênis, futebol, "ring" de box, piscina, enfim, uma verdadeira praça de esportes. Uma casa sob medida para seu dono.

CHAMPANHOTA

PETER

PLINNIO E O SEU CARRO

Na garage do prédio onde mora, o senador Plínio Pompeu coloca sempre seu carro mal parado, dificultando a passagem de outros veículos na saída. Acontece que para não arranhar o «Jaguar» do senador, os outros carros arranham-se contra a parede. Tire o carro daí senador, pois do contrário a pintura do carro da gente fica tôda no cimento.

HARRY STONE LEVA UM «PITO»

O simpático e dinâmico Sr. Harry Stone, representante da «Motion Picture» no Brasil, trabalhou heròicamente pelo Festival Internacional do Cinema e ainda por cima, quando tudo terminou, levou um «pito» danado de certa pessoa que gosta muito dêle.

MARILU CRESPI E PANCHO OSMA

O caso aconteceu assim: anos atrás, veio ao Rio o Sr. Pancho Osma, jovem banqueiro peruano, pertencendo a uma das primeiras famílias de seu país. Êle era portador de uma carta dos Marquezes Longo de Vichieturo (ela nascida Sra. Negra Bernardez, mãe de Jacinto de Thormes) ao colunista do «Diário Carioca» para que êste o levasse a conhecer a cidade. Nos dias seguintes, Jacinto de Thormes levou-o a todos os lugares bonitos da cidade, convidando-o inclusive para jantar no «Vogue» com as Srtas. Danuza Leão e Anna Rosa Lemos Lessa. Voltando à sua terra, Pancho soube que uma prima do cronista se encontrava em Lima resolveu retribuir as gentilezas recebidas, convidando-a para sair. Assim se conheceram Pancho Osmar e Marilu Crespi, que são o centro de um novíssimo romance, conforme se comenta em sociedade. O certo é que Pancho está sendo esperado no Rio, justamente agora que Marilu acaba de regressar de Lima.

EXPOSIÇAO CUBISTA

Com um formidável sucesso social e cubista, inaugurou-se a exposição dêstes artistas no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Entre os artistas, expôs novamente o pintor italiano Vedova, recentemente premiado na II Bienal de São Paulo. Vedova pretende expor, em Veneza, próximo mês de junho, um conjunto de telas com motivos brasileiros.

DIVERSAS

Nasceu o filho da Sra. Jaime Bastian Pinto. O filho recebeu o nome do pai. Parabéns para todos. O famoso cabelereiro francês, Armand, para alegria das senhoras elegantes e que gostam de andar penteadas, vai abrir um salão na Avenida Atlântica. A Sra. Margarida Andrade comemorou seu aniversário com um jantar de quase vinte pessoas no «Vogue». Tudo perfeito. A Sra. Lena Pinto Silveira, depois de correr alguns países da Europa, acaba de chegar à Barcelona. Dali ela seguirá para a capital da India, onde deverá ser hóspede da nossa embaixada.

JOHNN GOSTA DE NAVIO

A Sra. Aloysio de Salles resolveu dar uma distração a seus filhos que fôsse igualmente instrutiva. Assim, comprou pratos crus e deu para seus filhos pintarem. Depois, a Sra. Peggy manda cozinhar os pratos. Assim, para sua casa de Petrópolis vai sendo construido o mais pessoal, bonito e simpático serviço de jantar que se tem notícia. Johnn prefere fazer navios grandes, que vão para a terra de mamãe.

(Fotos Rio Magazine)



Um flagrante da festa do Sr. Atila Soares — «Baile dos Pintores».



O casal de colonos estrangeiros, com o filhinho, ao chegar à terra gaúcha, bela concepção do grande monumento.

Dos pés descalços às botas de sete léguas

"Ó LOURO IMIGRANTE QUE TRAZES A ENXADA AO OMBRO..."

OITENTA ANOS DE IMIGRAÇÃO E OS SEUS RESULTADOS HOJE ★ MEMÓRIA DE UMA COLONA DE 1875 E A SUA ODISSÉIA ★ UM MONUMENTO QUE RECORDA E GRAVA A BATALHA DA COLONIZAÇÃO GAÚCHA E REVERENCIA TODOS OS IMIGRANTES QUE AQUI CHEGARAM.

Reportagem de WILSON MACHADO

Fotos de SANTOS VIDARTE

FOI por volta do ano de 1875. Algumas dezenas de homens, mulheres e crianças desembarcavam no litoral do Rio Grande do Sul e iniciavam uma marcha para o interior do Estado. No ombro rude carregavam suas trouxas e alguma ferramenta de lavoura. Eram tôdas as suas posses trazidas de além-mar, da Itália distante. Vinham em busca do eldorado, da terra nova, do espaço vital, que a Europa velha estava em crise. O que foi a odisséia dêsses primeiros colonos ainda pode ser lembrado num esfôrço por vêzes exaustivo para ver o êxito da batalha da colonização. Era moça e forte quando partiu naquele ano de 75 a bordo de um navio a vela que deixava a península. Durante a viagem, que lembrava muito as agonias dos navios negreiros, morreu o marido. Mas, ainda a bordo, nasceu-lhe um filho. E foi assim que a colona corajosa, um belo dia após dois meses de travessia do Atlântico aqui desembarcava, com um filho ao colo e outros pela mão. Juntamente com outros companheiros de jornada, subiram penosamente as encostas do vale do rio Caí.

NASCE UM PARAÍSO

A partir da epopéia escrita pela anciã e seus companheiros, novos soldados da colonização foram chegando, enfrentando percalços, uma via-crucis inteira de dificuldades sem a mínima facilidade que rege hoje os planos imigratórios. Foram chegando, agrupando-se, derrubando matos e cultivando as terras. A princípio, o único instrumento era a enxada e êles passam semanas e semanas em pleno campo, virando a terra, comendo e dormindo ao pé da ferramenta de trabalho. Aos poucos começavam a se delinear os resultados da luta imensa. Vinhedos extensos margeavam estradas novas de terra vermelha. Casas foram nascendo e se multiplicando. O vinho generoso da uva bem cultivada começava a ganhar cartaz. Loiras crianças de faces vermelhas, já nascidas na região desde cedo participavam com os pais da batalha de um progresso que se mostrava vertiginoso.

. Começavam a nascer vilas e municípios, como produto exclusivo da riqueza da uva, dos vinhos e de outras culturas daquela zona da serra. Surgiu Caxias do Sul, um poema de trabalho e de amor à terra, surgiu Bento Gonçalves, produtora de uvas de qualidade. Centenas de cantinas ponteiam aquêles municípios da colônia, Farroupilha, Veranópolis e outros. Nas pegadas da pujan-

Bronze reproduzindo a Lei que mandou erigir o monumento.



ça agrícola, começa agora a nascer a riqueza industrial, sendo um exemplo a poderosa metalúrgica Eberle, existente em Caxias.

A EPOPÉIA EM GRANITO E BRONZE

Agora, oitenta anos passados sôbre a chegada dos colonos de pés descalços, a região marcha com botas de sete léguas, conforme exaltou um orador durante os festejos realizados em Caxias na quinzena passada. Um paraíso foi plantado na serra, adubado com o suor e a vida dos primeiros colonos.

Planejado há cinco anos, ergue-se agora o monumento dominando uma colina nas vizinhas da cidade de Caxias. A obra ideada pelo escultor Antônio Caringi, evoca os antigos colonos e faz uma síntese da batalha da colonização. No obelisco, uma seqüência de três quadros alusivos. Ao lado, sôbre um pedestal, um gigantesco casal em bronze (ela com um filho ao colo, êle com uma enxadas ao ombro e com a mão em pala perscrutando os horizontes, terras por êles cultivadas, as montanhas cobertas de vinhedos e suas cidades. Em baixo, numa pesada porta de bronze, o baixo relêvo de um gaúcho recebendo o colono, simbolizando a fraternidade do natural com o imigrante que lhe veio trazer sangue novo. E a seguinte legenda: «Ó louro imigrante que trazes a enxada ao ombro...»

Um milhão e quinhentos mil cruzeiros foi o preço do monumento. No que possa valer um símbolo de pedra e bronze em retribuição ao que nos deram os colonos a custa de tanto sacrifício, lá está na colina batida de ventos o monumento do imigrante. E' um conjunto grandioso e suas figuras talhadas no granito evocam e comovem o espectador. O casal em bronze representa a marcha permanente do colono, que deixou a pátria antiga pela pátria nova que reclama braços para tirar do seu seio a riqueza adormecida na terra gorda — ela espera a semente para a brotação. E o imigrante lançou a semente agora transformada no lençol vasto de parreiras, de trigais que ondulam por sôbre as colinas, nos milharais, nos pomares cuidados como se cada pé de fruto fôsse um próprio filho.

Novos imigrantes continuarão a chegar, que esta terra é larga e poderá abrigar uma boa parcela da humanidade. Lá no alto da colina o símbolo servirá de pórtico e recepção e apontará ao estrangeiro trabalhador o exemplo daqueles primeiros soldados da colonização.



Vista geral do Monumento, quando turistas o visitavam, e na outra foto, o gaúcho estende a mão aos imigrantes.

Detalhes-cenas da imigração estrangeiro no Rio Grande do Sul.





NÃO CENSURADO

MEDEIROS LIMA



Quando Zenóbio da Costa comunicou a Vargas, no Rio Negro, que iria indicar Mendes de Morais para Inspetor Geral do Exército, o Presidente respondeu:

— Pode convidá-lo.

Mas, em seguida, acrescentou:

— Vou precisar depois de Mendes de Morais para um pôsto civil.

Vargas não revelou, no entanto, qual o pôsto que reserva para Mendes na alta administração pública, mas é certo que dificilmente o reconduzirá à Prefeitura, embora se considere selada a sorte de Dulcídio Cardoso.

O Presidente espera melhor oportunidade para facilitar ao atual prefeito do Distrito uma lua-de-mel longe de suas preocupações atuais com administração, onde só tem tido oportunidade de ressaltar suas qualidades negativas. Quanto às positivas... Bem, esta já é outra história.

●

ETELVINO FAZ SUA «CAIXINHA»



Etelvino Lins, que se tornou famoso nessa segunda fase de sua vida pública pelo esquema político que tomou seu nome, não está despreocupado com o seu problema local, que reside em assegurar sua posição em Pernambuco. Etelvino, que é bastante realista, sabe que necessita de recursos para enfrentar seus possíveis adversários no Estado. E não foi por outra razão que chamou a palácio alguns homens influentes na vida econômica e financeira do Estado e indagou:

— Será possível encontrar trinta pessoas de boa vontade capazes de contribuir, cada uma delas, com trinta mil cruzeiros para a próxima campanha eleitoral?

Dias depois Etelvino Lins depositava em banco os primeiros seis milhões de cruzeiros com os quais espera comandar a batalha das próximas eleições. Sem, ao que parece, recorrer aos cofres estaduais.

●

JANGO ALIA-SE A ADEMAR



Jango Goulart, que andou por Montevidéu, onde tem negócios, prepara-se para retomar às atividades políticas, após alguns dias de repouso em sua estância em São Borja. Afastado do Ministério do Trabalho, não considera encerrada sua carreira no plano nacional. Agora dispõe-se, por exemplo, a realizar uma manobra de longo curso em São Paulo.

Jango está convencido da inviabilidade de um candidato de seu próprio partido à sucessão de Garcez, com o qual acredita ter algumas contas a ajustar. Não podendo eleger um governador de sua intimidade, prefere, receioso de uma derrota, inclinar-se para Ademar de Barros, em cuja vitória começou a acreditar. Em troca desta aliança exigirá que lhe sejam entregues alguns postos no futuro govêrno de São Paulo, e que serão preenchidos por homens de sua confiança.

Há quem acredite que Vargas não é estranho à manobra.

●

BARRETO E AS «ESTRÊLAS»

Barreto Pinto, que trocou as suas extravagâncias políticas pelo teatro, de onde, aliás, jamais saíra, é agora considerado protetor de atrizes, cantoras e coristas. Diretor do Serviço de Teatro da Prefeitura, Pinto, recentemente, contemplou Fernanda Villamayor com um emprêgo no Municipal. Villamayor, conhecida corista argentina, é célebre pela sua beleza, e até bem pouco tempo merecia as simpatias de Silveira Sampaio, exibindo-se no «Beguin».



Último Flash

A TERCEIRA DIMENSÃO NÃO MEXEU COM O PÚBLICO

● **Depois de serem lançados com grande publicidade (e tapeação) vários processos de cinema em relêvo, o carioca ficou completamente desiludido. Nenhuma das projeções apresentadas correspondia sequer aos textos propalados nos jornais. E, no entanto, a má fé dos exibidores explorava a onda que vinha-se fazendo em tôrno do Cinerama (o único e verdadeiro processo em terceira dimensão) e cujas exibições num cinema de Nova Iorque já passavam de dois anos. Finalmente, e com muito atraso, chegou o processo 3-D em Warner Color, apresentando a nova versão do famoso «Museu de Cêra». Foi instalada uma tela especial no Odeon, foram instalados cartazes, foram instalados avisos, e foi instalado um guarda — para garantir a ordem. A bilheteria, impaciente, começou a esperar o público. De duas em duas horas chegava um espectador curioso, lia os avisos, e acabava entrando. O guarda não teve o menor trabalho, os óculos não chegaram a ser todos utilizados, e o «Museu de Cêra» permaneceu vazio. O público já estava inteiramente saturado.**

Um LIVRO PARA CADA GÔSTO!



VENDAS:

VIDE ABAIXO, À DIREITA, AO LADO DO TALÃO.

40 ROMANCES FAMOSOS

Cr$ 10,00 cada ou todos os 40 por 350,00

- 179 – Sienkiewicz – QUO VADIS
- 181 – O RETRATO DE DORIAN GRAY
- 184 – O ASSASSINATO DA RUA MORGUE
- 195 – Flaubert – MADAME BOVARY
- 207 – Dostoiewski – CRIME E CASTIGO
- 245 – Dostoiewski – O JOGADOR
- 218 – Tolstoi – ANA KARENINA
- 222 – José de Alencar – IRACEMA
- 224 – Alencar – UBIRAJARA
- 225 – José de Alencar – DIVA
- 226 – Alencar – A VIUVINHA
- 238 – Alencar – A PATA DA GAZELA
- 241 – José de Alencar – SENHORA
- 256 – Alencar – O TRONCO DO IPÊ
- 300 – Alencar – O GUARANI
- 208 – Emile Zola – A TABERNA
- 216 – Theophile Gautier – MLLE. DE MAUPIN
- 269 – Zola – TERESA RAQUIN
- 210 – V. Hugo – O HOMEM QUE RI
- 223 – Dumas – O CONDE DE MONTE CRISTO
- 262 – Alfred de Musset – AS DUAS AMANTES
- 227 – J. M. Macedo – A MORENINHA
- 228 – J. M. Macedo – O MOÇO LOIRO
- 243 – Macedo – AMORES DE UM MÉDICO
- 273 – J. M. Macedo – PAIXÃO ROMÂNTICA
- 274 – J. M. Macedo – A NAMORADEIRA
- 229 – Dumas – A DAMA DAS CAMÉLIAS
- 248 – ROMANCE DE UM MOÇO POBRE
- 249 – Ohnet – O GRANDE INDUSTRIAL
- 290 – Afonso Daudet – SAPHO
- 252 – Stevenson – A ILHA DO TESOURO
- 254 – S. Pierre – PAULO E VIRGINIA
- 255 – Charlotte Bronte – JANE EYRE
- 180 – Emile Zola – NANÁ
- 265 – Austen – ORGULHO E PRECONCEITO
- 261 – Emile Zola – GERMINAL
- 215 – Emile Zola – A BESTA HUMANA
- 285 – Spielhagen – A VIÚVA ALEGRE
- 289 – Warin – ROMEU E JULIETA
- 293 – Lamartine – GRAZIELA

30 LIVROS PRÁTICOS

a Cr$ 15,00 cada ou todos os 30 por Cr$ 400,00

- 13 – COMO LER OS PENSAMENTOS
- 14 – COMO LER AS MÃOS
- 26 – ERROS DE PORTUGUÊS
- 64 – GRAFOLOGIA PRÁTICA
- 28 – SELEÇÕES DE RUI BARBOSA
- 36 – MANUAL DO MOTORISTA
- 51 – REGRAS PARA JOGOS DE CARTAS
- 53 – DICIONÁRIO DE RIMAS
- 61 – ELETRICIDADE DO AUTOMÓVEL
- 69 – TIRA-DÚVIDAS DE PORTUGUÊS
- 96 – DATILOGRAFIA SEM MESTRE
- 129 – JIU-JITSU SEM MESTRE
- 135 – NATAÇÃO SEM MESTRE
- 141 – APRENDA A DIRIGIR SOZINHO
- 146 – RÁDIO PARA PRICIPIANTES
- 149 – REGRAS DE ETIQUETA SOCIAL
- 153 – FÓRMULAS PARA GANHAR DINHEIRO
- 156 – ASSIM SE EMAGRECE COMENDO
- 158 – APRENDA A FAZER MÁGICAS
- 159 – APRENDA A VIVER
- 165 – DECLARAÇÕES DE AMOR
- 168 – A ORTOGRAFIA CORRETA
- 169 – ANEDOTAS MODERNAS
- 186 – VOCÊ SABE CONVERSAR?
- 187 – GUIA DE MASSAGENS
- 190 – REGRAS OFICIAIS DE FUTEBOL
- 192 – 1001 INFORMAÇÕES ÚTEIS
- 193 – DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS
- 199 – HOMEOPATIA PARA TODOS
- 209 – É FÁCIL GANHAR DINHEIRO
- 212 – LEVANTAMENTO DE PESO
- 237 – GUIA DE REDAÇÃO OFICIAL

SEXUAIS

87 – Para Limitar os Filhos	20,00
67 – Estimulantes Sexuais	15,00
5 – Guia Íntimo da Sexualidade	15,00
4 – Costumes Sexuais Estranhos	15,00
6 – Vigor Sexual	20,00
164 – Testes de Masculinidade e Feminilidade	15,00
18 – Como Evitar a Solidão Amorosa	15,00
95 – Anormalidades Sexuais	20,00
125 – Práticas Sexuais no Matrimônio	20,00
127 – Hábitos Sexuais do Homem	20,00
3 – Felicidade Sexual no Casamento	15,00
145 – Vença a Timidez Sexual	20,00
7 – Dicionário Moderno do Sexo e Amor	15,00
66 – Problemas Sexuais dos Solteiros	15,00
91 – Estudos Sôbre o Amor e o Sexo	15,00
92 – Conquista Amorosa e Sexual	15,00
166 – A Educação Sexual dos Filhos	20,00
174 – Manual da Vida Sexual	20,00
160 – Enfermidades Sexuais	20,00
191 – A Cura da Impotência Sexual	20,00

MOULIN ROUGE

131 – SENSUALIDADE – 1.º volume	20,00
132 – SENSUALIDADE – 2.º volume	20,00
133 – SENSUALIDADE – 3.º volume	20,00
134 – SENSUALIDADE – 4.º volume	20,00
172 – TEORIA E PRÁTICA DO EXISTENCIALISMO	15,00
206 – AS AMANTES DO IMPERADOR	10,00
178 – Henry de Kock – GRANDES CORTESÃS – 1.º volume	15,00
217 – Henry de Kock – GRANDES CORTESÃS – 2.º volume	15,00
148 – OS ENCANTOS DA MULHER NUA (Poesias)	15,00
140 – Júlio Ribeiro – A CARNE	25,00
93 – A ARTE E A TECNICA DO BEIJO	15,00
65 – Emile Zola – O BANHO	15,00
124 – PARA CONQUISTAR AS MULHERES	20,00
136 – PARA CONQUISTAR OS HOMENS	20,00

PALAVRINHAS CRUZADAS

INFANTO-JUVENIS
UM Nº NOVO POR MÊS

INSTRUINDO com PALAVRAS CRUZADAS DIVERTINDO com PASSATEMPOS, FIGURAS PARA COLORIR e QUADRINHAS. Capa à côres e inteiramente ilustrado.



Volumes da mesma série: cr$10,00 cada.

- 157 – Cock-Tail de PALAVRAS CRUZADAS Nº 1
- 279 – Cock-Tail de PALAVRAS CRUZADAS Nº 2
- 100 – Cock-Tail de PALAVRAS CRUZADAS Nº 4
- 108 – Cock-Tail de PALAVRAS CRUZADAS Nº 5
- 109 – Cock-Tail de PALAVRAS CRUZADAS Nº 6
- 111 – Cock-Tail de PALAVRAS CRUZADAS Nº 7









INTERIOR

Peça pelo REEMBÔLSO POSTAL, enviando o seu pedido pelo talão abaixo para o Rio de Janeiro.







VENDAS

RIO:
Rua do Ouvidor, 150
Avenida Rio Branco, 25
SÃO PAULO:
R. Conselheiro Crispiniano, 403
BELO HORIZONTE:
Rua da Bahia, 884

E nas "LOJAS BRASILEIRAS DE PREÇOS LIMITADOS" de todo o Brasil.

Editôra GERTUM CARNEIRO

AV. RIO BRANCO, 25 — DEP. — RIO
(Não temos catálogo)
Peço enviar pelo REEMBÔLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

BASTA INDICAR O NÚMERO
(Não mande dinheiro ou selos, nada adiantado)
Nos pedidos abaixo de Cr$ 100,00 há aumento de 10%

NOME . . . .
RUA . . . .
LOCALIDADE . . . .
ESTADO . . . .









Um armista...

... é aquêle que distingue, entre os artísticos brazões de uma coleção heráldica, o de mais sugestiva significação e bom gôsto. E é êsse dom de discernir o melhor que leva os fumantes a preferir



hollywood

uma tradição de bom gôsto

H-88.247

UM PRODUTO SOUZA CRUZ